

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

ALMIR DE CASTRO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Memória da saúde pública no Brasil

Entrevistado – Almir de Castro (AC)

Entrevistadora - Cristina Fonseca (CF) e Wanda Hamilton (WH)

Data – 16/12/1993, 05/01/1994, 03/02/1994 e 10/02/1994

Local - Sem informação

Duração – 7h10min

Transcritor - Denise Duque Estrada

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

CASTRO, Almir Godofredo de Almeida e. *Almir de Castro. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória da saúde pública no Brasil, 1993-1994*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 167p

Resenha biográfica

Almir Godofredo de Almeida e Castro nasceu em Salvador, BA, em 04 de dezembro de 1910. Estudou nos Colégios Santo Inácio e Aldridge no Rio de Janeiro, diplomando-se em 1931 pela Faculdade Nacional de Medicina da antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Frequentou o Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos) de 1932 a 1934; nesse mesmo período foi assistente da cadeira de Medicina Tropical da antiga Universidade do Brasil. A partir de 1934 foi assistente por dois anos da Secção de Química e Terapêutica do Centro Internacional de Leprologia da Sociedade das Nações. Em 1935 fez o Curso de Higiene e Saúde Pública do Departamento Nacional de Saúde (DNS) [ou da Universidade do Brasil? dúvida?], diplomando-se em 1936, quando ingressou como médico sanitário do DNS, sendo assistente técnico da diretoria do Serviço de Saúde Pública do antigo Distrito Federal. Em 1938 foi designado delegado federal de saúde da IV região, que engloba os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, ficando até 1940; nesse ano ingressou como assistente no Serviço de Estudo das Grandes Endemias (SEGE) do Instituto Oswaldo Cruz, indo em seguida para os EUA, onde obteve, em 1941, o diploma de “Master of Public Health” pela Universidade John’s Hopkins. De volta ao Brasil em 1942, foi chefe da Secção de Administração Sanitária da Divisão de Organização Sanitária (DOS) para, em seguida, ser convidado para dirigir o recém-criado Serviço Nacional de Peste do Ministério da Educação e Saúde, nele permanecendo até 1953. Nesse ano se dá a criação do Ministério da Saúde desvinculado da Educação e o entrevistado se afasta da pasta da saúde, dedicando-se, a partir daí, exclusivamente à educação. De 1954 a 1964 foi diretor de programas da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foi vice-presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBRACC) de 1962 a 1963, e do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) de 1963 a 1964. Em 1963 coordenou a missão científica brasileira ao leste europeu. Em fevereiro de 1964 deixou a direção da CAPES para assumir a vice-reitoria da Universidade de Brasília (UnB), durante a gestão de Anísio Teixeira, ficando nesse cargo até 1965, quando foi nomeado diretor executivo associado do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro. Dois anos depois tornou-se consultor geral da Sociedade Brasileira de Instrução (SBI) do Conjunto Universitário Cândido Mendes e, a partir de 1985, assessor especial da diretoria, permanecendo neste cargo até 1995, ano de seu falecimento. Foi membro de comitês de peritos de vários órgãos das Nações Unidas e participou de diversas reuniões da Organização Mundial de Saúde, da UNESCO e da Repartição Sanitária Pan-Americana.

Sumário

Fita 1 – Fita 2

Referência a sua família: pai, mãe e avós; seu nascimento na Bahia, infância e primeiros estudos no Pará, em Santos e no Rio de Janeiro; considerações sobre os Colégios Santo Inácio e Aldridge, onde estudou no Rio de Janeiro, sobre o Professor César Salles e o estudo das ciências naturais; sua entrada para a Faculdade de Medicina aos quinze anos; breves comparações entre os estudos de sua época e os de hoje; o trabalho pioneiro de Carlos Chagas; sua opção, já nesta época, pela carreira médica ligada à saúde pública; seu interesse pelas questões sociais; a paixão pela literatura e a influência francesa; sua decisão em fazer o Curso de Aplicação do Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos) porque era pré-requisito para a entrada no Curso de Higiene e Saúde Pública do Departamento Nacional de Saúde (DNS); seu trabalho como voluntário no “Pavilhão Carlos Chagas” ligado ao Curso de Medicina Tropical, ministrado por Carlos Chagas, da Faculdade de Medicina da antiga Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); o modo como as questões de saúde pública eram tratadas na época; sua amizade com Carlos Chagas Filho e seu professor Carlos Chagas; o Curso de Higiene e Saúde Pública do DNS; menção ao fato deste curso ser pré-requisito para o sanitarista entrar no DNS; seu trabalho no Centro de Estudos de Leprologia; comparação entre Evandro Chagas e Carlos Chagas Filho; menção aos trabalhos de Gustavo Capanema, João de Barros Barreto, J. P. Fontenelle e Ernani Braga; sua ida para estudar na Universidade John’s Hopkins em 1940 e considerações sobre o curso; os modelos de saúde pública dos Estados Unidos e da Europa; menciona rapidamente o convite para ser Delegado de Saúde dos Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas; opinião sobre o Departamento de Administração do Serviço Público (DASP), contrapondo-o às regras do funcionalismo público vigentes nos dias de hoje; o encaminhamento dos orçamentos do Serviço Nacional de Peste ao DASP; o fato da carreira de sanitarista ser pouco procurada; o Serviço Nacional de Peste: a organização de cursos e a contratação de pessoal; o tempo integral para os sanitaristas.

Fita 3 – Fita 5

Seu primeiro trabalho no Serviço de Saúde Pública do Distrito Federal como assistente técnico da diretoria desse Serviço, de 1936 a 1938, encarregado de organizar o Serviço de Bioestatística dos Departamentos de Saúde dos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão e Ceará, a convite de J. P. Fontenelle; informações gerais sobre o Serviço de Saúde Pública do Distrito Federal; o trabalho pioneiro de Carlos Chagas; a profissão de enfermagem e a criação da Escola de Enfermeiras Ana Nery; o serviço dos engenheiros sanitários nos Centros de Saúde; comparação dos serviços de saúde entre as áreas rurais e urbanas; relação entre os serviços federais, estaduais e municipais de saúde; a atuação de J. P. Fontenelle e sua relação com a política mais ampla; breve comentário sobre o Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema; questões levantadas sobre a criação da primeira Delegacia Federal de Saúde no Rio de Janeiro em 1939; breve comentário sobre o seu trabalho de visitador sanitário, ainda como estudante, convidado por Clementino Fraga; seu trabalho na Delegacia Federal de Saúde da IV Região (NE), a convite de João de Barros Barreto: o serviço de combate à peste, a subdivisão em circunscrições, setores e distritos, a relação com os serviços de saúde dos estados, o combate à malária junto com o trabalho oferecido pela Fundação Rockefeller; referência aos trabalhos de Ernani Braga, Mário Magalhães da Silveira, Valério Konder, Oscar de

Brito e (?) Lessa; sua ida para os Estados Unidos para frequentar o Curso de Saúde Pública da Universidade John's Hopkins; comparações entre o curso realizado nos Estados Unidos e o Curso de Saúde Pública do DNS; o convite feito por João de Barros Barreto para dirigir o recém-criado Serviço Nacional de Peste; rápida menção à criação do Serviço Nacional de Malária e do Serviço Nacional de Lepra; os Serviços de Bio-estatística dos Departamentos de Saúde dos Estados; questões acerca do encaminhamento da saúde pública como atividade sistemática; a criação do Serviço de Estudo das Grandes Endemias (SEGE) por Evandro Chagas; o Centro Internacional de Leprologia da Sociedade das Nações; referência a Mário Pinotti e Alfredo Bica.

Fita 6

A criação dos Serviços Nacionais de Saúde em 1941; o trabalho desenvolvido à frente da diretoria do Serviço Nacional de Peste, de 1942 a 1954: os cursos promovidos para treinamento de pessoal, medidas de prevenção à peste, orçamento do Serviço, relação com os habitantes locais, informações sobre a sua demissão, referência a Miguel Couto Filho e Aristides Celso Limaverde; atuações de Mário Magalhães da Silveira e Valério Régis Konder como seus assistentes na Delegacia Federal de Saúde; o Serviço Nacional de Peste e sua relação com: os outros Serviços Nacionais, o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), governadores de estado e prefeituras; as modificações ocorridas com a utilização de novas técnicas de medicina, tais como o uso do DDT e vacinas; técnicas utilizadas para efetuar a desratização; o Serviço de Saúde dos Portos; a grande diminuição da incidência de peste no período em que o entrevistado foi diretor do Serviço Nacional de Peste; o tipo de tratamento utilizado nos pacientes com peste; a educação sanitária; o ressurgimento da Sociedade Brasileira de Higiene em 1942; referência a Mário Pinotti, Leônidas Deane, Manoel Ferreira e Samuel Libânio; a vida social dos médicos sanitaristas da época no Nordeste e o tipo de relacionamento existente entre eles; menção a Ernani Braga, Tito Lemes Lopes, Carlos Chagas Filho e aos melhores colégios do Rio de Janeiro; o momento político de redemocratização em 1945 e a saída de Getúlio Vargas do poder; a reinfestação do *anopheles gambiae* no nordeste do Brasil; o debate para criação do Ministério da Saúde; rápida menção a duas comissões que o entrevistado participou, a primeira para elaborar um projeto de código sanitário em 1945 e a segunda para regulamentar o Ministério da Saúde em 1953; a situação da saúde pública no país ao longo dos últimos anos; questões sobre medicina preventiva; referência à Gilson Amado e ao Centro Acadêmico da Faculdade de Direito; a Comissão de Bem Estar Social do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio; o desenvolvimentismo e a atuação de João Goulart; observações sobre o estigma de ser comunista na época.

Fita 7 – Fita 8

Os encontros internacionais que o entrevistado participou: a I Assembléia da Organização Mundial de Saúde (OMS) realizada em Genebra, em 1948, o Bureau Panamericano de Saúde realizado em Washington, as comissões de peritos da OMS, a apresentação do trabalho “Organização dos Serviços Sanitários” na Conferência Sanitária Panamericana, realizada em Caracas em 1946, os assuntos tratados pela Comissão de Peritos em Peste da OMS e nas reuniões de quarentena internacional, o Seminário de Ensino de Medicina Preventiva da Organização Panamericana de Saúde (OPS), realizado em Viña del Mar, Chile; centralização/descentralização dos serviços de saúde; o clube de cinema e o jornal também sobre cinema editados pelo entrevistado e um grupo de

amigos na época da juventude; sua paixão pelo cinema; razões para o seu afastamento da saúde pública; opinião sobre Miguel Couto Filho; sua reação com a saída da saúde pública e a entrada para a área da educação; o convite feito por Anísio Teixeira; perfil de Anísio Teixeira; seu trabalho de estruturação da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES); o pedido de demissão da CAPES depois do golpe militar de 64; a atuação de Darci Ribeiro e do próprio entrevistado à frente da criação da Universidade de Brasília (UnB) a partir de 1960; os Centros Brasileiros de Pesquisas Educacionais coordenados por Anísio Teixeira; a formação intelectual do entrevistado; seu trabalho no Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), levado por Darci Ribeiro; viagem como membro do grupo de especialistas ao leste europeu em missão científica, no ano de 1963, idealizado por Darci Ribeiro; conjuntura na Universidade de Brasília por ocasião do golpe militar de 64; seu trabalho no Museu de Arte Moderna, RJ, como diretor executivo de 1966 a 1968; apreciação sobre a sua aposentadoria; a ida para a Faculdade Cândido Mendes em 1967; a criação do Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ); breve balanço da sua vida atual; os encontros entre os médicos sanitaristas que ocorrem mensalmente.

Data: 16/12/1993

Fita 1 - Lado A

WH - O sr. nasceu em Salvador, não foi? Na Bahia e...

AC - A nossa família direta era pai, mãe e dois filhos. Meu pai era de família cearense. De pai político e mãe proprietária. Eram pessoas, eram, eram famílias abastadas. Minha mãe era filha de um engenheiro, ah, muito conhecido em, em Recife, era uma e de uma, de casado com uma portuguesa e minha mãe nasceu no, na cidade do Cabo, em Santo Agostinho.

WH - Qual era o nome do seu pai?

AC - Hum, ah... Meu pai(ri), quando tinha catorze anos, foi mandado pra Europa onde ficou onze anos. Porque tinha asma. Então foi mandado para Europa onde ficou sete anos na Alemanha, em Osnabruck. E dois anos depois, foi estudando as coisas que um rapaz daquela idade estuda, não é? Quer dizer cursos secundários e etc. E depois passou dois anos em Londres e dois anos em Paris para aprender inglês e francês. Naquele tempo as pessoas não vinham de férias, ah, de férias para o Brasil, então foram onze anos de, de ausência da família, de aprendizado da, de vida e etc etc.

WH - Ele foi morar sozinho lá na Europa?

AC - Ele tinha catorze anos, era morando num colégio interno.

WH - Com catorze anos, ah... estava num colégio interno.

AC - Era num colégio interno. Bom, quando voltou, eu comparo muito a casa dos meus avós... paternos, que eram pessoas mais ou menos abastadas, que era no bairro do Monteiro em Recife a, ao "Jardim das Cerejeiras", a ao livro "O Jardim Das Cerejeiras" de Tchekov. Porque era todo dia, depois não ... acabava-se os afazeres do dia se os havia, e as pessoas se reuniam, tomavam café, vinho do Porto, à sombra das, das mangueiras etc etc. E então meu pai quando chegou, quando chegou ele tinha, é onze mais catorze, tinha vinte e cinco anos e não cuidou de de começar a trabalhar, fazer as coisas, é, era um tempo que tinha a a *Jeunesse Dorée*, assim de de... Pernambuco, de Recife mais precisamente, eh...e ele passarinhava, porque ... tomava banho de rio e essas coisas assim(ri) e só depois é que ele começou a fazer alguma coisa mais(ri) assim meio timidamente, só.

WH - E ele chegou a fazer Universidade lá na Europa? Ou ...

AC - Não, não, não, fez só coisas secundárias. Bom, e então, aí ... um belo dia, não sei como conheceu minha mãe, que não era de festa nem dessas coisas, e e foi pedí-la em casamento à, à minha avó, que perguntou logo qual era o emprego (risos)... como ele dissesse que que estava assim, estava começando... fazendo... essas coisas de caixeiro viajante que... compra e vende e tal, e ela disse: "O sr. então, quando tiver um emprego, volte aqui"... Bom, (ri) e ele então tomou-se em brios,

fez um concurso para a a Fazenda e então, ah..., habilitou-se a ser ah..., a carreira de, a carreira de, aduaneira, qual é a carreira da, de de, vamos dizer de ah... guarda-mora, tipo guarda-mora, essas coisas todas e aí se casaram e etc etc. Como estavam na Bahia na na ocasião em que eu nasci, eu nasci na Bahia um... pouco...

WH - Mas o sr. é baiano... de coincidência?

AC - De coincidência, porque estava lá. Normalmente seria de Recife, seria do Ceará, ..., num desses lugares.

CF - Porque o seu pai, o sr. disse que o seu pai era de uma família abastada do Ceará, né?

AC - Do Ceará, é.

CF - Qual era o nome do seu pai? O sr. não... nos disse.

AC - Do meu pai?

CF - É.

AC - Miguel Joaquim de Almeida e Castro. (vozes) Filho de... do... pai dele que também era Miguel de Almeida e Castro que foi constituinte de 91, que... enfim... foi deputado e senador ... anos e anos ...

WH - Ele era o que? Fazendeiro da região...o que...

AC - Não! Ele era bacharel.

WH - Político mesmo.

AC - Era bacharel, ...era político, pode-se dizer que era político.

WH - Ah....

AC - Era político...E e o meu...E eram duas irmãs e dois irmãos. Um um irmão morreu cedo, Joaquim, mais velho que o meu pai, e as irmãs morreram quando chegou a hora, muito depois, já morreram...bastante ...

WH - Irmãs do seu pai, né?

AC - Irmãs do meu pai, bastante idosas. Bom, então eu nasci, posso dizer que nasci por acaso na Bahia e onde fiquei muito pouco tempo. Uns dois anos, três anos, fomos para o Pará, depois então viemos para Santos.

WH - Mas o seu pai viajava assim, era (ruído) da profissão dele?

AC - Não era viajar. Ele, ele era transferido de um lugar para outro.

CF e WH - Ah, sei...

AC - Bom. Em(ri), em...na na Bahia para o Pará foi um pouco por castigo. Porque ele era Caxias, assim muito, muito ... (ri) daquele daquele tipo rigoroso alemão, não é? E então revistou a a bagagem do, do governador. E aí...(ri), duas semanas depois foi transferido para o Pará. Bom, depois então do Pará viemos para Santos, onde eu ... foi o primeiro lugar onde eu tive tive...a, a ... um aprendizado. Bom. Então eu... com sete anos, eu fui para um... uma coisa que é...é..., era, era fabulosa, hoje não deve existir mais. Que eram os pequenos ...pequenos colégios de de pouca gente, de de professoras, assim de de moças muito preparadas e que, pegavam a turma assim e ensinavam do bê-á-bá, ensinavam a ler e todas as coisas assim, matérias conexas e geografia, história, ah, matemática e etc. E então em dois anos, depois de eu estudar dois anos nesse colégio, meu pai foi transferido, foi transferido... para aqui, pro Rio de Janeiro. Bom...

WH - Quer dizer, o sr. começou seus estudos lá em Santos...nessa escola...

AC - Sim. Estudos, esses estudos, dois anos, para aprender a ler. Na minha casa havia, havia...(ri). Meu irmão era um pouquinho descuidado em, em..., matéria de de ensino. Então achavam que era porque tinha aprendido a ler com cinco anos. Então já estava..., estaria cansado quando chegasse aos oito e etc(risos). E então por isso eu comecei aos, aos sete anos... Bom, aqui chegados, nós fomos, fomos ao Colégio Santo Inácio... E, e nós... dois fomos exam..., fomos com o meu pai. E nós dois fomos examinados pelo Padre Franca. Leonel Franca... O Padre Leonel Franca me disse: "Se você tivesse estudado francês, ia para o pre..., para o 1º ano ginásial". Eram cinco naquele tempo, de fazer preparatórios, distribuídos por esses cinco anos. "E, o seu irmão...". Para o meu irmão ele disse: "Se você tivesse estudado latim, iria pro 2º ano ginásial, mas como não estudou, vai para o 1º". E aí, ficamos nesse colégio três anos. Era o tempo de preparatórios. Tinha assim cinco anos de preparatórios. Fazia-se um ou dois no 1º ano, geografia, história do Brasil, depois fazia um outro e etc, até chegar no fim, tinha os doze preparatórios, que podia entrar para qualquer... Escola Superior. No fim desses dois anos, que foram muito felizes, para nós era um colégio externo. Muito grande o Colégio Santo Inácio, muito acolhedor. Era..., tinha três recreios imensos. Tinha um riacho que passava no fun..., é ..., no no fundo no, do colégio. É..., muitas árvores, ah, eram ..., havia representações no palco, havia as dignidades colegiais quatro vezes por ano, quando se distribuíam prêmios, coroas de louros, coisas desse ti..., coisas desse tipo..., é, montavam pequenas, pequenas peças. E muita gente, ... até pessoas que sobressaíram muito no, na na vida profissional e na vida científica, eram do Colégio Santo Inácio nesse tempo. Bom...

WH - Era um colégio muito rígido, Dr. Almir? Em termos de disciplina...

AC - Era. Tinha total disciplina. Total disciplina. Mas era, era acolhedor, era... Eh, tinha fila e no meio ficava um, que marcava as pessoas que conversavam, ... Tá entendendo? Era aquela coisa de padre, de jesu... era ...jesuítico. Tá entendendo? Bom . E... mas tinham um, um corpo docente com algumas pessoas muito importantes, ..., de de muita boa categoria. Outros eram dados pelos padres mesmo, línguas coisas assim, ... não..., e se ..., era um colégio muito bom da de primeira linha do

Rio de Janeiro. Mas... depois desses dois anos, meus pais acharam que era melhor nós irmos para um colégio interno onde havia mais obrigação de trabalho, horas de trabalho, horas de de estudo, etc, etc e nós fomos para o Colégio Aldridge, que era na Praia de Botafogo. Onde depois foi um... desses, um desses... British American School... Como é que se chama?... Um... desses colégios muito conhecidos, mas e hoje não sei..., acho que nem nem existe mais talvez o prédio. Era um colégio muito bom também, mas de um outro tipo. Era um colégio inglês... E nesse colégio nós ficamos mais três anos. Quer dizer, eu tive, ..., além desses dois anos de iniciação, eu tive três anos no Santo Inácio e três anos no no Aldridge, donde, aonde se colocou um pouco no fim ao problema de, de que carreira escolher. Bom... para isso, eu acho que foi muito decisiva a, a figura de um professor César Salles, que era um bahiano, que era professor de história natural, que nesta outra, acho que foi nessa outra entrevista que vocês falaram, que eu tive também a ocasião de, de falar nisso, nessa...essa pessoa influenciou muitas, muitos hoje, ..., cientistas de, de alto, de alto mérito e que, eh... foram inspirados por César Salles. Tiveram, adquiriram o gosto pela pesquisa e pelo estudo de ciências naturais por causa do César Salles, Salles...

CF - Bom, a gente entrevistou, não sei se o sr. conheceu, o Dr. Moussatché?

AC - Haity, Haity Moussatché, foi um deles, é.

CF - Ele foi, ele foi aluno do César Salles.

AC - Foi aluno do César Salles. E isso é uma coisa ...

WH - O senhor era contemporâneo ... do Dr. Mussachet?

AC - É..., ele deve ser um pouquinho mais moço do que eu talvez ou da mesma idade. Deve andar pelos oitenta aí, né? Bom e ... muitas, muitas outras pessoas ... e, então... eu coloquei que carreira... Ninguém quer ser pesquisador, né?...A, a carreira..., a história natural, as, as ciências conexas, etc, etc, era, era o que me interessava... Então como isso, nesse tempo não havia ainda Faculdade de Filosofia com todos aqueles ramos e etc, e então eu digo: "Bom, então, vou, vou, vou para a medicina".

CF - Mas, o sr. não me contou como é que o César Salles inspirou o sr. pra ... a área de ciências, ciências naturais...

AC - Não. Eu digo, ele, ele, porque ele dava aulas, ele era o único professor que saía. Íamos para o Jardim Botânico, íamos para o Museu Nacional, íamos para, para, ... "n" lugares, quando ele mostrava as coisas, as coisas, é..., não, não mostrava no livro a folha como era, nem nada. Mostrava a verdadeira folha. Mandava-se colher coisas, ...espécimes, etc... Man... apanhava um besourinho pra mostrar, então e, e isso ele, ele dava uma, uma aula que não era uma, uma pequena conferência...assim....era...

CF - Era uma aula prática, mesmo.

AC - Era uma aula também prática. E então, então...realmente houve essa influência sobre toda uma,

uma geração.

WH - Ele foi, ..., professor do sr. em que escola?

AC - No Aldridge.

CF - No Aldridge.

AC - É. E tinha também um professor muito bom, que o... ensino era muito bom lá, tinha um professor de, de..., álgebra e geometria e etc, matemáticas, que era o professor Assís, que era também muito bom, ... era, era, era um colégio realmente muito, muito capacitado. Bom, então... com outros amigos que um dia, eu tinha outros amigos que iam para medicina, especialmente Tito Leme Lopes, já falecido, foi porque tinha sido meu colega no Colégio Santo Inácio e foi um amigo de toda vida. ... Então resolvemos fazer o, o vestibular de Medicina. E eu era muito moço, eu... fiz anos em..., eu, eu fazia aniversário no dia 4 de dezembro, quer dizer eu fiz quinze anos no... assim princípio de dezembro e logo... dez dias depois fiz o vestibular para Medicina. Bom, então...

CF - Quinze anos?

AC - É. Quinze anos. Naquele tempo, ... a..., hoje o, o estudo é mais, é, é, é mais extenso, se estuda mais do que se estudava naquele tempo e depois houve os pré-médicos, os pré, pré-isso, pré-aquilo e etc, etc. Naquele tempo não, vinha-se diretamente e ... eram, eram turmas muito grandes, para o vestibular de Medicina, praticamente só havia duas faculdades aqui no Rio. A de Medicina e a Hann..., Hannemaniana. Bom, a Faculdade Hannemaniana. Não havia essa profusão de escolas privadas como há hoje, havia..., muito, muito poucas e tinha a Escola de Niterói, também, né? Que, que era a mesma coisa que ser do Rio. Bom, ..., então aí começamos o nosso, o nosso estudo, a..., todo aquele, todo aquele ritual de, de trotes, ..., estudantes e etc...

WH - O sr. fez..., fez uma espécie de vestibular para entrar pra medicina...

AC - Não, espécie não. Um vestibular. Muito rigoroso.

WH - E, e eram muitos alunos que concorriam com o sr.?

AC - Muitos alunos que concorriam. Entraram trezentos e tantos. ...A Faculdade ...tinha..., imensos anfiteatros, era, era muito pomposa aquela Faculdade, dali, na Praia Vermelha. Que hoje, não sei o que, ... está se passando lá, se é ...

WH - Hoje funciona outra Universidade lá, em Comunicação...

CF - Educação.

WH - Educação ...

CF - É da UFRJ.

AC - ... E então ali eram grandes anfiteatros ..., me lembro muito, as aulas tinham uma, as aulas tinham uma certa majestade assim, ... Afrânio Peixoto nos dando aula. O ..., o Pacheco Leão que era biologia. Ah ...? O ..., ah ... Enfim, todo um elenco de, de professores muito bons, o Lafaiete, que era ... Rodrigues Pereira que era o professor de física, que era um, um sábio. Né? E então começamos a, ali a conviver com, com pessoas que não eram as vezes apenas professoras, outros que eram também pesquisadores e, e nomes conhecidos e etc, etc. E ..., e fomos, ah ..., e fomos, ah ..., passaram-se os, passaram-se os seis anos.

WH - O, o seu irmão também fez Universidade?

AC - Não, não. O meu irmão não, não quis estudar, é ... Superior, quis logo trabalhar e, e assim fez. Né?

WH - Quer dizer, o seu pai estimulou, para o sr. fazer Universidade ...

AC - Sim ..., não ..., lá ..., nós ..., era um pouco o que a pessoa decidia depois de um certo... Né? De um certo pensamento, etc. Ele não ..., ele, ele só ... dizia não gostava de estudar. Mas, no fundo gostava muito bem, falava muito bem o inglês, ..., aprendeu menino em Santos. Né? E ..., enfim não, não quis, preferiu trabalhar, ser, ser mais, mais independente. Né? E assim foi feito. Aí...

CF - O sr. só tem um irmão?

AC - Só. ... Tinha. Bom ... ah ...

WH - Qual era o nome dele?

AC - Miguel.

CF - Miguel.

AC - Tinha o mesmo nome do meu pai. Miguel Alfredo, meu pai era, era Miguel Joaquim.

WH - O sr. é o caçula?

AC - Eu sou. Só éramos nós!

WH - Pois é, o Miguel era o mais velho ...

CF - Era o mais velho, três anos do que eu. Eu sou Almir Godofredo de Almeida e Castro. Bom, então ..., é ... Aí na, na Faculdade, ao longo, ao longo dos anos eu fui vendo que possibilidades tinha. No 5º ano, nós fomos para o Pavilhão Carlos Chagas, aí é que eu tive contacto com pessoas, assim mais ..., pessoas mais ..., mais sobressaíam. O, o velho ..., o ... velho professor Chagas, o catedrático, que era um..., um, já era um homem, um homem internacional. Porque tinha descoberto a moléstia de Chagas. Quer dizer, ..., a causa e efeito, etc e se dedicado, dedicado toda uma vida a isso. Né? ...

No interior, em Lassance (?) e etc. Vida essa que é admiravelmente descrita agora, no livro que o filho, Carlos Chagas Filho publicou sobre o pai, e ..., eu, eu ali no, no Pavilhão tive uma outra, já uma outra visão da, da, da carreira médica. E então eu imaginei ser um, um professor, um pesquisador, uma coisa sem, sem que tenha de lidar com doentes e sobretudo de ter consultório, de ..., de, de, com cliente pagando.

CF - Foi aí que o sr., foi aí que o sr. começou a pensar em saúde pública, ...?

AC - Sim, aí é que eu comecei a pen ..., pensar em saúde pública.

WH - E pesquisa, né? O sr. ..., tava pensando em pesquisa, também?

AC - ... Não, não estava propriamente pensando em pesquisa. ... É ... porque ..., porque e..., vamos dizer, essa pesquisa seria num determinado (vozes) ...

WH - Na saúde pública ...

AC - ...Sim, mas ... não estava propriamente pen ... pensando, em, em pesquisa. Eu estava pensando numa carreira médica que não fosse de consultório ... desse tipo. Entende?

WH - Eu ia lhe perguntar, Dr. Almir. Quando o sr... é, fez concurso, fez o vestibular para medicina. O sr. já tinha idéia de que era possível trabalhar dentro da medicina, assim sem consultório, hospital? O sr. já tinha essa direção?

AC - Não, não, Já tinha, já, já tinha, ..., porque, porque ... já afinal de contas naquele tempo (ri), as pessoas liam muito. Entendeu? Não é como hoje que ninguém abre um livro. Né? E então eu sabia ... ,que eram ..., pes, pessoas que tinham , tinham feito as ... campanhas de Oswaldo Cruz, essa coisa toda e ... não necessariamente tendo que me dirigir para aquela, exatamente para aquele ramo, para aquela, aquela mesma, mesma seara ... , e ... eu sabia que, ... , e ... vamos dizer até chegar ao fim da do curso. Certo? Eu me formar, eu não tinha ainda nem realizado isso de que, que eu não gostaria de, de ..., lidar com clientes, de ir à casa de pessoas, vê-las no leito e etc. Não, não, não ..., era uma coisa que eu, que me atraísse. E então eu iria para os outros ramos, iria conhecer. Né? Iria inclusive para pesquisa, se isso se, se ..., enfim, materializasse, tudo isso. Então ...

WH - E outras Universidades o sr. nem pensou? Advocacia, Engenharia, ... Não lhe interessava mesmo, não?

AC - Das outras carreiras? Não, não porque eu ..., eu nunca soube falar. Quer dizer, me vir a palavra e falar é uma coisa que não sei. Eu sei escrever e depois ler ou ... dizer um, um pouco aquilo que está escrito. Mas eu não tenho, eu não tenho facilidade de ... de, essas pessoas que levantam num jantar e fazem todo ... e na Câmara ... e no ..., eu isso (ri) absolutamente não sei fazer, não sou dotado para isso. Sei escrever, mas não sei, não sei ..., vamos dizer ..., falar em público ... Ninguém me convida para um comício, porque ... (risos) ... porque

CF - E a carreira de Advocacia nessa época era bem voltada para a política, não é?

AC - Era, exatamente bem, bem assim. Então ficou ... um pouco, por exclusão, ficou a Medicina que tinha lados, que, que me interessava. E então, já tendo a a idéia de Saúde, de ..., de Saúde Pública, quer dizer que era o social (pigarro), o que me interessava era o lado social. Nesse tempo, eu já lia, já sabia como era ..., eu, eu conhecia o Nordeste. Né? Sabia como era, como se passavam as coisas lá, como é que era o, a ..., a dificuldade de vida do, do, do nordestino e tudo isso. Isso tudo me, me, me atraía também.

CF - O que que o sr. gostava de ler?

AC - Hem?

CF - Que o sr. gostava de ler nessa época?

AC - Ah! Eu lia de tudo. Nesse tempo, nesse tempo, nesse tempo, ha ..., mesmo no tempo ..., em primeiro lugar, nós tínhamos quatro anos de francês no colégio. Qualquer livro em francês podia ler. Os livros da ..., os últi..., os livros dos últimos, do último ano, ..., último e penúltimo ano, ..., do, de colégio, só livros franceses. Era, a, a ..., a "Física de Ganaut" (?), era o ..., a "Química de Trousse Pechard" (?), era a "História Natural de Aubert" (?). Na Faculdade de Medicina idem. Não havia livros brasileiros. Os dois primeiros anos pelo menos, eram todos de livros franceses. Para pessoas que falavam inglês tinham, que tinham, vamos dizer, cinco ou seis pessoas na nossa turma que falavam bem, ..., liam bem inglês e podiam se valer de livro ... e ... alemão.

WH - O sr. também lia em inglês, né?

AC - Inglês nesse tempo, ler..., correntemente não. Fui aprendendo inglês depois. E, e depois porque eu fui pros Estados Unidos estudar. Não é? Bom, então ... é ..., nós estávamos na, nessa parte do, de ...

CF - Da Faculdade...

AC - Da Faculdade, ... Bem ...

CF - O que o sr. lia na Faculdade ...

AC - Então, eu lia que minha avó lia em Pernambuco e depois mandava depois de lê-los, para nós. Então mandava Zola, mandava o que que era considerado forte, não é? (ri) Que era considerado um autor forte. Mandava Anatole France (?). Mandava, e mandava muitos também esses folhetins, ... né? De Ponsont du Terralle (?), de ..., Rocambole (?), essas coisas todas. Então ela mandava muitos livros, nós líamos esses livros todos eram, eram familiares. E as pessoas tinham gosto pela leitura naquela ocasião. De modo, que então, foi uma das minhas paixões, foi Literatura.

WH - Literatura Brasileira, o sr. lia muito também?

AC - Lia todo, tudo. Porque, porque essas estavam mais ao alcance de todo mundo. Era Joaquim

Manoel de Macedo, era, era o ..., este, este daqui ... José de Alencar, e a ... "A Moreninha" e esses ...

WH - Machado de Assís?

AC - Qual, quem?

WH - Machado de Assís.

AC - Machado de Assís e etc. É ..., o ..., o, o autor de "Ateneu", o Raul Pompéia, o ..., o Euclides da Cunha. Eram, eram leituras obrigatórias de nós que gostávamos de ler. Como havia um certo grupo, dentro de Faculdade de Medicina, entre eles o Carlos Chagas, o Tito Leme Lopes, meu querido, meu amigo, morto prematuramente. Que, ..., nós líamos muito, trocávamos livros. Aí já, já tinha o Mauriac(?) no meio, já tinha o Maurois, já tinha a, a ..., o nosso, o nosso Jean Cristofle (?), o ... Roman Fleuve (?) do ..., do, do (ri) agora ... Eu ando com a memória muito ruim. Né? Bom. E, e enfim, a, a ..., nós, nós éramos muito assim engolfados pela literatura e, ..., naquele tempo a a, a ..., Tristão de Athayde tinha um, tinha um rodapé, que era uma leitura obrigatória de todos nós.

WH - Um rodapé?!

AC - Um rodapé no, no Correio da Manhã.

CF e WH - Ah ..., sei.

AC - Rodapé é aquela coluna de baixo, assim. Bom, então foi uma pessoa também que influenciou a nossa vida. Entendeu? E, e esse, esse rodapé literário era, era, era muito importante porque ele revelava muitas, ..., muita, muita gente que não nos conhecia. Aí, aí tomamos, tomamos um contacto com Proust. Não é? Né? E, e, e ..., quer dizer, nós éramos pessoas que, muito, muito dadas à literatura. Coisa que hoje já não se vê mais, porque a pessoa não lê. Não é? Bom, então a, a ..., nós estávamos ... na ...

CF - Quem eram ..., quer dizer, o sr. tinha um grupo de pessoas mais próximas na Universidade. O sr. só falou no Carlos Chagas ... (?) ...

WH - Carlos Chagas Filho. Né?

CF - É. Carlos Chagas Filho...

AC - Sim. Carlos Chagas Filho. Eu, eu(ri), recomendaria a vocês lerem ... o ... no livro, toma nota disto: no livro de Mário Vieira de Melo,, saído recentemente, há dois meses, chama-se "Nietzche(?), o ... o Sócrates de Nossos Tempos". ... Nesse livro eu, eu ..., ele me pediu pa... para eu fazer uma, uma síntese do que era o ambiente estudantil, ..., ambiente estudantil mais de ..., mais assim, de ... interessado em, em ciência, literatura e etc. Co...como é que essas coisas se comportavam. E aí você vai, vão ver como nós, nós tínhamos uma coisa de ao mesmo tempo era, é ..., as amizades com o pessoal de Direito, com toda uma geração de Direito, é, vamos dizer, Car...

e do Carlos Chagas, minha, do Tito Leme Lopes e outras pessoas que conviviam muito juntas eh ... no Café, Álvaro Vieira Pinto, figura exponencial. Que ... e, frequentávamos muito as noites do Café, no Café que ficava em frente à Escola de Direito do Catete. Né?

WH - O Lamas?

AC - Não.

CF - Não. Não era o Lamas, não.

AC - Não. O Lamas é Largo do Machado.

CF - É Largo do Machado.

AC - Essa é na rua, na rua da Faculdade de Direito. Ali vocês, ... vocês leiam isso porque ali tem uma síntese interessante disso.

WH - Mas esse grupo se conhecia desde a escola, desde o colégio? Ou se conheceram no bar mesmo ..., no Café ...

AC - Não ..., conheceram uns, conheceram os outros, outros apresentavam os outros ... Tinha o Otávio Faria, Santiago Dantas, Antônio Gallotti, Pedro Gallotti, é ... Hélio Viana. ... Pessoas todas ..., Gilson Amado, pessoas que se so, se sobressaíram muito depois. Então era, era uma coisa meio eclética, assim misturada, de, de Direito, Medicina tudo isso, né? ... Vieira Pinto foi uma figura ah ..., vamos dizer ímpar, não é? En, então, aí, aí eu decidi que, que faria uma carreira de Saúde Pública. E, por isto me matriculei no Curso de Manguinhos, porque era requisito, para fazer, o Curso de Saúde Pública para ingresso na carreira de Saúde Pública, de sanitarista, médico sanitarista. Agora, para ir fazer o curso de médico sanitarista, tinha de fazer antes o Curso de Manguinhos.

CF - Isso, a gente ... é, Dr. Almir, a gente queria ainda, falar um pouco mais da Universidade, isso, eu ..., depois quando o sr. saiu da Universidade é que o sr. vai fazer o Curso de Manguinhos, né?

AC - Sim, é ...

WH - A gente queria falar um pouco mais desse período da Universidade, lhe perguntando sobre o currículo, né? Como é que o sr. via sua formação na época...

AC - ... Mas... eu nesse tempo, não ... tinha me aprofundado mais ... nesses assuntos, né? Aquilo ali ... representavam o que era uma escola daquela época. E a nós, nos pareceu satisfatório. Né? ... A coisa era muito mais dada em base de aulas.

WH - Aulas ..., conferências.

AC - Conferências. conferências. E..., mas havia laboratório de... praticamente todas as cadeiras que davam ensino a laboratório. Quer dizer, fisiologia éramos..., Osório de Almeida de alto, alta...

WH - Ahhh! Osr. foi aluno de Osório de Almeida?

AC - Nós fomos alunos, ... dele. Era... Álvaro Osório e Miguel Osório. Bom. Depois tinha ... farmacologia, ... parasitologia que era ... fazia parte de biologia. Biologia era dada pelo professor Pacheco Leão, conferências. E tinha a parte toda de laboratório que era o professor Hildegardo Noronha. Bom ..., e então química, por exemplo, também que era o Del Vecchio, professor Del Vecchio. Tinha tudo, íamos, fazíamos laboratório, fazíamos essas coisas todas, farmacologia, todos esses cursos que ..., havia ensino de laboratório, nós fazíamos. ...

WH - Os laboratórios eram bem equipados ... (?)?

AC - É ..., dentro de um certo ... Nós não podíamos julgar muito porque nos faltava conhecimento para ... fazer um ... julgamento de como seria melhor, como não seria. É ... tinha pessoas muito moças. Né? não tínhamos ainda ... uma consciência exata, porque não tínhamos conhecimento de ... Universidades ... estrangeiras. Não é? E tudo isso que depois adquirimos ... As pessoas que saíram fizeram, fizeram cursos lá fora, ... podiam aquilatar melhor essas ..., vamos dizer, a ... as falhas de ... um estudo ruim(?) que se fazia aqui. Mas que ...

CF - Dr. Almir, olha só, eu estou lhe perguntando isso, é que a gente falou no Dr. Moussatché, e eu me lembrei da entrevista dele, e ele reclamava muito da Faculdade porque ele dizia que era só saber ler o texto dos livros que a pessoa tirava ... (INTERRUPÇÃO DA FITA)

Fita 1 - Lado B

CF - Bom. Eu lhe dizia que o Dr. Moussatché comentava que a pessoa não precisava assistir às aulas, eram conferências ..., e se a pessoa soubesse ler os livros, ele tirava notas altas e ... enfim não precisava nem assistir aula. O que mostrava ...

AC - Mas, mas acho que isso pode, pode acontecer, em qualquer, qualquer Universidade. Se uma pessoa tem, tem uma independência intelectual já para poder estudar por si, ... ele pode um pouco se passar das aulas, porque as aulas eram dadas um pouco seguindo, seguindo um livro. Né?

CF - Pois é.

AC - E isso, eu não sei se isso ... já mudou muito hoje. ... Não tenho como fazer julgamento. E o Haity, teve uma experiência muito diferente porque ele trabalhou com Osório de Almeida em laboratório. Isso, é ... claro ... que essas pessoas (ruídos) que, pessoas que se, ... dadas, dedicadas à pesquisa na Faculdade não podiam receber todo mundo. Receberiam alguns que se interessavam mais e que eles viam que tinham talento pra isso. E ... acho ... (ri), que no mundo inteiro isso é assim. Walter Oswaldo Cruz, outra figura da nossa turma que era ...

WH - Foi contemporâneo do sr.?

AC - Foi nosso colega de turma. Walter Oswaldo Cruz e Emanuel Dias, filho de Ezequiel Dias, pesquisador ... mineiro. Não é? O ... Emanuel Dias também, dedicou a vida a estudar ... também a moléstia de Chagas. Não é? E então ... as coisas se passaram assim (ri). Aí eu em Manguinhos tive a ocasião de... fazendo o Curso em Manguinhos. Naquele tempo, o Curso em Manguinhos não era estruturado talvez oficialmente em tantos meses, tantos ...tais, tais ... matérias e etc, etc . As pessoas, as pessoas davam todas as, todas as, ..., vamos dizer ..., todos os, ... os ramos em que eram, em que havia ... pesquisa em Manguinhos importante, tinham pessoas capacitadas para darem isto. E era um pouco também para, para colher ... novas pessoas, talentos novos que pudessem depois se, se ..., começar ...se introd... o seu aprendizado e tornarem-se pesquisadores. Então era um curso que não tinha a ... tempo marcado pra ser dado. Não era uma coisa como, que se tivesse assim um ano letivo. O ... nosso Curso de Manguinhos durou quase dois anos e meio. Porque quando vinha um professor, por exemplo como o Costa Guinle, que é, ..., dava entomologia e era um fascinado pela coisa, vinha de macacão e tal, ele, ele ficava um tempo ... muito grande dando o curso. Outros que, que ..., primeiro não eram muito dotados, e ... que não tinham, não faziam muita pesquisa, alinhavavam a coisa em ... algumas semanas. Então ... (ri), o nosso Curso durou dois anos e meio quase.

WH - Mas isso, o sr. já tinha terminado a Faculdade, né? Já tinha se formado?

AC - Sim, já tinha. Eu estava fazendo esse Curso porque era obrigatório para fazer o de Saúde Pública.

WH - Pois é. Eu queria lhe perguntar, eh ... A gente já conversou um pouco sobre isso, né? O sr. falou do ... do Pavilhão da Faculdade. Que que era isso? O sr. podia me explicar melhor?

AC - É. Não, o Pavilhão era o seguinte: não havia cadeira de Medicina Tropical. Tendo sido criada a cadeira de Medicina Tropical no ano "x", que eu não me lembro mais qual foi. Então, construiu-se..., como no Hospital São Francisco de Assis não tinha mais espaço para novas enfermarias e etc... E com o prestígio que tinha Carlos Chagas, construiu-se um, o chamado "Pavilhão ... Carlos Chagas". Que era Pavilhão de ... doenças infecciosas, ... doenças tropicais, chamado naquele tempo.

WH - É ligado ao curso dele de Medicina Tropical, não é isso?

AC - Claro! É isso. Exatamente. Então ..., e ... nesse Pavilhão era muito bem montado, não era uma coisa muito grande, mas era muito bem montado, tinha enfermarias, tinha ..., vamos dizer, salas de ... todas as coisas de ..., tinha, por exemplo: eletrocardiografia, que nesse tempo começava a se popularizar. Não é? E coisa de Raio X e etc toda essa seção quem tomava conta era Evandro Chagas o nome, Carlos Chagas.

WH - Esse Pavilhão na época era, pelo que o sr. está dizendo, era precursor. Tinha equipamentos que era raro encontrar na Faculdade ou ...?

AC - Sim. (barulho de trânsito ao fundo) Não, é ... era precursor no ... , vamos dizer, ... evidentemente ... outras Faculdades daquela, que também tinham ... alguns desses aparelhos nas clínicas. Não é? Nas clínicas. E tinha, por exemplo a clínica do ..., da Enfermaria 12 que era do, do

Eurico Vilela que foi companheiro de Carlos Chagas em todos os estudos e estava lá. Não é? E, possivelmente, ele ía lá, ele ... era cardiólogo (?), tudo isso. Mas, eu digo esse ..., o Pavilhão foi muito bem montado. Tinha um pequeno anfiteatro, tinha um laboratório muito bom, onde era o ... nosso ... Teixeira que, ... que prontificava. Tinha enfermeiras de, de Ana Nery, ..., é ... possível que houvesse algumas atendentes assim, que não fossem formadas em Ana Nery, mas era um grupo muito qualificado, com uma chefe, uma chefe bem, bem ..., muito bem preparada. Me lembro muito de uma que era Carrie Irino(?), que veio dos Estados Unidos, ..., ainda ..., veio naturalmente para Escola Ana Nery. ... Aí depois continuou lá, lá no nosso Pavilhão e ... que nos ensinou inglês. (ri)

WH - Aí que o sr. aprendeu inglês? (ri)

AC - Não. (ri) Não foi aí Mas enfim, eh ..., enfim era um Pavilhão muito bem dotado e tinha a personalidade do Carlos Chagas ... Não é?

WH - Nessa época ele era diretor do DNSP, né? Ainda.

AC - ...Não.

WH - Carlos Chagas ...

AC - Não era mais não.

WH - Não era mais.

AC - Não, não.

WH - Ele já tinha saído pra ...

AC - Não, ele tinha saído porque as, as ... As coisas de Saúde Pública, eram o que nos chocavam um pouco, eram feitas de acordo com epidemias. Quando havia uma epidemia, por exemplo: a Epidemia de Febre Amarela de Oswaldo Cruz ... Aí não havia mãos a medir, era uma coisa que era considerada uma desgraça. Não é? Ou por exemplo: a gripe espanhola. Não é? Então gastava-se o que fosse preciso gastar. Agora, isso não se continuava pelos outros anos. A Saúde Pública não era exercida como uma rotina. Era exercida em função de epidemias, não é? Eu por exemplo, fui vacinador naquele célebre surto de febre amarela que houve no Rio de Janeiro, é ..., no tempo do Clementino Fraga. Eu nem me lembro, eu nem me lembro bem em que ano foi. Mas eu fui vacinador, durante um ano, uma coisa assim. Ía na casa ver se tinha alguém doente, etc ..., essa coisa toda.

CF - 1929 ..., 1930?

AC - É. Talvez.

WH - É. O Clementino Fraga era diretor do DNSP, né?

AC - É, é.

CF - Isso.

AC - Então ..., não se fazia a ... Saúde Pública de rotina. Quer dizer, a prevenção das coisas. Os cuidados, os cuidados, ... com as, com as gestantes, etc, para, para que tivessem boas condições de, de conceber e tudo. ... Não, ... não havia uma coisa metodizada. Isto veio depois. A primeira pessoa que cuidou disso foi o Carlos Chagas, ... o velho Carlos Chagas. E então, fez coisas essenciais como por exemplo: a Escola de Enfermagem. Foi criação dele. Né?

CF - A criação ... o, o Pavilhão foi bem aceita? A criação do Pavilhão ...(?)

AC - Mas ... não tinha o que não ser. ... Ele era um expoente da pesquisa, da medicina. (ri) E era um ..., não podia ..., tinha ... em algum lugar tinha que se fazer uma, uma ..., vamos dizer, instalações, ... sede para uma ... uma cadeira tão importante quanto aquela. E aí o Hospital São Francisco ficou muito satisfeito com isso. Porque ..., porque fizeram lá, tinha espaço e foi feito lá. Não ...

CF - Não houve resistência à criação da cadeira na Universidade?

AC - Não ..., nenhuma, nenhuma. Essas coisas não havia resistência nenhuma. Por que? Se quisessem criar a cadeira para uma pessoa incompetente, aí haveria resistência e acabariam nem criando. Agora, para uma pessoa consagrada, como o Chagas, aqui, lá fora, a cadeira dele, pra cadeira dele, era a coisa mais normal do mundo. Ninguém oporia nenhum obstáculo nisso. Não é? Bom, então...

WH - Agora, o sr. foi nesse Pavilhão Carlos Chagas porque era pré-requisito do curso ir pra lá ou o sr. tinha ...

AC - Não ..., era uma matéria da medicina do 5º ano que era dada lá. Então tinha que ir lá, como tinha que ir no laboratório de, de farmacologia, ..., no laboratório de física e etc etc. Aí era uma cadeira já também de, de ..., enfim, de cuidar de doentes e também no ... início no, na experimentação, no laboratório e etc. Né? Então, ..., sempre foi acolhido muito bem o Pavilhão ... por nós todos e aí eu já estava decidido a fazer a carreira, a carreira de sanitaria. Mas isso ainda era no 5º ano.

CF - Como é que o sr. decidiu?

AC - Hem?

CF - Como é que o sr. decidiu? No 5º ano da ...

AC - Mas eu ... já expliquei. Era o seguinte: eu não tinha gosto nenhum em tratar de doentes. Não tinha nenhum ..., não me sabia bem ficar dependendo de, de pagamento de pessoas, ..., nos clientes. Tenho todo o respeito pelos médicos que cobram, que fazem etc etc, mas eu não me sentia bem em

fazer isso. Quer dizer, eu não queria viver de dinheiro vindo de clientes. E o tratar do doente, não era que eu ..., que eu tivesse nenhuma ..., vamos dizer, incompatibilidade com pessoas doentes, nem nada. Mas eu não gostava, não ..., era uma coisa de temperamento, eu ..., preferia um trabalho que eu realizasse por mim mesmo.

WH - E já ..., ou seja, é ... a carreira de sanitarista, ela já aparecia como uma alternativa na época ...?

AC - Sim, aparecia. Porque ...

WH - ...colegas seus já ...?

AC - Aparecia, inclusive, por tudo que o Chagas trouxe para a ..., vamos dizer, para o trabalho, o trabalho extenso, completo de Saúde Pública. E não o trabalho a ser processado como rotina (trânsito) numa cidade, num país e não uma coisa que se fizesse, ... vamos dizer, ... a todo, a todo vapor para extinguir uma epidemia, uma epidemia. Aí surgiu um surto de peste num lugar, saía não sei que ..., aí iam as pessoas e faziam um esforço ali. Não. Febre amarela. essas coisas. Não. Era ..., a saúde se estabelecia como uma, uma rotina ..., indispensável, como a educação e etc. ... Então esta, esta carreira aí me atraía.

CF - Quer dizer que o sr., o sr. teve contato direto com Carlos Chagas nesse Pavilhão, né? O sr. foi aluno dele, né?

AC - Eu fui aluno dele. Mas eu era já muito amigo do, do filho. De modo que então já conhecia de ir na casa, essas coisas, né? ... O ...(ri) o velho Carlos Chagas, não era uma pessoa ... Ele tinha o seu círculo de amigos, mas não era uma pessoa de que, que ... gostasse de tá conversando com estudante, essa ... Ele ... não era bem o gênero. Entendeu? Então ..., e é normal. Cada, cada fatia da ..., etária tem ... em volta de si os seus amigos. Pode ter, pode ter, ... vamos dizer, se inspirar e aprender com pessoas mais velhas. Mas o ... o interlocutor, o amigo, o grupo, é sempre mais ou menos da mesma idade. Não é? Bom. Então, aí eu fui fazer o Curso de Manguinhos, porque era introdu..., introdução e exigência para, para fazer o Curso de Saúde Pública.

WH - Quer dizer, o sr. tava pensando no Curso de Saúde Pública ...

AC - Sim. Por isso fui fazer o Curso de Manguinhos.

WH - E aí por isso teve que fazer ...?

AC - Sim. O Curso de Manguinhos. Mas me agradou muito fazer porque eram coisas que eu gostava.

WH - Como é que o sr. ... como era a seleção para o Curso de Manguinhos? O sr. poderia nos contar um pouco?

AC - Não tinha seleção não.

WH - Ha, não? E como é que a pessoa entrava? Se inscrevia...?

AC - Se inscrevia e entrava. Porque não era uma coisa assim (ri), que tivesse uma multidão querendo não. Era uma, era uma coisa que pouca gente queria porque ... não dava dinheiro logo, nem ... coisa nenhuma e ... e também não era muita gente que queria ser médico sanitário.

WH - Quer dizer o sr., o sr. tá me dizendo que a maioria das pessoas que entravam na Faculdade pra se formar em Medicina, seguiam a, a carreira era clín... clínica, particular?

AC - Médica. Ha, não tenha dúvida. Não tenha dúvida. Era médico. Exercia a medicina. E é normal ..., isso em todas as... Faculdades de Medicina do mundo. Querem ser médicos.

WH - Quer dizer, o sr. era uma exceção, né?

AC - Não sei se ..., é ... de um certo modo é. É um pouco reconhecer que não tem pendor pra, pra aquela profissão. Não, é? Na verdade, é isso. Então, já para a outra que tem todo um lado social, eu tinha, eu tinha ... pendão pra isso. Bom. Então, depois de dois anos e meio de Curso de ... Saúde, de ... Manguinhos, então todo, havia toda uma classificação, notas, coisas e etc, porque depois a entrada, depois de fazer então, o Curso de Saúde Pública ao qual nos destinávamos, aí a entrada ... o, o arregimentamento, a, a seleção dos quadros dos médicos sanitários, era feita pela, pelas pessoas que terminavam o Curso de Saúde Pública, tendo como exigência antes o de Manguinhos. Bom ...

WH - Hum, hum. Eu, eu poderia ... falar um pouquinho mais desse período do Curso de Manguinhos, do curso de Saúde Pública. Eu queria que a gente, falasse mais um pouco sobre isso e queria lhe perguntar, eh ... Se o sr. pudesse falar um pouco como é que era esse curso, como é que se estruturava, as suas impressões ... enfim ...

AC - O Curso era como ... eu já disse. Por uma, por uma escala que eles faziam, quem é que dava primeiro que o outro, e o outro, o outro, e às vezes até podia dar um curso antes do outro. Eram de todas as especialidades que se cultivavam em Manguinhos. Então tinham coisas que vinham ..., desde a, a parasitologia até a química biológica. Enfim todos os ramos ... e não era uma coisa como em medicina que parte do mais simples para o mais complexo. Era tudo junto. Não é? Não ..., não existia isso lá. Lá já era uma coisa além, ... depois da ..., mais elevada que a de um Curso de Medicina. Não é? Eram já especializações nessas coisas todas. Então não tinham uma, vamos dizer, maior relevância de um curso do que, do que outro. Cada um ..., depois se tinha que, que seguir uma carreira dessas de pesquisador, ele optava pela, pela coisa que tivesse mais gostado.

WH - E o sr. tinha nesse momento alguma carreira ... que particularmente ...?

AC - Não ..., eu mais ou menos gostava de todas as cadeiras, sempre gostei de, de parasitologia ... as, as, isso sempre está ligado a ..., vamos dizer, ao professor. Quando é um professor que é muito dedicado, que é importante, etc. Evidentemente esse professor é mais procurado e mais admirado e tudo isso. E ... isso, isso variava muito. Né?

WH - E tinha, nessa época, algum professor que o sr. admirasse ...?

AC - Não, tinha ... não, tinha muitos professores lá em Manguinhos que eu admirava. O Osório de Almeida, o ..., essa..., outro que eu citei de de entomologia ...

CF - Costa Lima.

AC - Costa Lima, que era uma pessoa muito importante. E muitos outros Não era uma ...

CF - Alguém especial teve uma influência maior sobre o sr.? O sr. ...(?)

AC - Não ..., eu ... nenhum teve ..., que, que eu achasse que tivesse influência sobre mim. Não ... acho que nenhum muito, porque a, a não ser, esse grupo do Chagas com quem eu trabalhei. De modo, que aí evidentemente deve ter ... uma, uma certa influência. Né?

CF - Quer dizer, o sr. quando entrou pro Curso de Aplicação, o sr. já tinha uma experiência de trabalho com o Dr. Carlos Chagas?

AC - Que curso de Aplicação, esse Curso de Manguinhos?

CF - De Manguinhos. O sr. disse que ele tinha ...

WH - É.

AC - Já, pois era o 5º ano ... a escola tinha seis anos. O 5º ano foi passado no, no ..., eu entrei e fiquei trabalhando no, no Pavilhão.

WH - Mas isso era comum, todos os alunos faziam isso ou o sr. que ficou ...?

AC - Não, não ... Você não pode encher um Pavilhão com trezentas pessoas.

WH - Ah! Então o sr. particularmente ...?

AC - Eu fui por causa da amizade com Carlos Chagas ...

WH - Isso, isso que eu queria saber.

AC - ... Eu fui trabalhar com eles, lá. Foi, era assistente. Tinha Mariosinho Palitó(?), o ... Averal (?), etc etc. eram muitos, o Aristides Paes de Almeida, Lincoln de Freitas Filho, é ..., enfim, era, era um grupo grande de pessoas. Oswaldo Dias, irmão de Emanuel Dias. Era, era muita gente, ... como, como em todas as enfermarias tinha pessoas voluntárias. Não é? Eram pessoas que não ganhavam nada nem coisa nenhuma. Trabalhavam ali para aprender.

WH - E o sr. fazia o que lá? Que tipo de trabalho?

AC - Eu, eu me dava com os doentes. E depois também fazia laboratório porque eu queria aprender

laboratório.

WH - Mas aí era o que, que doentes ... todo o tipo de doença infecciosa ...?

AC - Não. Lá só tinha doenças para..., infecciosas e parasitárias. Era um Pavilhão disto.

WH - Sim, mas era todo o tipo de doença, o sr. lidava com todo tipo de doença, não tinha nenhuma especialidade?

AC - Sim, ...(ri). Isso aí é porque vocês não conhecem um pouco ...

WH - Pois é. Eu queria que o sr. contasse ...

AC - A, a coisa é assim: vamos dizer, tem seis ..., tem seis enfermarias (?). Fulano, uma pessoa ... que, que é o chefe de uma determinada ..., determinada ... especialidade ou outra coisa, ficava com uma, outros com outra, às vezes tinha dois etc, então a pessoa ia trabalhar com um ou com outro. Eu fiquei trabalhando com ..., com ... o próprio Carlos Chagas, com ... o Carlos Chagas não ia cuidar de ..., ele não tinha enfermaria dele, dele era tudo. Não é? Eu, eu ficava mais com, com um médico chamado Heraldo Maciel, que era um médico da Marinha e que conhecia muita gente e com Evandro Chagas, porque era uma pessoa muito, muito afável, assim ..., o Evandro era uma personalidade fabulosa. Bom, então era, era assim que fazia. Bom, aí ...

WH - Mas o ..., o Dr. Evandro Chagas, ele já tinha uma área de especialidade? O ..., quer dizer ele ... ele era de uma enfermaria particular. O sr. tava ligado a alguma enfermaria particular?

AC - Quem eu?

WH - É.

AC - Eu estava nesta(?).

WH e CF - A do Evandro Chagas.

AC - Não! A enfermaria, era, era o Pavilhão era uma coisa, Evandro Chagas tinha um gabinete de aparelhos, que era ... eletrocardiograma, essas coisas, etc etc, a que ele se dedicava mais. Não é? Bom. Então isso ..., isso é outra coisa. Não é cada um é de um é de outro. E passado coisa pra aprovar no exame e etc etc, as pessoas iam embora, não iam mais ao Hospital. Eu ia porque continuei trabalhando com eles.

CF - E o sr. podia me contar. O que que o sr. fazia lá? Cuidava dos doentes ...

AC - Meu Deus do Céu! Eu examinava doentes, ... receitava coisas e ia pro laboratório, fazia exames ...

CF - O sr. fazia clínica mesmo, não é? Quer dizer ...

AC - Sim aí ..., porque era de clínica. Clínica de Doenças Infecciosas e Parasitárias. Então, se eu estava lá, (ri) tinha de fazer era clínica.

WH - Qualquer doença o sr. atendia ...?

AC - Eu tinha os meus doentes ... Mas não é qualquer doença. São só doenças infecciosas e parasitárias.

CF - E qualquer doença infecciosa e parasitária? Não tinha uma especialidade que o sr. fizesse ...?

AC - Não, não tem especialidade. É tudo ..., é tudo a mesma ..., não é uma coisa assim tão, tão grande para ter especialidade. Pode uma pessoa estudar especialmente uma coisa, mas também sabe das outras, não é?

WH - Quer dizer não era dividido por doenças, cada um trabalhando numa enfermaria ligado a uma doença, era mais ampla ... ou(?)?

AC - Era, era mais ampla. Mas isso é uma coisa que tem, tem pouca importância. Porque também não se ..., não se pode fazer uma ... enfermaria pra cada, cada(ri) doença. Tá entendendo? Isso aí não tem muita importância. Eram distribuídas de uma maneira ... equitativa. Quanto muito como qualquer outra enfermaria, não é? Agora, aí em Manguinhos, eu tive ..., em Manguinhos já acabado o Curso Médico e já fazendo o Curso em Manguinhos. Bom, aí eu tive a oportunidade de conhecer muitos ... dos pesquisadores e, e também de, tive a oportunidade de trabalho. Eu pertencia a um ... havia uma coisa que era de estudos de leprologia, que era uma verba que era dada por que era uma coisa de ... dada pelo, pelo Guilherme Guinle, era uma verba que ele dava para um Centro de Estudos de Leprologia(pigarro), onde eu trabalhei porque o, porque o Chagas arranjou para mim, era uma coisa também que não havia ... tinha ordenado.

WH - Chagas pai? ...Quem conseguiu ...

AC - Não. O Chagas pai, mas ... Quem, quem

WH - Chagas Filho, quem conseguiu pro sr. ...

AC - Sim o Chagas Filho ...(?) me deu o nome. Botou a mim lá, como tinha outros. Ele, ele, Chagas, não estava interessado nisso porque o interesse dele era a física, física biológica. Né? Bom. E então eu ... estive nisso enquanto durou.

CF - Era o ... Centro Internacional de Leprologia da Sociedade das Nações. É isso?

AC - O ... era da Sociedade das Nações?

CF - É, o que a gente tem indicação aqui no seu currículo.

AC - É? Então é. Mas a verba, quem dava pra isso(pigarro), quem dava pra isso, era o Guilherme Guinle.

WH - Era o Guilherme Guinle. Isso estava ligado a ... algum laboratório particular, alguma instituição ...?

AC - Não. Não. Guinle era, era um milionário que ...

CF - Um mecenas., né?

AC - Mecenas... não era uma coisa de mecenas, era amigo do Chagas, era ..., era amigo do pessoal todo e, e do Hospital Gaffrée-Guinle. Não é? Era ... uma obra de, de mecenas deles. (pigarro) Bom.

CF - O serviço, aquele Serviço de Estudos de Grandes Endemias do Evandro Chagas também recebia ajuda deles, né?

AC - (pigarro) É arranjavam dinheiro sempre de conhecer pessoas, Serviço de Estudos de Grandes Endemias de Evandro. O Evandro... houve uma coisa(pigarro), que foi a morte do Carlos Chagas, e ah ... e o concurso para a cadeira de Carlos Chagas. Foi um concurso em que entraram muitas, várias pessoas, um grande ... concurso, concurso esse em que Evandro, Evandro foi preterido, porque Evandro era o mais brilhante de todos. E foi, ganhou o concurso um outro, um outro (pigarro). Isso aqui pode ficar *out of records?* (pausa na gravação). Não tendo,não tendo, tendo sido ... ele não foi preterido, ele foi , foi preterido, mas não basta dizer que ele foi... Então, ele não tendo obtido a cadeira, ele resolveu... hum... ele resolveu, vamos dizer , desistir desse exercício formal do magistério superior para ir tratar dos problemas *in loco*, aonde eles aconteciam, onde havia focos disso disso e daquilo.

WH - O sr. eh... quem foi o o professor que ganhou o concurso o sr. ...? Paulo...

AC - Não, o Dr. Moreira da Fonseca.

WH - Moreira da Fonseca...

AC - Que é pai do Zé Paulo Moreira da Fonseca. Eu tô dizendo porque é uma referência, porque é uma pessoa muito conhecida etc.

WH - Nessa época a banca, a banca examinadora era quem, o sr. sabe? ... Do... desse concurso?

AC - Não...não me lembro não. Não me lembro qual era a banca examinadora não. Evidentemente não era (ri) uma banca, não era uma banca ..., vamos dizer, ... fora de qualquer suspeita (ri). Isso também não pode figurar.

CF - Porque o sr. era mais amigo do, do Carlos Chagas Filho, não é?

AC - Não, amigo de todos. Do Carlos Chagas...

WH - Do Evandro também?

AC - Muito, meu Deus do Céu! O Evandro era uma pessoa, era uma pessoa muito especial. Muito difícil encontrar uma pessoa como o Evandro. Evand ... Evandro, o que era dele era de todos. Era, era uma pessoa que não, ... me lembro assim ... uma coisa assim, um sujeito recebeu um presente de dois, seis, seis lenços(freiada) assim bonitos de aniversário, ele dava dois pra um, dois pra outro, ficava com dois. (ri)

WH - Generosidade, não é?

AC - Era, era muito generoso. Era uma pessoa muito generosa.

WH - E o Carlos Chagas Filho também era assim, desprendido?

AC - Não ..., era, era um gênero diferente.

WH - Ah, é?

AC - É. Era era um gênero diferente. (pigarro)

WH - O sr. podia fazer uma comparação?

AC - ... Não é ... um pouco difícil. O Carlos Chagas ..., esse meu, quase que irmão, e... era uma pessoa, era uma pessoa que, que, enfim, não tinha nenhuma, nenhum calcanhar de Aquíles. Era uma pessoa que gostava de esportes. Tá entendendo? Gostava de natação, ... de voleibol, de coisas, como, como todos lá no ..., sabendo fazer ou não como eu, que não sabia, né? Fazíamos esportes porque tinha, tinha um clube, o nosso clube da Faculdade etc etc. Era um homem que gostava de leitura. Tá entendendo? Que foi uma das coisas que me aproximou dele e ... e então era uma pessoa que, que normalmente se destinaria a uma carreira científica dado, dado a sua, a sua, a ..., vamos dizer, dado a sua ... origem, a sua descendência do pai e tudo isso, seria um continuador em outra, em outra área etc. (barulho de trânsito ao longe, o tempo todo). Então, feito o Curso de Manguinhos ...

WH - O Carlos Chagas foi seu colega, o Carlos Chagas Filho, entrou junto com o sr.?

AC - Entrou, entrou junto comigo. Ele era dois anos... dois meses mais moço ... mais velho do que eu. Ambos somos de, de 1910. ... E ficamos muito amigos. ... Quem ...meu deus(?), frequentou-se tanto depois do velho morto. Tinha um almoço...o jantar das quartas-feiras na casa de, na casa da, da D. Íris que era mãe. Íamos vários, lá do Pavilhão. De vez em quando aparecia o Chagas Freitas que era primo. E ..., enfim, tínhamos, tínhamos aquele ..., aquela convivência que sempre houve ..., amigos e, enfim ...

WH - Essa convivência, pro sr. também foi muito importante pra decidir a carreira, né?

AC - Pra decidir a carreira, não. A carreira, a carreira deles foi diferente da minha. Entendeu? Eu,

eu não, não pretendia fazer uma carreira de magistério, nem uma carreira de, de pesquisador. Eu queria fazer Saúde Pública. Era para o lado social.

WH - O sr. já tava totalmente decidido?

AC - É. E fiz o Curso de Manguinhos para poder fazer o de Saúde Pública. Aí, fui e fiz o Curso de Saúde Pública que era ..., não era mais lá. Era, era ..., na Faculdade de Medicina, na Gaffrée-Guinle, nem ..., era, era dada em muitos lugares.

CF - Era em curso do Departamento Nacional de Saúde Pública? Não é isso?

AC - Não. Era um curso, era um curso do ..., era um curso de mestrado.

WH - Ligado à Faculdade?

AC - Ligado à Faculdade.

WH - Esse curso, Dr. Almir, pra gente fazer uma pequena ..., resgatar um pouco a história desse curso, esse curso é ... ele foi criado aonde? Foi lá no IOC mesmo que ele é dado, ou sempre foi na Faculdade ...? O sr. podia me ...

AC - Não ... é, ao que eu saiba é um curso que foi, foi provavelmente criado de, em acordo com, com o Ministério ... de Saúde, essa coisa toda, para a carreira de médico sanitaria. Era uma formação ..., pós-graduação, era uma pós-graduação da Faculdade de Medicina para o trabalho de Saúde pública. Então era dentro da Faculdade de Medicina. Lá tava o meu nome.

WH - O sr. sabe quem criou esse curso ...?

AC - Não. Não sei e ... isso é, é secundário. Isso não tem muita importância. É legislação ...

WH - De que época que ele era ...?

AC - Eu tenho impressão que foi ..., deve ter sido o próprio Carlos Chagas. Porque foi o Carlos Chagas que trouxe aqui Ana Nery. Que fez a a Faculdade de ..., de Enfermagem Ana Nery. Né? Foi ele que fez. E, e ... o grande, o grande valor, um dos grandes valores do velho Carlos Chagas, foi ter organizado a Saúde Pública como uma atividade permanente e atingido todas as áreas e não uma coisa para atender epidemias, a surtos epidêmicos etc. E nisso ele se inspirou nos Estados Unidos, que era e ainda é, o líder nessas coisas todas. Então, daí a criação da Escola de Enfermeiras Ana Nery. Não é? (pigarro)

WH - Quer dizer, foi o, o Dr. Carlos Chagas que deu à Saúde Pública uma, uma carreira, uma profissão dentro do governo? É isso que o sr. ...

AC - Sim é, mas ..., quer dizer isso aí foi em, em virtude dele, dele ter convertido. Essas coisas se entrelaçam, aí nunca se sabe direito quando foi o ano e isso e aquilo. Ele tendo criado a, feito

a ... o trabalho de Saúde Pública deixar de ser uma coisa episódica só na hora de uma epidemia, ele organizou a Saúde Pública como uma atividade ..., uma atividade de rotina, uma atividade abrangendo todos os campos e não se fazendo em função de um surto, de uma doença, etc etc. E daí então essa coisa das enfermeiras, os Centros de Saúde, etc, tudo isso ..., mesmo que não tenha sido feito diretamente por ele, era um resultado do trabalho de Carlos Chagas.

WH - Da orientação ...

AC - É depois do Carlos Chagas, já vieram os ..., os diretores (INTERRUPÇÃO DA FITA)

Fita 2 - Lado A

WH - Pode falar.

AC - ...Isso eu não vou repetir, não é? Quer dizer, deve-se a Carlos Chagas a ... o exercício da Saúde Pública, como uma atividade permanente e não, uma um esforço num momento em que há uma epidemia. Então, isso tudo é ligado às coisas que ele introduziu. A enfermagem, a enfermagem, a enfermagem ... de pessoas diplomadas ..., que foi, acho, a Escola de Enfermagem Ana Nery. E outras, e outras atividades ligadas a esse exercício permanente da, da Saúde Pública, um ... um, vamos dizer um trabalho social. Depois, evidentemente, vieram outras pessoas que ...(ruído) desenvolveram essas coisas e ... também criativas como no tempo, nos tempos do Capanema, de outros, de outros Ministros, o trabalho de Barros Barreto, por exemplo. O Barros Barreto, o Fontenelle, foram pessoas que criaram sistemas de centro de saúde, que era copiado dos Estados Unidos, mas era um sistema de centro de saúde ...divi..., o Rio de Janeiro se dividia todo em, em áreas e cada área tinha o seu centro de saúde. Era o lugar, onde, onde todas essas atividades, desde a vacinação até os cuidados com as gestantes, o... serviço pré, pré-natal, todos esses centros de saúde, teoricamente, tinham tudo isso. Tinham a, a parte de pediatria, quer dizer, da criança quando nasce vai ...e tem ...dietética e as coisas ...etc etc. Tem o serviço pré-natal, onde vão pessoas grávidas e tudo isso. Enfim, é ... isso foi, isso é uma coisa que veio depois como uma consequência do, do, da extensão do trabalho de Saúde Pública, uma atividade normal pelo Carlos Chagas.

WH - O sr. ... o Carlos Chagas fez a ... John Hopkins também, né? Se formou lá, né? Um co...um curso lá nos Estados Unidos...

AC - Não.

WH - Não?

AC - Não. Não me lembro de nada disso. ... Seria uma excentricidade um físico ir para a John Hopkins.

WH - Não não, o pai. Carlos Chagas pai.

AC - Não, não, não... Isso, isso são coisas mais modernas. O, o Carlos Chagas era um médico como os outros e que se apaixonou pela coisa porque ele viu que era um problema, um problema do estado dele e etc e daí fez uma carreira de, de professor e de pesquisador. Não é? É um homem que tem nome em toda parte. O velho Carlos Chagas, não é? Isso aí ... não havia isso nesse ... eh John Hopkins essas coisas não haviam nesse tempo. Quer dizer, se havia, ninguém cuidava disso. Agora, eu fui para Faculdade, eu e toda uma geração do Pavilhão. Todos fomos, os primeiros que foram, foram o Lincoln de Freitas e o Aristides Paes de Almeida. Depois então, eu fui, eu e Marcolino Candau, fomos numa segunda leva. Aí nós fomos pra Baltimore, onde era a Escola de Saúde Pública da John Hopkins University. E ...

WH - Dr. Almir, ... o Dr. Carlos Chagas, o pai, era conhecido como o "Jovem Turco", não era uma denominação que se dava aos sanitaristas nessa época?

AC - Ele nunca se chamou "Jovem Turco". "Jovem Turco" era uma coisa ligada à política, que eu já nem lembro bem(ri) o que era. Eu acho que eram pessoas precursoras de coisas ...

WH - Pois é, porque eu me lembro de...

AC - "Jovem Turco" na política ... hum...

CF - Fontenelle também. Já, já li algumas referências, é ... ao Fontenelle ou alguma pessoa ligada ao Fontenelle ... (??)

AC - Não, não tinha nada. Nunca teve a menor ligação ao Fontenelle, o Chagas. Nunca houve.

WH - Não. Mas o Fontenelle ... pertencia a esse grupo chamado "Jovens Turco".

AC - Não, mas nesse tempo os "Jovens Turcos" era uma coisa da política mundial de, de ..., e que eram em geral, pessoas assim que queriam fazer novidades e ..., eu já nem posso dizer direito, não me lembro bem porque eram os "Turcos". Era qualquer coisa lá(ri) no Oriente próximo que, que os "Jovens Turcos". E aqui se usou isso, não sabe? Como, como outras coisas são, são usadas.

WH - Mas o sr. não sabe porque que o ..., particularmente o Chagas, esse grupo do Chagas era chamado de "Jovem Turco"?

AC - Não. Mas não eram chamados de "Jovens Turcos". Nunca foi chamado não.

WH - Nunca foi na época ...?

AC - Que eu saiba, não. Nunca.

WH - Porque a gente lê, quando a gente ...

AC - ...porque os "Jovens Turcos" aí seria noutra acepção de, de jovens que querem mudar.

WH - É.

AC - Entendeu? Querem introduzir coisas novas.

WH - É. Porque inclusive, é comum na Literatura sobre Saúde Pública, né? Se falar do Carlos Chagas como uma pessoa que, que trouxe toda uma linha americana dentro da área de Saúde ...

AC - Sim. Mas isso. Pois é, mas isso tudo foi o que eu acabei de dizer. Não é isso? ... Na Escola de Enfermagem, a atividade como uma atividade de rotina permanente e extensiva a todos os campos. Né? É, depois vieram outros que ...

CF - Eu queria perguntar uma coisa sobre isso exatamente. A, a bibliografia básica do Curso de Medicina, na Faculdade de Medicina era uma bibliografia mais francesa.

AC - É francesa.

CF - A área de Saúde Pública e os cursos que o sr. fez na área de Saúde Pública, eles tinham uma orientação mais americana, não? Ou começa nessa época uma orientação mais americana ou...?

AC - ... Tinha uma orientação mais americana. O livro, o livro básico era o Rosenal(?) para Saúde Pública. Era um livro em inglês. Mas, ... aqui não tinha muito isso não, sabe?

CF - O sr. consegue perceber uma diferença entre a formação, a orientação teórica na área da Medicina, da Faculdade, na área da Saúde Pública, os cursos são, são diferentes?

AC - Ah não. Completamente ... Saúde Pública era, era orientado pelos, pelos padrões americanos. Todo o Curso de Saúde Pública. Embora, não fossem professores mocinhos, nem nada não, tinha alguns bem moços, mas não, não era assim tão... é que as pessoas daquele tempo eram Barros Barreto e Fontenelle, os principais.

WH - Eram os professores desse Curso de Higiene da ...?

AC - Eram professores desse curso entre muitos outros.

WH - Da Universidade da, que o sr. fez na Faculdade?

AC - Não, ...o meu professor de higiene foi Afrânio Peixoto.

WH - Isso.

AC - Bom. Agora isto é Curso de Saúde Pública. É um Curso de Mestrado da Faculdade de Medicina.

WH - Porque olha só, Dr. Almir, eu queria é ..., no seu currículo tem... o sr. fez dois cursos. Eu não sei se há uma confusão aqui, porque a gente quer entender bem. Um é o Curso de Higiene e Saúde

Pública da Universidade do Rio de Janeiro, não é?

AC - Só esse.

WH - O outro é Pós-Graduação em Saúde Pública no Departamento Nacional de Saúde. O sr. podia falar desses dois cursos, que cursos...?

AC - Que curso ... isso, é ... isso tá no meu currículo?

WH - Pois é, tinha essa referência.

CF - Antes do Curso de Higiene e de Saúde Pública da Universidade do Rio de Janeiro, o sr. teria feito esse Curso de Pós-Graduação no Departamento Nacional de Saúde. (barulho de trânsito) entre 32 e 35. Aí em 35 o sr. começou o Curso de Higiene e Saúde Pública na Universidade do Rio.

AC - Isso aí eu não tô bem, bem manjando (risos) o que que é não. Deixa, deixa eu ver. Isso aí é cópia exata da ...?

WH - Não. Isso é um... a gente retirou as informações que estão no seu currículo, né?

AC - Sim, mas eu gostaria de ver. Você não tem?

(... ... barulho de trânsito)

AC - Não, isso aqui é..., não é de Higiene e Saúde Pública. 35 e 36? Ah sim...é.

WH - É esse curso aqui que o sr. fez, Curso de Higiene e Saúde Pública da Universidade do Rio de Janeiro?

AC - É, é. Esse outro aqui eu não sei o que que é isso não.

WH - É. Tava no seu currículo. Talvez seja ...

AC - (??) depois eu pego o meu currículo para ver como é que estava.

WH - Aí, por que que o sr. não fala um pouco mais desse curso. Quais foram os seus professores é...? Que carreira...

AC - Não ..., mas até agora não chegamos a ele.

WH - Ham?

AC - Ainda não chegamos a ele.

CF - É. Agora ...

WH - Agora que a gente vai entrar. Pois é.

AC - Agora, não ...quer dizer, depois do Curso em Manguinhos, eu já estava habilitado a fazer o Curso de Saúde Pública, que era um Mestrado da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. ... Era um Mestrado. Bom, então esse Curso se dava em lugares muito diferentes ... de, de acordo com os professores, aonde os professores estavam ... a turma ia. Era um Curso limitado de pessoas. Eu imagino que tivesse uma quinzena, uma vintena de, de pessoas no Curso. Então este Curso, ... é, era feito para suprir as necessidades de médicos sanitaristas do Brasil. Então a pessoa quando chegava no fim, pelos resultados que tivesse no Curso, pelas notas e etc etc, ele era classificado. Bom, então tá, tá, a coisa está aqui assim, não é? ... Tem, tem uma lista de pessoas esperando vagas ... Não é? Tá aqui. Vamos dizer, ... tem, tem cinco vagas na Saúde Pública, pega os cinco primeiros aqui. Bom.

WH - Que dos cinco alunos, primeiros alunos do Curso ...

AC - Você vai na lista e vê pessoas que terminaram o Curso, as que estão fazendo não. Não é? As pessoas que terminavam o curso, tem, o mais qualificado tá aqui. Então ele é nomeado, primeiro lugar, depois o outro, depois o outro. Bom. Agora acabou o outro Curso de Saúde Pública, aí eles são colocados aqui, um fica aqui, outro fica aqui, outro fica aqui, outro fica aqui. Entende? Pelas notas.

WH - Hum, hum. Quer dizer, o primeiro Curso junta com o segundo e faz uma lista de nomes...por ordem...

AC - ...Ali é, é um recrutamento, aquelas pessoas estão esperando emprego.

WH - Isso.

AC - Bom. Agora, os que chegam podem passar na frente desses. Que foi...

WH - É só ter notas maiores.

AC - Foi o que(ri) aconteceu comigo e eu passei na frente de todos os outros. Bom. Então por causa disso eu ganhei o, a medalha de ouro Carlos Chagas. Que deve estar no meu currículo porque é importante. Ali tem uma nota cômica. Quando eu fui apanhar a, a medalha de ouro, o sujeito me disse que tinham roubado o dinheiro, (risos)...o secretário disse que tinham roubado o dinheiro e eu nunca recebi. Mas como está escrito nos anais, tá escrito lá etc, eu boto no meu currículo sempre...

CF - Claro.

WH - Mas a medalha o sr. até hoje não recebeu?

AC - Nunca recebi nem nada, são coisas daquele tempo. Também não entendi porque que eu não, não fiz um caso com isso e disse o que que há, arranje-se, se deixou roubarem... e tal, e foi aquilo. Então, eu fui, e fomos três pessoas classificadas. Fomos os três primeiros a ser nomeados para a

Saúde Pública. Fui eu, o outro colega Edmar Terra Blóes (?) e o terceiro, não tô bem me lembrando quem era. Mas, um outro qualquer. E o que eu sei é que ainda, ainda como eu era solteiro e tinha um casado, foi esse pri...(ri), esse casado e o outro que era mais velho, foram nomeados antes de mim.

WH - Quer dizer, eles davam prioridade aos casados...?

AC - Davam, davam. Casado...

WH - Tem família?

AC - É. Tem família. Então, aí então, eu passei a pertencer ao (?), ao ... *staff* de, de sanitaria e do Ministério de Educação.

WH - Do Departamento Nacional de Saúde, já na época?

AC - Do Departamento Nacional de Saúde que acho que no momento era o Barros Barreto que era o (pigarro), o diretor. Aí, o foi quem? Foi... eu não me lembro se foi o próprio Barreto, lá me segurou pra eu trabalhar com ele. Lá, lá na Rua do Rezende e aí eu fui trabalhar com o Barros Barreto. Né?

WH - Voltamos um pouquinho mais pra trás. O sr. pode, podia falar mais desse curso? Agora sim, quem foram os professores, quais eram as matérias, qual era a orientação do curso...

AC - A orientação do curso era, era..., vamos dizer, fazer com que as pessoas... tivessem todo o conhecimento necessário para ser um médico polivalente de Saúde Pública.

WH - E qual era o conhecimento necessário na época?

AC - Não...eu... na época, era exatamente o mesmo que é hoje. Essa mesma..., eu, eu não tenho nenhum folheto, nenhuma coisa que, que dívida entre... Mas tinha. estatística, ..., enfim, tinha todas as coisas que interessam, que interessam aos, aos... ao, vamos dizer, ao cabedal que precisa ter cada médico sanitaria. Então tinha, tinha coisas especiais, tinham coisas que eram duas, duas três aulas. Os sujeitos davam duas, três aulas sobre...malária. Um dia até chamaram uns especialistas pra, pra dar mais detalhes, né? E estudava-se doença por doença e estudava-se coisas gerais, como estatística por exemplo.

WH - Administração...

AC - Administração... Administração Pública.

WH - Educação Sanitária, por exemplo...

AC - Tudo isso se, se estudava.

WH - E tinha alguma matéria assim mais importante, que o sr. acha que era mais?

AC - Não, não... Isso, isso não. Tinha impressão que não. Eram, isso...eram os professores que eram bons ou ruins. Não é? (ri) Então a pessoa se lembra mais dos que eram, dos que eram bons professores. Eu era muito ligado ao Fontenelle, inclusive, com o qual trabalhei logo que, que me formei, eu fui designado pra trabalhar no Serviço de Saúde Pública do Rio de Janeiro, o Distrito Federal. Aí eu fui trabalhar com o Fontenelle. Bom. Mas aí o Barreto... o Evandro me arranhou a Bolsa para eu ir pros Estados Unidos fazer a, a coisa na John Hopkins. Foi Evandro que me arranhou. Evandro era muito amigo do Soper. O Soper era diretor do Serviço de Febre Amarela. E então o Soper arranhou a Bolsa para mim. Foi o Evandro que arranhou, não foi o Barreto nem o Fontenelle porque eles queriam que eu ficasse(ri) lá com eles trabalhando. Então, eu arranhando a Bolsa, eu não podia dizer que eu, que eu não fosse. Fiquei me preparando, tomei, tomei uns cursos de inglês assim rápidos, pra, pra... dar uma, uma, eu não falava inglês, mas ..."*je ne te pourrait(?)*", não é? Então (ri) ... mais ou menos direitinho. Mesmo porque os cursos lá eram todos em inglês. Eu tinha que escrever em inglês, dizendo besteira ou não...

WH - Claro.

AC - Então eu lá, evidentemente, eu adquiri a prática, a prática do inglês. Tinha de falar, tinha de escrever em inglês. Não é? Tinha(ri) que, que fazer de qualquer maneira.

WH - Mas, Dr. Almir, eu queria ...continuar um pouquinho antes, né? No Curso de Higiene e Saúde Pública e..., lhe perguntar quais eram os colegas do sr. nessa época? Quer dizer, já tinham ... quantas pessoas entraram nesse Curso, quantas terminaram?

AC - Ah... ... um número exato... era uma coisa assim de uma vintena de pessoas.

WH - Era uma área bastante procurada, né? A Saúde Pública nessa época? Não?

AC - Não. Não. Os, os médicos queriam ser médicos de, de(ri), de ganhar dinheiro e de tratar de doentes.

WH - Quer dizer vinte alunos, num Curso de Saúde Pública naquela época, era pouco? Ou era uma quantidade razoável?

AC - Não, não. Era tanto que tinha gente esperando. ...Não podia...

WH - Não tinha emprego para todo mundo.

AC - ...Isso não quer dizer que, houvesse um número suficiente de empregos. Porque tinha que esperar pra, pra que houvesse vagas. Não é? Se não houvesse vagas não era nomeado. E as pessoas ficavam naquela hora veja, deviam ter uma ocupação qualquer. E eu tinha algumas ocupações temporárias, como essa coisa do Centro de Leprologia. ...Me lembro de ter ido a..., eu fazia isso no laboratório de, do, de Manguinhos do, do Carneiro Felipe, outra pessoa assim... de escol, ... um alto Sale (?), do Carneiro Felipe e do Gilberto Vilela. Era no laboratório dele, que, que nós fazíamos as coisas.

WH - (??)

AC - Nós fomos inclusive, nós fomos à Minas pra ver *in loco*, colher sangue pra fazer certos, certos trabalhos sobre...de, de lepra, né? Agora, ah... isso tudo é, é uma fase anterior. Eu não, eu, eu realmente não me lembro quanto tempo eu esperei, tendo acabado o Curso, e sido nomeado. Não foi muito não. Não foi muito. Eu sei que a primeira pessoa com que eu fui trabalhar era o Fontenelle. Que eu fui aluno de estatística muito bom, então...

WH - Ele dava aula de estatística, o Fontenelle?

AC - Ele dava estatística. Era um homem de muita personalidade assim, era..., um camarada meio caxias, ... mas, muito bom. Ele e o Barreto eram mais ou menos contemporâneos, embora tivessem um, um, uma certa ciúmeira entre os dois. (ri)

CF - Ah, é?

AC - É.

WH - O sr. sabe por que?

AC - Não...porque...sempre é o poder, né? E o... Barreto sempre foi mais... . Não é?

WH - Mais, mais o que?

AC - Mais, mais alto do...do. Ele era do Serviço de Saúde Pública do Rio de Janeiro. E o Barreto, o Barreto era do Brasil todo.

WH - Claro.

CF - O Barros Barreto também dava aula nesse Curso? De que que ele dava aula?

AC - O Barros Barreto...deixa eu ver se me lembro de que que ele dava aula Você sabe que eu não tô lembrado o que que ele dava... Me lembro da primeira prova que(ri) ele chegou e disse: "Estão aqui as provas, tem aqui uma prova esplendidamente, uma prova esplêndida do sr. Fulano, e outra, escrita pelo sr. Fulano, e outra desenhada pelo(ri) Dr. Almir de Castro, professor Almir de Castro. Porque eu tinha uma letra nesse tempo muito diferente. Eu fazia muito letra assim de imprensa, não é? E então(ri)... ele fez a piada de que, que era desenhada, é.

CF - E o, o sr., esse Curso, a gente poderia dizer, Dr. Almir, que esse Curso...eh, ele obedecia à idéia do Carlos Chagas sobre a Saúde Pública, a idéia de ver a Saúde Pública como uma atividade permanente ou isso era difundido e discutido no Curso?

AC - Não...não, mas é exatamente... Não, não era discutido no Curso, porque isso tomava-se de, de, de..., já, já (?) *take for granted*(??), já era uma coisa admitida, que a Saúde Pública tinha de ser

exercida de maneira, de maneira, é..., vamos dizer, rotineira inclusive, e, e abrangente. De todas as áreas diferentes na cidade do que no campo e etc etc, não devia ser feito assim. De modo que aí não havia, não havia nenhuma divergência. Não é?

WH - Mas haviam divergências dentro da, da Saúde Pública, de como deveria ser o serviço ou como deveria...

AC - Nã... não e... essas coisas sempre existem, mas não tem importância nenhuma. Não tem importância nenhuma, porque uma é melhor, outra é pior. Não é? Mas, mas o, como o negócio de Centro de Saúde era, era de certa maneira uma novidade aqui, então isso foi, isso...eles...era, era uma coisa de, do... pensamento geral de todo mundo, que tinha que tentar (?). Então perguntava, você pode dizer todas as coisas e esquecer uma, não é? Mas normalmente você tem, tem alguém que, que...que mostre que não. E então é muito fácil fazer um leque de coisas que possam ser atendidas num Centro de Saúde. E todos os Centros de Saúde aqui, ah... tinha, tinham as mesmas coisas. Tinha por exemplo, tuberculose. Naquele tempo não era como é hoje, que em dois meses toma auromicina(?) e acaba. Era todo um negócio, então tinham todo o Serviço de Tuberculose era muito, muito é..., bem cuidado e tudo. De modo que não tinha divergências nisso não. Isso é mesma coisa que se pode imaginar que é, que o currículo de uma Faculdade de Medicina, é... possa colidir com outro. Não é? Tem faculdades que tem mais, mais, mais cadeiras, mais cátedras. Não é não? Outras não. Isso aí não...é muito matéria de discussão não. Era feita e a base era os Estados Unidos que era uma coisa totalmente(?) que estava na moda, que mais parecia com as nossas, sistemas de Centros de Saúde. E assim a coisa foi sendo feita.

WH - Por que não havia outras correntes, outros modelos, vindos da Alemanha, da Inglaterra...?

AC - Não, não...não. ... Esses lugares todos não tem nenhuma saliência em Saúde Pública. São outros problemas..., não tem ...ninguém copia a Saúde Pública da Europa. Copiar a Saúde Pública é a dos Estados Unidos(ri).

WH - Dos Estados Unidos...

CF - Por que o sr. acha isso?

AC - Porque é..., vamos dizer, ...sistematizaram isso e faziam muito bem. De modo que então, esses problemas...aqui, os problemas da Europa, eram problemas que eles só tinham nas Colônias. Então eles deixavam isso pras colônias, onde é que tinha (?), que tinha malária, que tinha isso, ...lá pra África, pra esses lugares. Então na Europa existem os serviços médicos. Por exemplo, na França tem um serviço de assistência médica e tal. As pessoas, é... modelar. E de auxílio mesmo à família, tem dois, dois filhos, três filhos, tem tanto. O serviço social é um serviço maravilhoso na França. Mas propriamente Saúde Pública ... Saúde Pública o, o, o... o modelo foi Estados Unidos e é Estados Unidos.

CF - Dr. Almir, mais uma coisa. Quer dizer, quando se, se formava, quer dizer, todo esse Curso de Higiene de Saúde Pública, né? Ele está estruturado pensando na formação do sanitarista, né?

AC - É.

CF - E se pensava no sanitarista, mais pra trabalhar no Centro de Saúde nas grandes cidades ou se pensava no sanitarista pra ir pro interior...?

AC - Perfeito ... Conforme, conforme o gosto dele.

CF - Ah, quer dizer, essa opção era uma opção individual?

AC - É individual. Ele deve estar preparado pras duas coisas. Sai preparado pras duas coisas. Agora, quase todo mundo prefere ficar nas...nas cidades, não é? Prefere trabalhar nas cidades. Como eu. Eu, eu, foi..., o meu, a minha carreira foi, foi diferente porque eu voltei da, voltei da... dos Estados Unidos, quando voltei dos Estados Unidos, eu, eu...pretendia, o Fontenelle queria que eu voltasse pra trabalhar com ele. Bom. E, e logo no princípio eu fui pra lá, mas o Barreto logo me acenou com ser Delegado de Saúde. Delegado de Saúde era um posto importante, que ganhava bem e era da, ...era pra ser em Recife, a sede. Eu..., Recife era uma cidade mais ou menos minha, onde tinha toda a parte da família da minha mãe e tinha uma parte da família do meu pai aonde eu fui morar, quer dizer, eu tinha todas as mordomias. Então, eu aceitei e fui e fiquei três anos lá sendo Delegado de Saúde. Era, era uma...era uma região que abrangia o Rio Grande do Norte, a Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Compreendeu? Então eu era Delegado de Saúde naquelas, naquelas regiões, naquela região. Bom. (pigarro) ... Aí fui pros Estados Unidos fazer o Curso na John Hopkins em 40. O meu companheiro de ida foi o Marcolino Candau. Que era uma pessoa ligada..., daqui do Rio, mas de, da... do Sistema de Saúde do Estado do Rio. Bom. Ele então foi comigo, fomos, ficamos juntos todo o Curso de Mestrado lá na, na John Hopkins e... é, (ri) morávamos no mesmo edifício e e enfim, quando, quando acabamos, cada um voltou pro seu...pro seu lugar típico, não é? Bom. O Candau logo..., o Candau acabou sendo Presidente do, da Organização Mundial de Saúde. A OMS, ele foi vinte anos diretor da OMS, reformou aquilo tudo, fez uma série especial pra OMS e, enfim, teve uma... um currículo muito grande. Antes foi da Organização Sanitária Panamericana, não é? Foi... teve um, um currículo brilhante. Bom, mas aí, ainda não chegamos a isso.

CF - É... esse ... o sr., é quer dizer, continuando o raciocínio, né? Que é em função da formação do Curso de Saúde Pública e da influência americana, o sr. sentiu essa, essa (pigarro dele) continuidade? Quer dizer, o sr. saiu de um Curso no Brasil, se formou como sanitarista no Brasil e foi fazer um Curso nos Estados Unidos...

AC - Bom, é.

CF - O sr. sentiu continuidade nos princípios, nas idéias, havia muitas semelhanças...?

AC - ... total. Havia sim. Havia, com a diferença de que não eram... professores..., outros professores, professores, mostravam outras facetas. É tinha, tinha coisas...que eu, eu, nessa ocasião, era muito apaixonado por estatística. E então nós tínhamos lá, tinha uma equipe de estatística fabulosa, não é? De modo que eu me dediquei muito a isto. E, e ... muito bem. Lá, não, não havia assim classificação de 1º lugar, 2º lugar, essas coisas. O americano não gosta disso, desses gêneros de coisas não. Então...

WH - A estatística nesse Curso que o sr. fez tava à altura, ou seja, tava acompanhando tudo que se fazia lá fora?

AC - Não. Não...não era o que se fazia lá fora. A estatística era...não..., é apátrida. A estatística era uma coisa, ...uma metodologia que você aprende para, e que se aplica a qualquer, a qualquer lugar que você queira. É estatística. Não é uma estatística de Saúde, é a estatística em si que, evidentemente, se aplica à Saúde Pública. Havia exames com Saúde Pública. Agora, os cursos são muito puxados lá. O, esse Curso nosso era trabalho, tinha trabalho..., como é que se chama...trabalho, dever, (risos) dever de casa, tinha dever de casa todo dia.

WH - Lá nos Estados Unidos?

AC - É.

WH - E aqui no Brasil? Nesse Curso de Engen...(?)?

AC - Não. No Brasil também tinha, mas, não era..., dever de casa, em geral não tinha não.

WH - Não ocupava tanto, tanto espaço fora da...?

AC - Não. Não, não. Lá era só isso mesmo que se tratava de fazer. Aqui *soi-disant* também. Mas, já havia pessoas que já tinham até empregos e, e..., vamos dizer e conciliavam as duas coisas.

WH - É. O sr. mesmo, né? Era da... desse Serviço, desse..., trabalhava com lepra, foi assistente do Carlos Chagas enquanto fazia o Curso...?

AC - É...é...é... Eu fui assistente um ano apenas. Não lembro se foi um ou dois anos. Um ano. Porque no outro ano ele ia concorrer e teve que entrar um outro. Um dos que eram, que eram assistentes, né? Que era o... Dr. Carnaval, professor Carnaval, professor Luís não sei de quantos. Sabe? Esses que concorreram com ele, com Carlos Chagas. E mais um, que era mais Cristóvão, Cristóvão..., que foi Presidente do Conselho Nacional de Pesquisas, depois esse era um candidato que realmente podia oferecer uma certa, uma certa, vamos dizer, podia um pouco ... lidar, terçar armas com, com Chagas. Era uma pessoa qualificada, os outros não eram qualificados. E ele ganhou e ganhou, com toda, com toda...a justiça e indiscutivelmente foi melhor do que o outro.

WH - Aí, o sr. ..., deixou de ser assistente dele, ele já ...

AC - Sim. Aí, aí eu nem quis mais ser. Eu era daquele período de, de experiência, ele trouxe, ele trouxe esse nosso amigo íntimo também, muito querido, que morreu cedo, Tito Enéas Lemes Lopes, que era irmão do Padre Lemes Lopes. Não ouviu falar num Padre Lemes Lopes? Aquele muito reacionário, não é? E do, e do Zezé Lemes Lopes que foi um professor aqui de psiquiatria e etc etc. Mas o Tito era... er, era uma pessoa excepcional ...

WH - Ele, ele também seguiu a carreira de sanitarista?

AC - Não! Ele foi até físico, ele ficou com o Carlos Chagas. Ele aí ficou mesmo, saiu de casa físico, depois fez dois concursos, um pra Faculdade de, de...Farmácia de lá da Universidade do Brasil e um para o titular de Física na, na Fluminense. Era um rapaz muito dotado, no Colégio era o 1º lugar em tudo e, e... uma figura excepcional. Morreu cedo.

WH - Eu queria lhe perguntar, Dr. Almir, eh... Quais eram seus colegas nesse, nesse momento, nesse Curso de Saúde Pública... (INTERRUPÇÃO DA FITA)

Fita 2 - Lado B

WH - O sr. tava me contando sobre os seus colegas no Curso de Saúde Pública, que o sr. fez aqui no Rio de Janeiro...

AC - É. Os, os mais chegados a mim, eram o Lincoln de Freitas Filho e Aristides Paes de Almeida. Que eram...enfim, amigos já do Pavilhão...Carlos Chagas. Não é? Bom. (ruídos e vozes) Esses eram os, os, os maiores, maiores amigos. Tinha a Silvia Hasseman (?). Tinha outras pessoas assim.

WH - O que, o que me dá impressão Dr. Almir, não sei se pode ser uma impressão mesmo. É...as pessoas que passaram pelo Pavilhão Carlos Chagas ficaram muito marcadas com a Saúde Pública e seguiram... É verdade isso?

AC - Todas essas, todas essas foram de lá.

WH - Foram lá do Pavilhão?

AC - É. Essas pessoas todas aí.

WH - Quer dizer, era Silvia Hasseman que o sr. citou, o...

AC - Lincoln de Freitas Filho, Filho, Aristides Paes de Almeida e possivelmente alguns que, que eu...não creio bem que eu tenha, esteja esquecendo. Não é? Porque havia também rapazes que eram de estados, que voltavam pros seus estados. Creio que ninguém mesmo da parte de, de...gente. Só foram esses. E de fora, de fora mesmo, completamente de fora era o Candau. Marcolino.

WH - Marcolino Candau também fez esse Curso na mesma época do sr.?

AC - De Saúde Pública?

WH - É. Na Universidade do Rio de Janeiro. (voz(??) ao fundo de CF)

AC - Peraí, deixa eu ver se o Candau era da, era da mesma Eu não sei..., não tô..., agora, agora você me botou numa dúvida. O Candau não era... não era do nosso. Ele era do Estado do Rio.

Ele não era do núcleo Federal. (ri)

WH - Do estado federal...não.

AC - Ele não era federal não (ri) Era estadual(risos). Ele não, ele não era do nosso, do nosso (?). Eu fiquei muito amigo dele porque o encontrei nos Estados Unidos quando ambos fomos fazer...

WH - Ah, depois na John Hopkins?

AC - A... aí na John Hophins, nós fomos fazer o Curso juntos, morávamos no mesmo edifício e, e eu praticamente estava todos os dias com ele.

WH - E outra coisa que eu queria lhe perguntar era, essa, esse fato do Curso de Saúde Pública ter re..., pré-requisito no Curso de Aplicação, isso era uma coisa que ...eh...col...

AC - O Cur..., o Curso de ...é...com pré-requisito era, era o Curso de Manguinhos.

WH - Isso. O Curso de Manguinhos era pré-requisito para o Curso de Saúde Pública.

AC - Para a Saúde Pública. É.

WH - Isso era uma coisa que colocava uma barreira, as pessoas que queriam fazer, achavam que não pre..., não deveriam passar por esse Curso...? Não havia nenhum protesto?

AC - Não...não...não...não... Não! Aquilo era uma coisa estabelecida, vai quem quer. Não é?

WH - Ninguém questionava?

AC - Não, não tinha o que questionar. ... Depois, depois havia outras formas de, de contratar como..., não como, como os, com os direitos e tudo de uma carreira, mas sim contratar, contrata uma pessoa pra..., precisa de mais gente bota uma pessoa, mas que não tem direito nenhum, na hora que quiser manda embora.

WH - Contrata aonde, Dr. Almir?

AC - Ué! Se eu digo, precisa de um médico. Não é? Pra trabalhar num Centro de Saúde numa coisa, contrata e eu não tenho obrigação nenhuma com ele. Enquanto estiver tem, por exemplo, tuberculose, tem gente contratada aí à bes..., à vontade. Não é? Porque eram pessoas tisiologistas que, que sabiam a coisa e ...porque não precisava ser sanitaria nem nada.

WH - E aí eles não tinham a titulação, né? Mas pra ser sanitaria tinha...

AC - Não, não. Quer dizer, tinham a titulação para exercer a, exercer a, a clínica de, de tisiologia, né?

WH - Mas pra ser sanitaria no Departamento Nacional tinha que...?

AC - Não. Não interessava ser. Não interessava ser porque essa carreira de sanitaria não era boa.

WH - Não, não, não tô falando dos fisiologistas, eu tô dizendo dentro do Departamento Nacional de Saúde, pra assumir um cargo de sanitaria já tinha que ter passado por esse Curso?

AC - Todo, esse Curso todo.

WH - Não podia entrar sem...

AC - Não, não podia entrar de modo nenhum. E depois, e depois ainda tinha, ainda tinha certas coisas de...você passava, depois então...tinha..., as promoções entraram e as carreiras porque aí veio o DASP, que foi uma coisa realmente. O Getúlio teve a meu ver, teve dois, dois, duas fases. Eu acho que no Brasil só houve dois, dois Presidentes, que foram o Getúlio na 2a. fase e Juscelino. O resto, não existe. Bom. Então o Getúlio, o Getúlio na... 2a. fase e no meio de uma pra outra criou o DASP. O DASP que foi dirigido pelo Simões Lopes, foi a grande, é o resgate do funcionário público. Porque hoje tem esses débeis-mentais todos que estão no governo. Acha que, que quando é um servidor, não pode ganhar mais do que um ministro. É essa maluquice que tá agora. ... E é a mesma coisa que ninguém entendeu até hoje, porque, porque o ministro ganha Cr\$690mil. Como é que um ministro, um homem pra ser ministro, mesmo que seja assim uma, uma pessoa...esse, esse que tem uma boquinha desse tamanho assim ridícula, Jutahy. Ele já tem mais de quarenta anos, já tem uma..., já tem de que viver, de, de sua coisa... sua carreira... e agora vai ganhar e nunca ninguém esclareceu se é um pró-labore assim que...690 é ridículo para um ministro, não é? E também nunca(ri) aumenta esses 690, eles estão usando isso agora pra perseguir os funcionários públicos, não é? (barulho de porta) Não...não, realmente não é uma, uma carreira muito procurada não, mas o..., eles moralizaram o Serviço Público. Só entra funcionário de, com concurso. Quer dizer, essa história toda que funcionário é boa vida, compreendeu? Claro que tem as Marias Candelárias, mas que são eles, é o Congresso que nomeia. Outro dia, há tempos eu vi uma, uma senhora fazendo um concurso, era mulher de um senador ou deputado em Brasília, fazendo um concurso pra faxineira. Então ela dizia: "Ué! Pois eu não faço isso na minha casa? Como é que...". Certamente não fazia, não é? Como é que não pode fazer. Depois se, se soube, tem uma coisa que eles já fizeram de propósito, que qualquer concurso que faça, é... (ri), qualquer concurso que faça serve para ter um lugar permanente e etc etc. Aí essa Sra. então, não foi nomeada faxineira e sim foi nomeada uma outra coisa e aí foi lá pra..., porque e... essa gente que é nomeada assim, vai pros seus estados e mora lá e recebe o dinheiro lá e tudo... Isto é que é.

WH - E não trabalha normalmente.

AC - E não trabalha. Isto é que é, agora, agora no tempo, no tempo do DASP, não tinha isso não. ...Não tinha (ri) Maria Candelária, não tinha nada disso, era uma coisa rigorosíssima. Eu me lembro o que era, porque eu ia..., o..., por exemplo, os...os é, nunca se discutiu no Ministério, orçamento e serviço, etc etc. Era no DASP. Então fazia-se aquele plano pro outro ano, quero tanto. Eu (ri) quando cheguei no Serviço de Peste, até assim ... março, fim de março, os guardas ficavam sentados...conversando etc, porque não tinha nada pra fazer, porque as verbas não tinham entrado.

Eram verbas especiais. (tosse ao fundo) Bom. Eu digo, ah, não vai ser assim não. Então fiz um memorial pro DASP e nesse ano mesmo nós... nesse...isso é *out off* coisa. Nesse ano mesmo eles já em fevereiro, já receberam dinheiro e já começaram a trabalhar. No outro ano..., no próprio janeiro. Eu fiz uma exposição de motivos para o DASP, dizendo olha, acontece isso, depois os outros ficam sem trabalhar, ganhando dinheiro e etc etc, porque não vêm e coisa, então o meu plano tá aqui assim, assim e isso ficou completamente corrigido. Quando era o, o, o orçamento do ano seguinte, ... eu já sabia que, que era um negócio formal, que ele vinha mesmo, eu fazia uma coisa toda, toda cheia de (ri) mapinhas e, e a distribuição dos carros. Porque naquele tempo pra ter carro era... não era fácil. E eu tinha que ter, quatro estados, né? Tinha pras pessoas se locomoverem. Então eu fazia um negócio todo... todo bonitinho, todo...com, com figurinhas, com coisas, com esquemas, e ia-se pro DASP, aí vinha o DASP inteiro, vinha o Simões Lopes que era o chefe de tudo, vinha o Arthur(?) Sampaio, vinha o (??) Vieira, vinha o Maurício Viana e vinha, mas, mas vinha todos eles vinham, aquelas pessoas que eram as mais importantes, depois era, era uma coisa potestade(?) o, o Luís Simões Lopes, sentavam e eu mostrava as coisas etc que eles adoravam em geral, e davam tudo . Nunca tive uma coisa recusada no DASP. Bom. Então, o, o DASP moralizou o Serviço Público. Agora, com essa, essa, essa brincadeira de depois, é, é o Congresso que nomeia, que faz, que bota. Essa...isso de funcionário público, caiu na, na chacota das coisas, é, é considerado que é um parasita. Não é? Pessoas como essas que estão...no poder agora, consideram são, são parasitas. E perseguem de todas as maneiras, né?

CF - Dr. Almir, só um instantinho, voltando aí um pouquinho pro Curso de Saúde Pública. É... além desse Curso no Rio de Janeiro, existia um Curso em São Paulo ...também né?

AC - De Saúde Pública?

CF - É. Também, né? Ligado a ...(?)

AC - Eu, eu não tô a par disso hoje.

CF - Porque...

AC - (pigarro)...Deve existir...(pigarro)

CF - Quer dizer, de um modo geral assim...?

AC - ...Pra suprir os, os sanitaristas necessários lá ...

CF - Hum, hum. Porque só havia esses dois Cursos na época, de formação técnica...?

AC - Eu..., mas não, não...sim. Mas isso você já constatou que ainda existe em São Paulo?

CF - Não. Existe, né? Nessa época já existia.

AC - Então. E é possível até que algum outro estado, assim mais...progressista, tenha, tenha feito o Curso. Isso, isso eu não tô...

WH - -Não. Tinha dois Cursos só de Saúde Pública na década de 30.

AC - Que era aqui e em São Paulo.

WH - A gente tem mapeado, era aqui no Rio e em São Paulo. Mas pro, pro DNS entrava mais o pessoal que se formava no Rio, né? Ou tinha gente de São Paulo também?

AC - Não, porque não interessava pro pessoal de São Paulo.

WH - O, o que entrasse no DNS...

CF - Por que?

AC - Porque(ri) sempre em São Paulo as oportunidades são melhores. Me lembro muito de um em São Paulo, que era meu íntimo amigo, que era Lhosco(?) Brilha(?) Souto. Esse fez Manguinhos comigo, mas eu não creio que ele tenha feito Saúde Pública lá. Fez Manguinhos, porque ele era interessado nisso, era um pesquisador, toda vida foi pesquisador, já morreu também e..., mas, (tosse ao fundo) Curso de Saúde Pública em São Paulo, eu não, não saberia dizer se, se tem.

CF - Hum... Quer dizer o sr. tá..., pelo que o sr. tá falando, é... a carreira de sanitaria não era uma carreira muito procurada.

AC - Não.

CF - As pessoas que se...que... que, é... se voltavam pra essa especialização na área de medicina, era um grupo pequeno de pessoas.

AC - Eu digo em relação ao resto, era. Em relação ao resto, era. Eram pessoas que tinham vocação pra aquilo. Porque em geral a pessoa quer é ser um clínico, né? Fazer, fazer a sua especialidade e de acordo com o temperamento, ...a coisa, você tem emprego público, não tem. Isso aí é... como, tendo como meta mesmo...Saúde Pública, não gosta de medicina clínica. (ri) E aí a maior parte das pessoas gosta, né?

WH - -Por que ..., o sr. também disse uma coisa interessante. Eu queria que o sr. falasse um pouco mais sobre isso, né? Que o sr. lia muito e estava atento às questões sociais, né? E por isso que o sr. decidiu fazer Saúde Pública. Eu queria que o sr. me dissesse que questões sociais eram essas que lhe acendiam esse interesse, o que que o sr. ...

AC - As...as questões sociais são...é... estando no Brasil, (ri) você não precisa, não precisa perguntar qual é a disparidade tremenda de, de, de... da, dos grupos do Brasil que tem uma, vamos dizer, você terá assim... cinquenta milhões de, de (?), de gente que não tem nada, que vive da, na...com..., em...em economia de subsistência, planta uma coisa, come, acabou. Essa, esse espetáculo vergonhoso do Nordeste. E tem trinta milhões de pessoas inteiramente devolutas, que não fazem nada, que moram em casa de pedra assim e quando já se sabe, pela televisão, que bota isso, botava,

já botou ...inúmeras vezes. O problema de irrigação no Nordeste é um problema já resolvido, quer dizer não tem..., é fazer, tenha quem faça. Agora, não sei se vocês já viram, mas eu tenho visto na televisão...é... nesses dois últimos anos não. A coisa tá de tal modo invadida por esse negócio de maquinas e coisa, que não dá pra ver. Mas eu já vi várias..., inclusive conversei com uma, uma pessoa dessas, uma vez num boteco. Ah... Mostravam fazendas, plantações no, no eixo verdadeiro ali da, da seca. Não é? Que eram verdadeiros vergéis. Eram tomadas com frutas...com ameixa Rainha Cláudia, com... frutas...uvas, não é? Frutas assim... pêssego. Fru...frutas que...que, européias. Não é? E aquilo funcionando maravilhosamente bem. Não é? Não foi uma nem duas, vi duas ou três vezes e se pode fazer num...num pedaço restrito, pode fazer em todo. Não é? Então por, por conveniência dos, dos governadores todos...Agora já tem uma..., agora já está melhorando um pouco. Porque já tem um que foi muito bom, o Jereissati e que substituído por outro bom e tem um outro, parece que é na Paraíba. Tem um..., não, não, tem um outro também ah...de...de boa qualidade. O resto quer é conservar aquela gente assim pra depois fazer...fazer...é... aqueles, aqueles... Eles, eles fazem um negócio de, durante a seca, pagam um...um ordenado ridículo frente de trabalho. Não sabe? Isso tá, outro dia eu vi toda uma reportagem sobre isso. Quer dizer, não querem fazer as coisas porque até essa...essa parte chama-se parte que se podia vencer. Quer dizer, isso é que choca no Brasil, você ver pessoas assim tendo um nível de problema no Rio de Janeiro, porque o Rio de Janeiro é uma, uma dessas coisas que hoje, não é?...Você não...você não tem mais graça de viver no Rio de Janeiro porque, porque tá assim assistindo às, às coisas mais incríveis e etc. Essa, essa história toda de...de menores... de rua, com meninos de rua, não é? Esse negócio... eu, eu saio da minha casa ali na Praça Arco Verde, atravesso a Barata Ribeiro pra ir na padaria, assim... assim oito e meia nove horas da manhã, assim tem um bando de, de meninos de rua com cobertor assim dormindo. Quer dizer se tão dormindo às nove horas, oito e meia, é porque ficaram agindo à, à noite inteira, né? E pronto, claro que ninguém faz coisa nenhuma, não faz ninguém. A... aqui a, a coisa é essa, você tem bandido...bandido e polícia. Mas a... aqui são os que são as duas coisas. Mas na verdade não é assim não. É assim, a parte, a parte de bandido e polícia, (ri)...

CF - É grande.

AC - ...acho que é maior do qualquer, qualquer uma das outras.

WH - E já nessa época, Dr. Almir, a coisa da seca, dessa vida do nordestino era uma coisa que marcava o sr., que...?

AC - ...Ma...ar ...a mim porque eu sou de lá. E depois, no exercício do, do Serviço Nacional de Peste, eu percorria essas zonas todas duas vezes por ano. Inteirinha. Eu ia lugar por lugar. Todos nós tínhamos na circunscrição, que era uma só, tinha a... e depois então tinha o... o setor, e depois o Posto de Saúde. Eram três hierarquias. Agora, também para, para fazer o... o, lá no Serviço de Peste, essas coisas eu digo assim pra... pra por exemplo, não é pra me enaltecer nem nada. Mas, ... eu...eu, ao chegar no Serviço de Peste, eu organizei três cursos. Um, lá no pelo lado do Ceará, Rio Grande do Norte etc, outro em Recife e outro na Bahia. Porque na Bahia também era foco de peste. Então nesses cursos, eu chamei inclusive estrangeiros, para dar o Curso e... e nós dávamos o resto do...do, as pessoas então, pra serem escolhidas para os diferentes postos, porque era uma coisa que ia começar, não é? Eram escolhidas em cada região, pra ficar na região e de acordo com o aproveitamento nesses cursos. E a essas pessoas era dito que era tempo integral e que não podiam

clínica, nem ter laboratório nem coisa nenhuma. Somente se fosse um... estivesse numa zona, não tivesse um médico, atenderia por... por uma questão de humanidade, não é? E que, e... eles assinavam uma coisa antes dizendo que iriam para onde fossem designados. Que não tinha pedia ao governador, aí chegava no governador e dizia assim não infelizmente não pode ser porque essa pessoa concordou em fazer o Curso e ir para aonde fosse designado. Eu, eu dei, evidentemente, uma, uma ...certa... liberdade pela classificação. Os primeiros tinham é... tinham mais direito, escolhia que os outros. Os outros não, iam... iam pro seu lugar. Agora, ... dos que fizeram na Bahia, você mandava pra Bahia, os que fizeram no outro lugar, outro lugar e etc.(ri) Eu me lembro que uma vez, encontrei o Oliveira Brito que foi... era governador da Bahia, encontrei aí (??) ele disse: "Ah, Dr. Almir, o sr. às vezes me dava trabalho porque, vinham se queixar(ri), vinham se queixar e eu, e eu e eu dava sempre, dizia...dê carta branca pro, pra o seu trabalho." Compreendeu? (vozes ao fundo) (ri) E uma vez veio o, um pedido de tal... um pedido pra sair de um lugar e eu disse pra ele:" Você como veio pra cá, aceitou ser colocado aonde nós quiséssemos, onde mais e mais... e de acordo com a sua classificação no Curso. Não adianta pedir". Foi pedir (ri) e ele também não pediu mais.

WH - E isso era comum no Departamento Nacional de Saúde? Quer dizer...

AC - Não.

WH - ...quando o sr. fez o Concurso, fez o Curso de Higiene e Saúde Pública aí o sr. foi selecionado no Departamento Nacional de Saúde, também tinha essas exigências de não poder clinicar...de...?

AC - Não, ali não... porque eu ... porque eu...eu concorria a cargos do Departamento Nacional de Saúde. Os cargos do Departamento Nacional de Saúde não proibiam nada.

WH - Não.

AC - ...Apenas que já se sabia que eu n... não tava interessado nisso. (tosse ao fundo)

WH - É, mas aí era uma opção pessoal, né? Não era uma exigência do Departamento Nacional de Saúde?

AC - Não...não...não. Eu não sei como... Sabe como são as coisas, as coisas se arranjam...(ri) no Brasil, não é? O sujeito deveria...dava um expediente e... mas não era o Barros Barreto nunca clinicou, o Fontenelle nunca, nunca mexeu em clínica.

WH - Porque eu me lembro, Dr. Almir, que numa certa época que foi década de vinte, provavelmente, o sr. acho que ainda não era do, do Departamento Nacional de Saúde Pública...é...

AC - Em 1920?

WH - É.

AC - Estava no Colégio. (risos) Estava no Colégio.

WH - O sr. entrou em 36. Pois é. Não, tava começando em... na Faculdade um pouco depois, né? O que eu queria lhe perguntar era o seguinte: tinha uma...uma disputa de certa forma, entre carreira sanitária de formação que dava tempo integral... e os médicos...

AC - Não. Nada. Não... não. Por exemplo, durante o tempo da Faculdade não, não havia isso. As pessoas ainda...ainda sabiam que iam construir sua, sua carreira e etc etc, não é? (Tosse ao fundo) Tinha muita gente dos estados aqui. É... era um, naquele tempo você podia se transferir inclusive, não havia essa história não poder se transferir de uma Faculdade vagabunda (ri) não sei da onde e vir aqui pra terminar e ter o diploma daqui, daqui ou de São Paulo. Naquele tempo podia vir... E então nos, nos últimos dois anos, houve um afluxo sendo muito grande de pessoas que vinham dos (buzinas) estados e pra se formar aqui. Não é? A... agora...não... (vozes ao fundo)

CF - Deixa eu fazer mais uma perguntinha, Dr. Almir, só pra... é uma curiosidade em relação ao que o sr. tava falando. Quer dizer, o sr. associou o tempo inteiro a sua opção pela...pela Saúde Pública, primeiro pelo fato do sr. não querer clinicar e pelo fato do sr. estar preocupado com os problemas sociais brasileiros. ...

AC - Não...não eu digo é que...

CF - Isso, isso a gente pode identificar em outras pessoas que também optaram pela Saúde Pública, havia uma preocupação dos sanitaristas na época com os problemas sociais no Brasil ou o sr. acha que era uma preocupação sua?

AC - Não... Era. Minha era. ...

CF - Pois é.

AC - Agora, se as outras pessoas...é... foram levadas pelos mesmos...interesses, pelas mesmas razões, ...eu...não sei.

CF - Isso, estas questões não eram discutidas nos cursos?

AC - Não, não. Isso não era discutido. (vozes ao fundo) Mas por exemplo, vamos tomar o exemplo de um amigo. O... o Candau por exemplo, Ernani Braga, Ernani Paiva (?) Ferreira Braga trabalhou comigo no Nordeste, na Delegacia e, e evidentemente que era...hum...já sabe, um sujeito um pouco mais moço e etc, é sempre um pouco influenciado por mim. Não digo que ele fosse influenciado por mim, mas toda a vida ele fez, ele fez é..., ele fez é... Saúde, ele depois foi pro SESP e depois outras coisas, depois então foi pro negócio de Organização Mundial de Saúde trabalhar com o Candau. O Candau também, isso não tinha nenhuma, nenhuma paixão por clínica, não é? Então, eu creio que, que era mais ou menos uma questão de temperamento de, de cada um, não é? (continuam as vozes ao fundo o tempo todo)

CF - Mas não se pode então associar, quer dizer, é...identificar uma, uma preocupação dentro dos Cursos de Saúde Pública com questões sociais mais relevantes, isso é uma coisa que...?

AC - Não...não creio que nessa (ri) ocasião não se mexia nisso não. E se houvesse, achavam que era comunista. (risos)

WH - Mas não achavam que o sr. era comunista, achavam?

AC - Não...não, não achavam não porque eu também era (?) católico, (ri) como eu fui da AUC, que era Ação Universitária Católica, com, com Tristão de Athayde e todo mundo...não... ... A... mocidade começou a se politizar exatamente nessa época, sabe? Não era não, todas essas coisas depois de matarem estudantes aqui e outro em Recife, aquela história, isso já foi de...de...da, do tempo ruim de Getúlio e das, e das ditaduras militares. Na...naquele tempo não, não tinha isso.

Data: 05/01/1994

Fita 3 - Lado A

CF - Então vamos começar, Dr. Almir. É... em 1936 o sr. começou a trabalhar no Serviço de Saúde Pública do Distrito Federal.

AC - Isso.

CF - Não é? Nós gostaríamos de saber um pouco, é... primeiro como que o sr. foi chamado pra ocupar o cargo, que, que funções o sr. desempenhava no serviço...?

AC - O... o primeiro, o primeiro trabalho, vamos dizer, regular, o primeiro...minhas, minha primeira atividade foi realmente isto, do ... da Diretoria de Serviço de Saúde Pública do Distrito Federal. Aonde eu fiquei de 36 a 38. Esse serviço era o, o, o... o chefe desse serviço era o Dr. Fontenelle, né, que foi o nosso professor de estatística e que me, me convidou e me chamou pra isso. (ruídos) Bom. Nesse, neste a... aqui pelo... pelo meu roteiro, eu vejo que logo eu fui é... designado pela, pelo Departamento Nacional de Saúde para organizar o Serviço de Bio-estatística dos Departamentos de Saúde dos Estados... dos Estados do Amazonas, Pará, Maranhão e Ceará. Foi a primeira função que eu tive fora do, do Rio de Janeiro.

WH - Mas o sr., olhe, o sr. ficou como diretor do Serviço de Saúde Pública do Distrito Federal, ...

AC - Não, não era como diretor.

WH - ... pelo menos por dois anos.

AC - Sim, eu fiquei. Mas, ness... nesses dois anos eu, eu fui fazer isto, era extensão.

CF - Ah...!

WH - O sr. não foi Diretor do Serviço?

AC - Não... Eu nem tenho...tenho aqui... é Assistente Técnico da Diretoria de Serviço da Saúde Pública...

WH e CF - Hum, ah...sei.

AC - ...do Rio de Janeiro, que era dirigida pela, pelo professor Fontenelle. Entendeu?

WH - Ah...ótimo. Quer dizer, o Diretor do Serviço Federal era o Fontenelle e o sr. era...?

AC - Era o Fontenelle. Que era um homem importante, tinha sido meu, meu professor como o Barros

Barreto que era do Departamento Nacional de Saúde, tinha sido o meu professor, me conheciam e pelos...é... evidentemente eles procuram os ...*soi-disant* bons alunos do Curso, ah ... que tiveram exper..., que eles tiveram exp... experiência como alunos. É... convidar as pessoas que eles achavam que tinham ah...interesse na, na matéria e... e tinham competência, né? Bom. Então, como já, como Assistente da, da Diretoria do Serviço de Saúde Pública, eu fui ah... designado pra este trabalho onde fiquei alguns meses, ham...organizando o Serviço de Bio-Estatística e, e... vamos dizer, dan...dando pequenos... ham...não eram propriamente cursos, mas eram uma assistência, mostrar como se faziam as coisas, como se classificavam os óbitos e etc. Essas coisas, essas coisas desse tipo. O... a organização dos serviços, em cada um desses eu deixei uma pessoa, praticamente é... habilitada a, a começar, a iniciar um Serviço regular e, e sistemático de, de, da Bio-Estatística. E isso foi...

CF - Agora, Dr. Almir, esse..., mas esse serviço feito fora do Rio de Janeiro...?

AC - Mas é lógico, não...

CF - Mas aí o serviço não era...esse, então esse serviço de Saúde Pública do Distrito Federal ele, ele não...não se mantinha restrito ao Distrito Federal, ele dava assistência a outros estados.

AC - Não. Ele mantinha..., mas isto é, é o daqui do Distrito Federal, mas o Departamento Nacional de Saúde que era dirigido pelo Dr. João de Barros Barreto, tinha evidentemente, e colega do outro, do Fontenelle tinha liberdade para me convidar ...

WH - E requisitar... Ah...sei.

AC - ...e requisitar e sem uma requisição formal e etc. Apenas que eu boto isso porque foi o, o primeiro trabalho assim que eu fiz de organização. Não é?

WH - Quer dizer o sr., o sr. era Assistente no Serviço Federal do Dep...no Distrito...

AC - ...Saúde Pública do Distrito Fede...

WH - ... Federal e trabalhava...pra outra estados...

AC - Não trabalhava. Trabalhava lá ...

FC - Mas tava prestando uma assistência.

AC - ... mas pediram para fazer uma coisa. E i... isso era uma coisa muito usada, você pede um, um *expert* numa coisa qualquer e manda e... pra fazer ah... sob, aí era sob a égide do Serviço...do ah... Departamento Federal de Saúde que era, que era, abrangia o Brasil inteiro. Bom, então eu fui pra organizar isto.

CF - Vamos, vamos perguntar uma coisa ao sr., Dr. Almir, antes um pouquinho. Porque a gente gostaria de saber um pouco sobre esse Serviço de Saúde Pública do Distrito Federal. Ele...o sr.

lembra quando...

AC - Do Estado do Distrito Federal.

CF - Quan...é. Quando que ele foi criado?

AC - Não..., eu não sei quando foi criado, isso quando...

CF - Não...não. Mas..., mas...

AC - ... quando eu entrei ele já existia.

CF - Já existia.

AC - É.

CF - Sob a direção do Fontenelle. Né?

AC - É.

CF - E como é que era a relação desse Serviço do Distrito Federal com esse...

AC - Era...era...havia...

CF - ...com o Departamento Nacional de Saúde? Havia...isso era uma coisa comum, essa cooperação?

AC - Não...não...não havia subordinação nenhuma.

CF - Não.

AC - Era apenas com pessoas, colegas e... e... e pessoas assim, líderes de Saúde Pública tanto o Fontenelle quanto o Barreto. Então, e... eram, eram repartições que se davam bem. Ele pedia e ia sem, sem nenhuma, nenhuma dificuldade, não é? Não era uma coisa eterna, era pra ficar. Era pra... No, no Fontenelle eu fazia u...um assistente de um diretor de um serviço desse, faz a mesma coisa que um diretor faz. Entendeu?

WH - Hum...hum.

AC - Agora, cada um de acordo com o seu (?), com o seu... sua...é... o seu modo de ser, escolhe algumas coisas. Eu escolhi lá é... Avaliação e Estat... Estatística das Atividades e a Avaliação dessas atividades. Era o que eu fazia lá. Fazia o quadro e fazíamos no fim do ano, fazíamos o relatório que era uma coisa ... uma coisa substancial porque eu acho que todas as pessoas tem obrigação de fazer relatório, porque fica ali gravado aquilo que foi feito. Bom. Então...

CF - Esse Serviço então, ele era subordinado à Prefeitura. Não? Ele não era subordinado...

AC - Não era subordinado. ...Era...era...era sim. ...

CF - Era da Prefeitura.

AC - Mas nesse tempo o Rio de Janeiro era o Rio de Janeiro, era a capital etc ...

CF - Era o Distrito Federal. Claro.

AC - ...era o Distrito Federal. Então era uma, uma coisa realmente...importante, era...era um serviço do Rio de Janeiro. Não é... o Estado do Rio de Janeiro era outra coisa. Era o Rio de Janeiro como cidade, que era uma cidade estado. Não é? Bom.

WH - E esse...essa, esse serviço, o... quais eram as atribuições dele, ou seja, ele tinha sob sua...seu comando, que tipos...tinha hospitais...?

AC - E...e...e... era, era tudo de Saúde Pública, tudo que se fazia, todas as atividades de Saúde Pública do Distrito Federal.

WH - E que eram todas at... o que que era ah... quais eram as atividades nessa época? Isso que eu queria perguntar.

AC - Isso era baseado... isso era baseado principalmente nos Centros de Saúde.

WH e CF - Isso...sei.

AC - E... eles, Barreto, Fontenelle e outras pessoas trouxeram para aqui o, a... essa idéia de Centros de Saúde, que eram idé...uma, uma org... uma criação americana. Era um Centro que você dividia a cidade em zonas, não é? Pelas zonas. E aí você tinha Centro de Saúde de tal lugar, Centro de Saúde do Inhaúma, Centro de Saúde de, de Botafogo. E, e tinha aqueles Centros de Saúde, onde se faziam todas as atividades não curativas, eram atividades de Saúde Pública. Então tinha um Serviço de Puericultura, tinha um Serviço de, de...de, ah... vamos dizer, de gestantes para mos...mostrar como devia se comportar ou que devia fazer...os cuidados que devia ter, uma mulher gestante. Então iam periodicamente ser examinadas etc etc até ser encaminhadas pra...pro parto. Tinha a puericultura, tinha as doenças infecciosas. Nesse tempo a tuberculose era, era uma coisa que...é... vamos dizer, que, que destruíra muita gente, a tuberculose era...o pleno tempo de, de, de pneumotórax essas coisas e depois (ri) a coisa mudou, davam a (augimicina?) e em dois meses acabava com a tuberculose. Mas isso mui...décadas depois. Aí era, era a grande novidade como rotina era o pneumotórax, que então tinha médicos pneum...que eram especialistas em tisiologia, eram os tisiólogos. Hoje não há mais tisiólogo. Hoje, hoje tem os, os pneum...é

CF - Pneumologistas.

AC - ... fazem...são...são...fazem...são especialistas em pneumologia.

WH - Isso.

AC - Bom. Quer dizer, às coisas ligadas aos pulmões, mas dantes era à tuberculose, que era especialmente o (freiada no trânsito) grande problema dessas pessoas, eram tisiólogos, tisi...tisiologistas. Hoje não há mais tisiologistas, não é? É... são as pessoas que se... que tratam de qualquer defeito, (barulho de trânsito) qualquer dificuldade etc, relativa a... aos pulmões. Não é? Caso do efizema, isso, aquilo... Naquele tempo era o pneumotórax. Então tinha, a...as seções principais eram essas, eram a puericultura, de criança desde que nascia, a... a coisa das gestantes, os serviços de gestantes, os serviços de tuberculose. Alguns tinham, vamos dizer, serviço de um modo geral de doenças infecciosas quando elas ocorriam para ... enfim os conselhos necessários etc. E...o... a parte de puericultura ia até uma certa idade, depois de uma certa idade...já...já não...não era mais necessário porque tinham nas escolas, nas escolas quase sempre haviam serviços de...de...de, vamos dizer, dessas, dessas, das...por exemplo das, das chamadas doenças infecciosas que, da, da infância, né? Que hoje já com vacinação e tudo, já são muito menores, quer dizer, sarampo, coqueluche e caxumba, é... esse tipo de coisas. É, é uma coisa (ri), veja bem, uma coisa que tem, tem sessenta anos de, de...foi há sessenta anos atrás. As coisas eram muito diferentes naquele tempo. E neste, neste Serviço de Saúde Pública do Distrito Federal, eu fiquei até 1938, quando fui fazer o Curso de Saúde Pública... o Mestrado nos Estados Unidos.

WH - Olha só... E esse serviço, ou seja, o Serviço, a atribuição do Diretor era coordenar essas atividades dos Centros...

AC - Sim...ah... .. como um diretor em qualquer lugar. Era tudo. Era um diretor...tem que... Todos os Centros de Saúde eram subordinados ao diretor e tinha um hospital de isolamento era tudo ...é ...evidentemente subordinado ao diretor.

WH - E Campanhas ele coordenava? Teve Campanhas nessa época? O sr. ...

AC - Sim, Campanhas ... É ...praticamente assim que eu me lembre Campanhas ...propriamente... não me lembro porque creio que não. E... essas Campanhas são em geral em tempos de (risos), em tempos de cólera.

CF - Mas Dr. Almir, me diz uma coisa, o sr. falou que nos Centros de Saúde as ativida..., os Centros de Saúde não desenvolviam atividades curativas, eram atividades basicamente ligadas à Saúde Pública, né? Foi isso que o sr. falou. A... pois é..., mas... (fala ao mesmo tempo que ele)

AC - É, é, é... é. Por exemplo na fase(?) da tuberculose era, era, eram curativas porque foi fazer...faziam pneumotórax e isto faziam...era atividade curativa. Agora, é... duas coisas, quer dizer, quando se diz não faziam atividades curativas é que ninguém ia lá, por exemplo, porque estava gripado ou coisa pra se internar, não eram hospitais, era, era uma...ninguém ficava ... no Centro de Saúde, ia fazia sua seção, seu pneumotórax, o que fosse e, e voltava. A... a mãe podia levar uma criança doente, mas a doen...a criança não ficava lá, ela era encaminhada pra o lugar mais próprio. Compreendeu?

CF - E qual era esse lugar? Quer dizer, aonde se desenvolviam atividades de assistência médica?

AC - Nos hospitais da cidade.

CF - Nos hospitais.

AC - É. Que não tinham nada que ver com...com essa diretoria. (tosse)

CF - E os hospitais tinham ambulatórios de assistência...?

AC - Não, os ambulatórios eram na...

CF - Eram nos Centros de Saúde.

AC - Eram nos Centros de Saúde. Agora, os hospitais tinham a Santa Casa, tinha o São Francisco, tinha esses hospitais que, que ...que enfim, tem por aí.

CF - Mas havia um ambulatório então, nos Centros de Saúde?

AC - E também havia ambulatório no Centro, mas...o, mas o ambulatório do Centro de Saúde era diferente do ambulatório do, dos hospitais. Ambulatório dos hospitais é pra pessoas que vão a...no ambulatório, recebem uma coisa, uma receita e voltam pra casa e outros são internados. Agora, o ambulatório nosso, era...chamava-se de ambulatório, essas coisas, o sujeito ia por causa do...a mãe...a... puericultura...ou de, de gestantes porque era o objeto... A não ser este caso especial de tuberculose, porque lá se fazia tratamento de tuberculose, mas do tratamento saía e voltava. Não é? Já e voltava pra casa.

WH - Quer dizer, normalmente não tinham leitos pra internação, nesses Centros de Saúde não tinha?

AC - Não. Não. Centro de Saúde não tinha leito.

WH - Na hora que tivesse que internar encaminhavam pra outros hospitais.

AC - É, é, é.

CF - E nos Centros de Saúde, Dr. Almir, trabalhavam enfermeiras visitadoras, nessa época já haviam o que eles chamavam de enfermeiras visitadoras?

AC - Sim, já havia enfermeiras visitadoras. A coisa era o seguinte: aí é que começava a ter a profissão de enfermeira, começou a ganhar status. Então eram as enfermeiras naquele ano, naquele tempo é..., praticamente só existia uma escola que era a Escola de Enfermagem Ana Nery. Que era uma escola também Federal, que era ali na Avenida Rui Barbosa, inspirada(?)...

WH - Que foi fundada pelo Carlos Chagas né?

AC - Fundada pelo Carlos Chagas. O Carlos Chagas foi um grande inovador em matéria de Saúde Pública. Ele criou o... o primeiro...a introdução de enfermeiras, da enfermeira d... diplomada de Saúde Pública que ele criou a... a, vamos dizer a... não..., inspirado pelas existentes nos Estados Unidos. Aí então essa profissão, ganhou títulos nobres. E...e... era uma enfermeira diplomada. Agora nos hospitais havia, eu por exemplo, trabalhei muito tempo, trabalhei algum tempo, como já disse da outra vez, no Hospital São Francisco que era o Hospital ... de Medicina Tropical do Carlos Chagas. Lá havia enfermeiras diplomadas e havia outras que não eram, que eram simples, eram... eram simples...enfermeiras auxiliares, assim vamos dizer, que tinham prática, uma prática...não, não escolar...não didática, não era... Hoje é um Curso, inclusive, Curso Superior. Bom. Isso foi uma criação de Carlos Chagas. (vozes ao fundo) Agora, enfermeiras visitadoras, são a... em certos casos, né? Quando se sabe de uma coisa vai dá um conselho, etc. Mas, mas praticamente as, as enfermeiras visitadoras são mais em...só iam(?) em caso de uma epidemia, de uma coisa...não...

WH - Quer dizer, não tinha uma rotina de uso de enfermeiras visitadoras, de mapear o panorama...?

AC - Não...não...não. Não, só quando se fazia uma averiguação, uma estatística, uma, um...um censo qualquer de alguma coisa que isto entrava. Mas e além disso, as enfermeiras eram muito poucas para o trabalho todo que tinha. Não é? A Ana Nery é uma coisa que já se..., que...naquele tempo era uma coisa relativamente recente, a criação.

CF - Tá. E pra, nessa época já se exigia que as enfermeiras pra trabalhar nos Centros de Saúde fossem formadas pela Escola Ana Nery? Isso era uma exigência ou isso...(?)

AC - Não, não...isso...isso era... Quando...se podia?

CF - Sim.

AC - Era, quando não, você, você por exemplo pra enfermagem de coisa tinha que admitir outras. Tinha que admitir as não diplomadas, que tinham prática, aprendiam com as outras. Não é? Mas sempre tinha um chefe, uma chefe...Me lembro muito lá no Pavilhão Carlos Chagas havia uma americana, vinda de lá para ajudar na criação da, da Escola Ana Nery e que trabalhava lá. Chamava-se (Carrie Irino?). E era pessoa..., mal sabia o português quando chegou, aprendeu, depois casou com um dos médicos de lá etc.(risos) Era assim, havia poucas. Hoje eu acho já que deve existir ... um número satisfatório, embora não...nunca foi uma carreira é..., era uma carreira que as pessoas tinham mais por vocação do que por causa de, de ... do que pelos proventos. Não é?

WH - Sempre se ganhou pouco como enfermeira, é isso que o sr. quer ...?

AC - É...é... não ganhava muito não.

CF - Dr. Almir, e no, e além das enfermeiras, a gente é... sabe que haviam outros profissionais como por exemplo, os engenheiros também, eram indicados como, como...quadros dos Centros de Saúde, os engenheiros sanitários.

AC - É, é engenheiros sanitários. Mas isso era em número muito menor e eram pessoas mais ligadas

assim à, por exemplo, coisas de reservatórios, ham... poluição de água, os...a distribuição d'água pela cidade. Não é? Coisas que, que caberiam mais a um engenheiro. É... vamos dizer, o planejamento dessas coisas todas, de abastecimento d'água, é... água. E sobretudo eram nos estados em não...ham...quando havia por exemplo, cisternas que se fizessem no interior e etc. E... eram as coisas que eram ligadas aos engenheiros. Agora, e... era um número muito menor de engenheiros, por exemplo, vamos supor, pra dez médicos teria um engenheiro sanitário. Tanto porque também não, não era uma... assim como a carreira de sanitarista não atraía muito os, os médicos porque os médicos em geral visavam era tratar de doentes, era isso a profissão, e é uma profissão que pode ser uma profissão ... socialmente rentável, boa. E o engenheiro também tem as... as atribuições de engenheiro. O que que é o engenheiro aqui? Serviço de água, esgoto, não sei que, a Central do Brasil, as Estradas de Ferro, não é? Isso é tudo de engenheiro, obras de um modo em geral. Não é? Então um engenheiro de Saúde Pública eram...era um número relativamente pequeno. Eu vi mais isso, por exemplo, na nossa..., quando eu fui Delegado de Saúde, tínhamos um engenheiro sanitário. Não é? Um engenheiro que cuidava de todo esse tipo de coisas ... na área das nossas, da nossa, da área abrangida pela Delegacia de Saúde.

CF - Mas nos Centros de Saúde então, o número era pequeno e eles não tinham...

AC - Em geral tinha um, um sanitarista...um engenheiro, é.

CF - Um engenheiro. E o trabalho dele então, era um trabalho mais de assistência, de supervisão, de ...de ...de água, de contaminação à água, água e esgoto?

AC - Não...não...não. Tudo o que era ligado, tudo era...que era ligado a... a coisas do ambiente. Não é?

CF - Ah, sim.

AC - E ...e ligados a esses problemas de, de água, de abastecimento de água, e esse tipo de, de coisas que...é... toda parte de salubridade que dependesse de engenharia era deles, né?

CF - Eles participavam de fiscalização de casas, de estabelecimentos comerciais, essas coisas ... pra ver as condições de higiene...?

AC - Não...assim... não... Bom pro...propriamente isso não caberia ao engenheiro, caberia a guardas, né?

CF - Aos guardas sanitários.

AC - Aos guardas sanitários.

CF - Os engenheiros não davam nenhuma assessoria, orientação, es...

AC - Não, mas claro que davam assessoria. Mas não ia um engenheiro saber se...se a... no botequim (ri) a latrina estava funcionando. Entendeu? Era uma coisa que caberia aos guardas, aos chamados

guardas.

CF - E havia, Dr. Almir, nos Centros de Saúde também alguma atividade voltada especificamente pra... pra, haviam vários Centros de Saúde espalhados pelo, pelos...pelo Distrito Federal, né?

AC - É uma coisa assim, como doze, vamos dizer. Não me lembro exatamente o número.

CF - E haviam a..., haviam algumas atividades voltadas mais para as áreas mais afastadas, para as áreas ditas rurais, vamos dizer assim, que na época, pra...(?)?

AC - Ah...Nada, nada ... rurais... Sim, mas havia Centros de Saúde nesses lugares. É no ... em todo Distrito Federal.

CF - E esses, esses Centros de Saúde tinham atividades voltadas especificamente pra essas áreas...

AC - Tinham as mesmas atividades.

CF - Eram as mesmas coisas. Não havia diferença?

AC - É, é.

CF - E outra coisa, Dr. Almir, quando o sr. tava falando dos Centros de Saúde, das atividades voltadas, uma preocupação com a puericultura, com o atendimento à mãe, à gestante, o acompanhamento...havia...

AC - ...Porque isso é...é... é a obrigação dos Centros de Saúde. São feitos pra isso.

CF - Dos Centros de Saúde. Agora, além dos Centros de Saúde, existiam nessa mesma época, outros serviços ligados ao Departamento Nacional de Saúde, que também cuidavam da criança, da mãe, gestante...

AC - Não, eram esses, eram esses serviços.

CF - Eram só os Centros de Saúde? Não havia aí uma...?

AC - Ha... ...havia. Não. Podia haver uma, uma, um Departamento de Puericultura, uma coisa assim... assim (?)...

CF - ...A Diretoria de Proteção à Infância, que havia nessa época.

AC - Sim, é. Não... Eu...eu, eu realmente não me lembro do...do...do, vamos dizer, do esquema da, desse tempo da Saúde Pública, pra... pra poder lhe dizer. Mas havia sempre esse serviço de...de...da infância, de puericultura, todas essas coisas. Agora, tudo isso havia nos Centros de Saúde. Era a puericultura e o... a, o serviço da gestante.

CF - Não havia aí uma duplicidade de funcionários, não eram dois serviços pra desenvolver não. Esses serviços eram feitos nos Centros de Saúde?

AC - Não! Não...não...nunca, nunca havia duplicidade. Era...às vezes havia falta de, (ri) de alguma coisa em algum lugar. Du...duas...duas... organizações fazendo o mesmo serviço, não.

CF - Não havia?

AC - Não, não.

CF - Hum hum. ... E de um modo geral, Dr. Almir, como é que era a relação entre os serviços federais e os serviços municipais, estaduais?

AC - Era muito boa. Era muito boa po...

CF - Havia cooperação...

AC - Era muito boa porque os serviços estaduais tinham muito a receber dos serviços, dos serviços federais. Compreendeu?

WH - Recursos, inclusive?

AC - É... ...recursos assim de, de dotações não. Não é? Mas, de... de cooperação eram coisas que, que o Serviço Federal fazia.

WH - Quer dizer, cooperação técnica?

AC - E depois... O Rio de Janeiro era um caso especial. O Rio de Janeiro era a capital do Brasil. Não é?

WH - É.

AC - Até chegar Brasília, era o Rio de Janeiro. Aqui que tinha o Presidente da República, aqui tinham os ministros, todas as pessoas moram aqui, o Senado, a Câmara. Não é? Então...

WH - Quer dizer, o Distrito Federal de Saúde era o mais importante, né? (??)

ACÉ. É Distrito Federal, não era...não é estado.

WH - Claro.

AC - Tudo isso era o Distrito Federal. Eu, eu era um funcionário do, do Governo Federal. Era o quadro de sanitaria no Ministério da Saúde.

WH - Nessa época, quem era o diretor era o Fontenelle, né? O sr. podia falar um pouco sobre (barulho

forte) o Fontenelle?

AC - O...o... É um pouco difícil descrever as pessoas. O Fontenelle era uma pessoa também de formação de americana. Não é? E que era um apaixonado por, por Saúde Pública, por estatística, sobretudo estatística vital. Compreendeu? E... e de um modo geral, estatística, né? Então era uma pessoa que entusiasmada com... ..ham... .. e eu...tenho uma certa dificuldade (ri) porque como eu fui o primeiro aluno dele, ele me considerava muito. E então me chamou por causa disso. Porque era e... .. essa essa amizade natural que nasce de, do, do professor pelos alunos que ele, que ele mais preza. Eu fui assistente dele em "n" cursos, porque..., a toda hora organizava-se... cursos frequentemente para dar..., nos estados. Não é? E ou então ... cursos, assim cursos mais rápidos etc, que vinham pessoas dos estados e dava-se o Curso. Não é? São...são esses tipos de esse tipo de atividade, e isso...as atividades comuns e ... você servir ham... sobre o, sob a, a égide de uma dessas pessoas de maior prática, eu... nasce uma...uma, nasce uma atividade ... uma confiança etc... muito grande.

WH - Por que o sr. disse há, há pouco tempo atrás, que é... ser assistente do diretor era fazer as mesmas coisas que o diretor. Né?

AC - Sim. Era praticamente as mesmas coisas. Ele delega coisas que ele faz pra... pra a pessoa fazer por ele. Porque um diretor não...não pode ter tempo pra... pra certas...certas questões mais...mais assim, mais de rotineiras, entende?

WH - Quer dizer...

AC - Ai... nós já saímos um pouco do, do âmbito do que nós estamos ... Pra, pra fazer uma, uma coisa da filosofia das profissões (ri) já é ...dos en...dos cargos etc, já é, já é...

WH - Não, a gente quer mapear, Dr. Almir, justamente quais eram as atribuições dos cargos...entendeu? É isso que a gente está interessado em saber.

CF - Coisas que não...(??)

AC - É isso! Mas isso não, não difere hoje uma pessoa que é diretor de uma coisa, não difere muito do, de...de hoje de...de... trinta, quarenta, cinquenta anos atrás. É a mesma coisa.

WH - O sr. acha que é mais ou menos a mesma coisa?

AC - É a mesma coisa. Um diretor, como um diretor cuida da... da... da parte mais... do, do pico da coisa, não é? E... e... e os seus subordinados, dependendo dos subordinados que tem, dos quadros que tem etc e do âmbito de obrigações que lhe cabe. Não é? N... você pode ser diretor de um, de uma coisa que (ri), que praticamente você faça tudo, se é uma coisa muito restrita. Né?

WH - E a relação do Fontenelle nessa época, estávamos falando de Governo Vargas, né? Como era a relação dele com o Vargas?

AC - Não tinha relação nenhuma. Isso as pessoas tavam muito longínquas de nós. Isso era um presidente da República. (ruídos). Essa... é uma questão que praticamente não se coloca. Né? É um serviço ...não..., o diretor tem que ser apolítico, entende? Então se ele está dentro desse, se esse regime...é um regime ditatorial...ele tem que...ou não trabalha num regime ditatorial... ou não trabalha e não toma conhecimento disso. Não é? A, a menos que ele seja vítima de injustiças, de atos arbitrários e etc. Uma vez que ele está fazendo um trabalho de Saúde Pública, ele...ele está completamente isento de qualquer, de qualquer participação nesse tipo de coisa. Não, não participa.

CF - O sr. acha que é possível uma pessoa ter um desempenho, só uma preocupação técnica, separada da política?

AC - Claro. Acho que tem. Acho que tem.

WH - Belizário Pena foi uma pessoa que defendeu muito isso, em algumas coisas que eu já li dele, ele argumentava muito isso. Que a área da Saúde Pública deveria ter uma preocupação com a técnica, com a formação, com a separa... Mas o sr. não acha que há uma influência muito grande da política na implementação dessa Saúde Pública?

AC - Sim..., mas ...não. Não..., mas claro. Essa influência, não é uma influência, uma influência metodológica nem, nem...uma... é uma coisa..., vamos dizer, pode forçar pessoas a admitir incompetentes pra uma coisa, isso não interessa nada. Isso não interessa nada. Isso é uma coisa de filosofia política, de ciência política. Isso não, não é...

CF - A política não interfere na definição de orçamento, na definição de verbas pra Saúde Pública, isso...não?

AC - Sim... Mas a política dependendo de quem dá essas verbas do orçamento da Pública. Aí, evidentemente há um trabalho do, dos chefes, dos ministros etc dos, do...dos chefes por exemplo como o Barros Barreto junto ao Ministro da Saúde, não é? Porque no fundo quem resolve essas coisas é o Ministro da Saúde. Naquele tempo era Educação e Saúde. A maior parte do tempo nosso foi com Capanema.

CF - Hum hum. Foi com Capanema.

AC - Que era uma grande figura.

CF - O sr. acha que o Capanema teve uma preocupação efetiva com a Saúde Pública ou mais com a Educação?

AC - Mais com a Educação. Mas ele...ele...não, vamos dizer, apoiava todas as coisas. Ele, ele era sensível, apenas, ele pela formação dele, era uma pessoa mais ligada a outros assuntos, ele era um bacharel evidentemente, não é?

CF - Dr. Almir, eu queria só voltar um pouquinho antes da gente fechar o Serviço de Saúde Pública do Distrito Federal, até pegando Capanema um pouco. Em 1937 o Capanema assina um acordo com

a Prefeitura do Distrito Federal e ele passa, na época que ele cria as Delegacias...ele cria...perdão. Eu tô juntando as coisas. Ele passa para a Prefeitura do Distrito Federal, é... os serviços de Saúde que estavam é... subordinados ao Departamento Nacional de Saúde, isso foi em 1939. Né? Antes disso, quando ele criou as Delegacias Federais de Saúde, a primeira Delegacia Federal de Saúde ficava situada no Rio de Janeiro, no Distrito Federal. Né? E no caso havia um serviço de Saúde Pública do Distrito Federal também. Como é que se dava..., era uma separação de serviços ou... a Delegacia Federal de Saúde trabalhava junto com o Serviço de Saúde do Distrito Federal?

AC - Olha...eu, eu vou lhe dizer muito francamente, que eu não, não me lembro desse tipo, desse tempo em que havia uma Delegacia Federal de Saúde aqui. Eu fui Delegado de Saúde depois, mas lá fora. Eu não...eu realmente não me lembro como funcionava...

Fita 3 - Lado B

CF - Que foi uma curiosidade que nós tivemos, de imaginar como funcionaria uma Delegacia Federal do Departamento Nacional de Saúde, responsável pelo serviço no Rio de Janeiro e ao mesmo tempo havia um Serviço de Saúde no Distrito Federal. Né? ...Nós não...

AC - Mas..., por exemplo, as Delegacias de Saúde, que existiam pelo Brasil inteiro, e eu tomo como exemplo a que foi minha, é... abrangia quatro estados. Agora, cada estado tinha o seu Serviço de Saúde Pública. A Delegacia era suposta, sendo um organismo federal, de auxílio a pedido prestado, prestado por cooperação, quando era querido, se não era querido, não. Mas evidentemente os estados queriam muito. E nós, inclusive, arranjávamos peritos...pessoas mais especializadas, que ficavam assim um ano em tal lugar, outro ano. Eu, por exemplo, em...em Recife, eu tinha um dos meus assistentes, era o Valério Konder, o Valério Régio Konder. Era o Conder que ficava no Rio Grande do Norte. Bom. E tinha, Mário Magalhães da Silveira, que ficava em Alagoas. Porque ele era de Alagoas. Quer dizer, são são coisas assim, eram eram pessoas que eram muito úteis porque eles iam...iam organizar coisas junto aos Serviços locais de Saúde e era uma tarefa que evidentemente dependia do...do, da flexibilidade das pessoas, do. Não se mandaria uma pessoa neurótica (ri) ou, ou dessas que, que puxam brigas e questões. Eram pessoas que...que ...que tinham que ter um temperamento de fazer uma coisa, ajudar uma coisa, sem, sem mostrar que estava achando que as pessoas não sabiam fazer ou eram ignorantes etc.

WH - Conciliador, né? Tinha que ser conciliador.

AC - É. E os estados recebiam muito bem. Recebiam muito bem, porque aquilo em primeiro lugar, eram pessoas que colaboravam e que faziam parte das...das..., para...para justamente, ham...transmitir os conhecimentos e a prática etc. ...A a a... ajudavam no, no...na operação das, das unidades e... tudo que havia. De modo que éramos sempre muito bem recebidos. Nunca tivemos a menor, a menor manifestação de desagrado, ou qualquer coisa. Organizávamos cursos...é... era um...

CF - Esses eram o que na época chamavam Diretores de Saúde dos Estados? Ou não?

AC - Não. Esses não.

CF - No caso essa função com Mário Magalhães, com Valério Conder...não eram Diretores de Saúde?

AC - Não...não... Eles, eles eram pessoas oferecidas ao estado como, como assessores e como conselheiros.

CF - Hum hum.

AC - E então estavam lá. Porque senão as pessoas achariam que havia intervenção e coisa. Não havia nada disso, eram pessoas..., sempre que foi, que...e... e realmente eram pessoas que se tornaram muito ... muito estimadas nos lugares e porque, porque via-se que estavam ali, as pessoas queriam aprender coisas, né? E depois tem o seguinte, hou...houve a célebre, a célebre...grande epidemia de malária naquele tempo...né?

CF - Hum. Nós vamos falar sobre isso daqui a pouco. (ri) Vamos falar lá. Vamos pegar...começar então, Dr. Almir, conversar um pouquinho sobre essa época que o sr. foi Delegado Federal de Saúde. Tá? No Nordeste. O sr. foi chamado pra ocupar o cargo pelo Barros Barreto? Não foi isso que o sr. comentou da outra vez?

AC - É. Porque ele era... dependia dele, e aí me tirou do Fontenelle e eu, eu aceitei ir pra lá, aceitei ...

WH - Havia briga entre o Fontenelle e o Barros Barreto?

AC - Não... não... *out off records*, evidentemente (ri) devia haver uma certa, uma certa imolação entre os dois. Mas, não devia propriamente...

WH - Mas era o que? Uma imolação por é...

AC - Não... porque....

WH - Doutrina...?

AC - Não... autoridade, a doutrina era a mesma.

WH - Eles acreditavam nas mesmas coisas?

AC - Claro. Ma..., mas também não havia o que..., o que divergir. Entendeu? A... Saúde Pública é baseada nos princípios da medicina, medicina coletiva etc. Então não havia o que divergir. Havia era, era ... deixar de fazer Saúde Pública apenas ... na, na ocasião de uma epidemia. Porque na verdade era isso. Aí havia uma epidemia, gastava-se aquela loucura que se gastou na Febre Amarela de Oswaldo Cruz. Não é? Que, que era foi uma coisa assim em massa, era uma, um número absurdo, enorme de guardas e coisas etc. Depois acabava tudo, não é? Então, ...houve ainda uma, uma, um (ri) caso desses de febre amarela que eu estudante, fui ah...acadêmico, visitador. Ia, eu ia nas

travessas das partilhas(?), nos focos aqui, todo dia olhar nas casas se tinha alguém doente. Isso era o dia inteiro, no tempo que era o Clementino Fraga, o... o maioral da...

WH - Da Saúde.

AC - Da... Saúde aqui. E então como, (ri) como nós tínhamos, o Clementino Fraga era baiano, como nós tínhamos relações de lá e etc, ele, ele me nomeou a pedido de meu pai. Não é? E... e eu fiquei assim uns seis meses, enquanto (ri) (?). Fiquei com esse lugar de visitador, era, era (tosse)...eu ainda era estudante ou recém-formado, uma coisa assim. Né? Mas, não...

WH - O sr. disse que não havia divergências em termos de ações de saúde ... práticas de saúde?

AC - Não...não... Mas, não, não...havia. Não, isso não havia.

CF - O sr. não acha que essa preocupação, quer dizer, alguns preocupados só com o combate à epidemia e outras pessoas preocupadas mais com uma atividade preventiva, isso não...?

AC - Não....Não, porque...porque você não tendo epidemia, epidemia é uma coisa episódica, isso aí...

CF - O sr. não acha que isso mostra uma diferença de opinião com relação à Saúde Pública?

AC - Não, não tem.... Não tem diferença nenhuma. São as mesmas pessoas que cuidam das duas coisas. Quando há uma epidemia..., agora, na verdade a atividade de Saúde Pública não se fazia aqui de maneira rotineira, regular. Quando havia uma epidemia, aí ia lá e ...coisa... e aí e parava. Então foi o Carlos Chagas, realmente, quem começou a fazer essas coisas todas, de maneira, de maneira, ah vamos dizer, sistemática. E não apenas num momento de Academia. E aí...

WH - Maneira sistemática e talvez...é...na, a nível nacional, né?... Porque antigamente o, a Saúde era mais o Rio de Janeiro, né?

AC - É, a nível nacional, mas o fato é que ele, ele estando aqui, era muito mais a coisa assim tinha que estar aqui.

WH - Era sempre mais...

AC - É, é. Agora é isso, de cuidar disso, de cuidar de fazer uma Escola de Enfermagem, de...de fazer, de...de incentivo aos Cursos de Saúde Pública, essa coisa toda. Uma parte toda do Curso de Saúde Pública era dada em Manguinhos. Eu fiquei dois anos e meio em Manguinhos. Antes de começar o Mestrado, Mestrado Brasileiro, aqui, que era da Faculdade de Medicina, mas que era dado em muitos lugares. Mas, não, não...não, na verdade não tinha, não existia essa, essa diferença de opiniões. Né? O grande mérito do Carlos Chagas foi sistematizar isto e tornar uma atividade, uma atividade...é..., vamos dizer, regular e não apenas em época de epid... de perigo.

CF - Dr. Almir, quer dizer, quando o sr. foi pra, pro Nordeste em 38, né, pra IV...pra Delegacia

Federal de Saúde da IV Região, né? Foi exatamente quando começaram a funcionar as Delegacias Federais de Saúde, né? Porque elas nasceram de uma reforma de 37, né? Então o sr. que começou esse serviço lá, começou a implementar essa, esse funcionamento da Delegacia Federal de Saúde. Não é? Eu queria que o sr. falasse um pouco sobre isso, como é que era esse serviço, que atividades ele desenvolvia, quais os profissionais que trabalhavam no serviço...

AC - Nesse tempo as Delegacias de Saúde, ..., vamos dizer, eram responsáveis por serviços que depois tomaram, ficaram serviços independentes, por exemplo, o Serviço Nacional de Peste, naquela ocasião ele não existia ainda. Então quem fazia o trabalho de peste na região, que por acaso a minha era região de peste, motivo pelo qual depois eu fui nomeado Diretor do Serviço Nacional de Peste, onde fiquei doze anos e... Aí eram...eram, eram atividades que, que...os estados não estavam muito preparados pra, pra fazê-las, e nós estávamos preparados, porque inclusive porque tinha verbas para isso tudo. Então, a...a...as Delegacias de Saúde tiveram um papel muito..., e foram muito bem recebidas sempre. Porque não era um simples estado, era fazer um trabalho que normalmente caberia ao estado se não houvesse, se não houvesse uma, um Órgão Federal. Não é? Então as Delegacias foram muito bem acolhidas e tudo, toda, toda coisa.

WH - E essa sua área, era área de peste, o sr. tava...o, a Delegacia trabalhava mais no controle...

AC - Entre outras coisas tinha a área de peste.

WH - Controle da peste...

AC - O... a ...a peste, era uma coisa que vinha desde, vamos dizer, cercanias de, de Piauí, compreendeu? Mas era principalmente Ceará, Rio Grande do Norte, mais ou menos escapava um pouco de peste. Era Pernambuco, Paraíba, Alagoas e um pouco Bahia. Tudo isso tinha..., na Bahia nós tínhamos uma circunscrição. Não é? Outra no Ceará, outra em, em Recife. (freiada) E então a circunscrição se dividia, dividia em Setores e os Setores se dividiam em Distritos. Não é? Então cada, cada Setor e cada Distrito tinha um médico. Pra isso nós fizemos cursos e que inclusive tinha especialistas estrangeiros que nós convidávamos que..., especialistas em...em entomologia aplicada, em... em, na, na parte por exemplo de, de...especialistas em...de, de doenças provocadas..., de zoólogos que trabalhavam com ratos. E então nós fizemos esses cursos em cada, fizemos em... três cursos diferentes para recrutar o pessoal do Serviço Nacional de Peste. Isso..., esse Serviço foi depois, não é? Eu, eu já tô misturando, a... a função da Delegacia com a...

WH - Com a do Serviço Nacional.

AC - No meu tempo era..., cuidava-se de peste mais assim com...com um especialista que era o Ernani Braga, que ia, ia nos lugares e tinha o Oscar de Brito. Eram, eram, eram pessoas...

WH - Quer dizer, o sr. voltou agora, agora o sr. tá dele..., tá falando da Delegacia Federal?

AC - Não...eu...tô...andando um pouco...

CF - Da Delegacia.

AC - É, é Delegacia. Da Delegacia. Isso tudo é da Delegacia. Agora...

WH - Quer dizer, o Ernani Braga já trabalhava na Delegacia Federal?

AC - Já trabalhava na Delegacia.

WH - Ele trabalhava com o sr.?

AC - Ele era meu assistente. É.

CF - Ah sei.

WH - O sr. montou esse grupo?

AC - ... Montei, eu...

WH - Quer dizer, chamou o Mário Magalhães..., o Ernani Braga...?

AC - Sim, eu chamei... eles eram amigos íntimos meus.

CF - O Valério Conder..., o sr. chamou essas pessoas pra trabalhar com o sr., quando o sr. foi pra Delegacia?

AC - Sim, isso...isso. É, é.

CF - Ah sei.

AC - Eles eram sanitaristas...

CF - Sim, eu sei.

AC - ...tinham que ser designados pra algum lugar. Mas aceitaram ir trabalhar nesses lugares porque era, eram...eram pessoas muito (ri) especiais. Porque eram, eram todos *out off records*, eram pessoas de esquerda e, e tinham interesse em trabalho junto do povo. Não é? Bom, então... E agora tínhamos os, os nativos também. Nós tínhamos lá o Oscar de Brito, tínhamos o Lessa, tínhamos várias outras pessoas, engenheiros sanitários, bombeiros, é... E, e, e depois então que eu fui, eu fui, ham...depois que eu voltei dos Estados Unidos é que eu fui ser chefe do Serviço Nacional de Peste.

WH - Aí que o sr. organizou esses cursos...?

AC - Sim, quando eu fui...eu estava, voltei pro, pro Fontenelle que ficou muito satisfeito por voltar (risos), aí o Barreto me tirou para (ri) ser Diretor do Serviço Nacional de Peste.

CF - De novo.

WH - De novo? (ri)

CF - ...tirou o sr. ...

AC - Não. Para o Serviço Nacional de Peste eu aceitei porque era uma questão de carreira...

WH - Claro, claro.

AC - ...você tem que aceitar os cargos mais, de maior, maior responsabilidade. Além disso, tinha uma outra razão, é que eu sou da região. Entende?

CF - Hum hum. Sua família é de Recife, não é?

AC - Eu sou nascido na ..., eu sou nascido na Bahia, por acaso porque o meu pai era guarda-mor nesse tempo lá. Mas muito pouco morei na Bahia, né? Temos grandes amizades lá, tínhamos, agora morreram todos. Mas, mas na verdade a minha família embora, muito mais cearense do que pernambucana, pernambucana tem a minha mãe apenas, toda a parte de meu pai é cearense, eram radicados em, eram radicados...em Recife. Minha tia Maria, mãe de meu pai, era casada com um homem que foi o pioneiro de quase todas as coisas de Medicina no...no, em Pernambuco, que era o Otávio de Freitas. Que tinha estudos lá fora, que estudou raio x, essa coisa toda, montou todo esse negócio. Tinha a liga contra a tuberculose, era, era um professor..., fez a Faculdade de Medicina, foi ele que fez toda, desde o princípio, inteirinha. Não é? En...então eram, eram pessoas do nosso convívio, enfim, de sangue, e que eu...inclusive ficava com ele, morava na casa deles etc, essa coisa toda. Então era, era um ambiente que eu, que eu já tinha, não é? E então era rapaz, moço aí ainda, ...e em... em...3...36 que eu, 36 que eu fui pra lá, não é, 36?

WH - Pro... Delegacia Federal? 3..38

CF - 38. Na Delegacia, 38.

AC - Na Delegacia Federal, 38. Eu tinha 27 anos. De modo que então...eu me adaptava muito bem, tava num cargo importante, tudo isso. De lá eu só saí mesmo pra ir pra, pra...

CF - Pra John Hopkins.

AC - John Hopkins.

WH - Como é que foi pro sr., assim, profissionalmente falando, montar essa Delegacia? Quer dizer, o sr. entra praticamente quando ela é criada, né? Como foi pro sr. montar isso?

AC - É...é... Meu Deus do Céu! Eu...eu tenho jeito, eu sou uma pessoa que tenho jeito pra esse tipo de coisa, organizar coisas, e fazê-las. Então, eu já encontrei uma, uma sede. Não, não é... depois (ri) que eu arranjei a sede. A primeira coisa foi mudar de onde estava, não estava bem instalado, para um lugar melhor. E aí me instalei na sede...

WH - Sede da Delegacia Federal?

AC - Delegacia Federal. Lá na sede...

WH - (??)

AC - ...eu me lembro de encomendar os móveis (ri) e até, aquelas coisas todas, eu faço o negócio desde...do chão...

WH - Começou do início mesmo?

AC - É comecei do início, manter a... aquela coisa toda. Não é?

CF - Havia, Dr. Almir, assim uma, uma orientação para os Delegados Federais de Saúde em cada região do Brasil? Ou seja, eles tinham uma orientação comum ou o sr. tinha autonomia pra, pra definir a estrutura do Serviço, as prioridades...?

AC - Não...é..., mas não... essa, essa coisa não se, não se fazem regras nem...

CF - Não, não tinha.

AC - Não. Não existe isso. É um trabalho de Saúde Pública. É... é uma coisa definida, perfeitamente definida. A... a, a Delegacia Nacional de Saúde era para ...é, desenvolver trabalhos em coisas que, que os estados não tinham, não tinham realmente meios de fazer, não só os meios de...de conhecimento de...de causa, de conhecimento de assunto, como não tinham meios...é ...vamos dizer...

WH - Materiais.

AC - ...materiais, para, para fazer. Então nós fazíamos isso, seria ou feito mesmo por nós ou...ou com uma cooperação com o Estado, quer dizer, que nós, nós ajudávamos o Estado a fazer, entende? Porque você tem de usar de habilidade nessas coisas pra não desautorizar, não desautorar as... as...

WH - O sr. era também uma pessoa hábil nesse trato com..., entre o Ministério da Saúde e...e... estados...?

AC - Mas sim, porque não havia... Sim porque não ...ninguém, ninguém nos recebia como nós sendo pessoas que estão se, estão se imiscuindo, metendo e querendo mandar. Não, é ...(?)... pelo aporte que nós podíamos dar. Então isso, as pessoas eram amigas nossas e conhecidas. As autoridades desses lugares eram pessoas que, que todos se conheciam mutuamente e etc e... estavam muito satisfeitas de ter criado uma Delegacia, era uma honra ter criado, ter, ser a sede de uma Delegacia.

WH - Mas os Srs. só trabalhavam na região, se houvesse uma requisição do estado, no caso?

AC - Não! Mas essa requisição já era óbvia, já...já existia desde o princípio porque e... eram coisas que, que nós passaríamos a fazer. Agora, não eram, não eram os serviços de rotina, quer dizer, nós não íamos mexer nos Centros de Saúde que houvessem nos estados..., na...na campanha contra isso, contra aquilo. Nós dávamos a cooperação e éramos muito bem recebidos. A... a... aquilo era tido como uma, uma sede do Governo Federal. Né?

WH - E que tipo de cooperação os Srs. davam, assim...?

AC - Esta que eu tô acabando de dizer.

CF - O sr. falou da peste, né? Outra...que outras doenças?

AC - Pois é. Malária por exemplo.

CF - Malária...

AC - Houve uma imensa epidemia de malária do *Anopheles gambiae*, que foi um mosquito trazido da coisa, e que foi, foi erradicado no Brasil com o trabalho que a Fundação Rockefeller nos ofereceu ao Brasil. Então eles foram pra lá, era Fred Soper(?), o... o outro, como era, Wilson, e... eram americanos que vieram pra lá. Eram amicíssimos nossos (ri). Bons, bons...é...Soper não, Soper e... era assim um gigante, um... e o Wilson era o mais engraçado, era, gostava de um... uma cervejinha (risos)essa coisa...

WH - Gostava de bater papo?

AC - É. Ah muito, eles eram amicíssimos nossos, meu Deus do céu! E nos auxiliávamos assim mutuamente. Essa Campanha da, da Febre Amarela, era...foi...da... da

WH - Da malária.

AC - Da malária. Foi uma coisa épica. O Nordeste quando chove então, é lama, cada patinha de...de cabra que corre assim, é um foco de mosquito. Então você imagina o que foi para, para ...debelar essa coisa toda, né? E o dinheiro que se gastou.

CF - Como é que foi essa, essa..., como é que se deu essa relação, Dr. Almir, entre, entre os...é a Fundação Rockefeller e o...

AC - Mas a Fundação Rockefeller é uma Fundação que existe para isso.

CF - ...Serviço Nacional de Malária, né? Na época era o Serviço de Malária do Nordeste, que havia na época, não é?

AC - Ssss...não..., não...tinha Serviço de Malária, Serviço de Malária nesse tempo não... acho que não, não existia ainda. O Serviço Nacional de Malária? (tosse)

CF - Não, não, antes, era o Serviço de Malária do Nordeste. Que depois ele termina e vira o Serviço Nacional de Malária.

AC - Sim, mas isso é uma coisa assim que foi criada pra isso. (tosse) Nessa época então o Governo mandou gente para cooperar com o Soper, quer dizer, os guardas, as coisas, etc. Eles entravam com o dinheiro e com a direção. A direção de cima. Eles tinham três ou quatro médicos. Eu, eu...nesse momento...

CF - A Rockefeller?

AC - A Rockefeller. A Rockefeller...

CF - Mas haviam médicos brasileiros também trabalhando...?

AC - Claro! Que eles recrutavam, porque eles tinham dois chefes. Agora esses chefes recrutavam pessoas que depois até foram trabalhar no Serviço de Peste ou não, etc. Entende? Então eles, eles ficavam lá. O Soper ia, voltava, etc. E o, e o... o Wilson ficava lá mais ou menos o tempo todo. Agora, foi um trabalho, trabalho de Hércules, porque era essa história que eu tô dizendo, cada...patinha de, de coisa na lama era um foco. Destruir, acabar isso tudo (ri), é foi...foi um trabalho. E depois houve uma...uma, uma ameaça de volta depois de estar extinta completamente do *gambiae*, começaram a chegar..., aí já era um tempo em que tinha lá o Brigadeiro, esse...esse Brigadeiro, Brigadeiro que não sei que, é solteiro, ...Brigadeiro... O célebre Brigadeiro Eduardo Gomes, não é? ... Qual é?

CF - Eduardo Gomes é do Nordeste. É... não era dessa época..., mas ele, vai ver que foi...(??)

AC - Não, não é do Nordeste, mas...era. ... Mas foi lá... eu não quero... o máximo de Caxias assim e de, de direita e etc. (CF fica comentando algo ao fundo) E aí foi uma dificuldade (ri), porque ham...inventaram uma história de que os americanos não queriam que, que fizessem nos aviões que chegavam, a... xxx (?) inspeção do inseticida. E vinham e vieram foram pegados vários *Anopheles gambiae* de novo que tinha sido extinto, no negócio. E o Brigadeiro, se...se os americanos não, não quiserem eu não, não deixo fazer a coisa e eu disse assim e será responsável pela entrada da malária aqui. Né? Era Eduardo Gomes, né? Esse...célebre é... que foi candidato eterno...

WH - A presidente?

CF - Hum hum.

AC - E sempre, (ri) graças a Deus, é... perdeu.

WH - Sempre perdeu.

AC - Era o candidato, era o candidato assim ..., vamos dizer, conservador, ...e a UDN ...

WH - Da UDN.

AC - ...(ri) era o que caracterizava a UDN. E assim foi-se...

CF - Como...como é... era a, a relação entre a, a Rockefeller e os profissionais brasileiros era...uma, uma...?

AC - Ótima. ...E... todos eles...pessoas...gostariam muito de ser...de ser (ri) recrutadas pra trabalhar com ele. Houve a oportunidade de emprego e trabalho pra muita gente. Não é? De modo, que não...

CF - Mas a direção técnica, a supervisão era toda da Rockefeller?

AC - Era, toda...toda da Rockefeller.

CF - Não havia Dr. Almir, a gente tem algumas informações, isso era importante a gente saber se o sr. confirma ou não, que havia umas certas divergências entre o Soper e o Barros Barreto. Que o Soper tinha uma preocupação só de acabar com, com o vetor, né? Eliminar o *gambiae*. E o Barros Barreto tinha uma preocupação de uma...uma, de implementar uma política mais preventiva, de tratamento...?

AC - Sim, mas (ri) aí, aí era um caso diferente, é que se queria explorar mais o, o trabalho e o dinheiro dos americanos. Tá entendendo? Porque se você vem e acaba uma epidemia ..., não. O...o... o que o Barreto queria, era uma... uma continuação da cooperação da..., que aliás, sempre nos deu de uma maneira ou de outra...ham...cooperação. Né?... ... Enfim, isso aí não eram coisas muito importantes.

CF - E o sr. sabe, o sr. tem idéia de como é que foi essa repercussão dessa, dessa Campanha do *gambiae* entre as populações local, havia alguma... havia boa recepção entre as pessoas...?

AC - Mas é lógico que, você vai impedir que as pessoas tenham, tenham doenças e morram e o Diabo? Claro que tinham a maior. O povo do interior é um povo muito cooperativo, um povo muito pobre, um povo de uma miséria horrenda. Tudo que possa ser... servir pra ajudá-los e etc, eles aceitam com grande... Primeiro não tem muito acesso, tá entendendo? As pessoas. De modo que ah... se não tiver...eu não me lembro de subir de... (ri) Primeiro... viagem que eu fiz pra ver um foco de peste, era no, no alto de um morro. Não era também um Corcovado, não é? Mas era um morro. Aí eu digo: "Mas vamos tomar um..." e tínhamos um bicho, "Não...não, mas esse, esse o sr. não vai não que é animal". Aí eu digo: "Animal é animal, não tem problema". Animal queria dizer que era égua, não era um cavalo (risos), e que então homem não monta na égua...

WH - Homem não monta na égua?

AC - É. Não, não. É animal. Mas eu não sabia que se chamava animal. (risos) Eu digo:"Peraí, meu caro, eu... subi esse troço aí... mesmo, mesmo ainda tendo boas pernas e tudo isso não, vou no animal". Aí subi no animal e fui ver o caso de peste, porque não tinha sentido, não...não, não por machismo, não sub... não, não reconhecia essa, essa restrição, não é?

WH - Essa diferença. Mas o sr. como Delegado Federal, o sr. ia nas regiões, nos focos, estudar...?

AC - Ia. Sim, eu...eu... o meu expediente era na coisa(?). Agora, eu ia e percorria, percorria toda a zona, mesmo quando era de peste, eu percorria dois, duas vezes por ano a zona inteirinha. A Sede era aqui, eu ficava aqui.

WH - Aqui aonde, Dr. Almir?

AC - No Rio de Janeiro.

WH - Ah... o sr. era Delegado Federal, não era (?)?

AC - Não, não era Delegado. Era do Serviço... quando eu fui Diretor do Serviço Nacional de Peste. Quando voltei dos Estados Unidos, fui trabalhar no Fontenelle e aí o Barreto me convidou, por isso o Fontenelle ficou furioso mas... eu não podia fazer nada, era um degrau no meu, no meu currículo e eu aceitei. Era um degrau já todo do meu autoconhecimento, Não é? Eu conhecia a zona toda, município, por município. E... convinha pra mim como pessoa, ficar num lugar em que eu, praticamente não tinha despesas. Não é? Despesas... o carro... o carro da, da Delegacia com chofer, não é? Ah... ... morava com meus parentes, não gastava nada. Então era muito con... conveniente com... para mim e era um título, era um trabalho que eu gostava de fazer. Não é?

CF - Dr. Almir o sr., só voltar um pouquinho ainda para quando o sr. era, era Delegado Federal de Saúde. É... como é que o sr., o sr. ... eu queria que o sr. falasse um pouquinho pra gente sobre essa atuação da Rockefeller no Nordeste de um modo geral, como é que você...que o sr. viu essa, esse trabalho da Rockefeller...

AC - Mas então eu não acabei de dizer...

CF - ...não só em relação à malária não, porque a Rockefeller vai continuar, né, depois vai se criar a Fundação SESP, né? Como é que o sr. via esse trabalho de um modo geral...

AC - Não, pois é, mas isso é muito depois, isso é muito depois. O SESP é outra coisa.

CF - É, é 42, é em 42. É.

AC - É. (tosse)

CF e WH - Esse Serviço...

CF - O sr. acompanhou a criação do Serviço Nacional de Malária, o sr. chegou a acompanhar..., o sr. foi, foi mais ou menos na mesma época que se criou o Serviço Nacional da Peste, mas o sr. chegou a acompanhar discussões sobre a criação do Serviço Nacional da Malária?

AC - Não..., mas não tinha discussões. A malária...a malária era uma doença de muito mais, muito mais extensão do que, do que a peste, evidentemente. Então foi criado o Serviço da Malária porque

era uma coisa natural, não é? E foi o Mário Pinotti que foi... foi o Diretor.

CF - Pinotti, né?

AC - Mas não houve... era uma coisa que já estava se pensando há muito tempo e etc. E foi criado e continua. Como tinha ...

CF - O Mário Pinotti trabalhava já nessa área de malária especificamente, não?

AC - Tin...tinha passado a trabalhar... aí n... não me lembro bem...da coisa, da coisa como se dava. ... Às vezes os Diretores não eram propriamente muito especialistas, viu? Eram..., dirigiam, a... a coisa. O Pinotti era paulista, se não me engano, e era uma pessoa assim, de muita influência na política. Entende? E... era um homem muito acessível, muito amigo, gostava muito de ajudar os outros e... isso... Agora havia outros serviços, havia o Serviço Nacional de Pe... de...de Lepra, por exemplo.

CF - Sim, de (??)

AC - (??) Mas era localizado aqui. Tinha, tinha comércio lá, um posto com os Leprosários do país. Era. era uma coisa mais restrita, né?

CF - Hum hum. Dr. Almir, é...de...o sr., o sr. lembra de alguma coisa assim, de como, como é que se dava essa relação entre, é no caso, os representantes da Fundação Rockefeller, o Fred Soper e o Barros Barreto com, em relação ao Capanema? ... Havia uma influência maior de um ou de outro sobre o Capanema, para interferir...?

AC - Mas...o, mas...o... o Soaper não queria influenciar nada o Capanema. O Soper tava lá se propondo a fazer um trabalho e era muito bom e... e fazia o trabalho. Não, não...não havia esse tipo de, de rivalidades e coisas, porque, evidentemente, a... num país que não era muito rico, não é, e que, que uma... organização internacional, ou seja, de que país seja, se proponha a organizar um trabalho e custeá-lo e etc, é sempre bem-vindo. Não tem nenhuma nin...ninguém ofusca, uma pessoa não ofusca a outra.

CF - Enquanto o sr. foi Delegado Federal de Saúde, a Rockefeller cooperou com a Delegacia Federal de Saúde também, ou era só com relação à malária?

AC - Não...não...na...ali não... Nós não pedíamos cooperação nenhuma pra, pra coisa nenhuma, porque não, não se precisava. Eles estavam fazendo o Serviço de Malária que era independente da Delegacia. Era um serviço que por acaso era na nossa, né, podia não ser. Depois quando a coisa um pouco se passou a só ter esses focos de Febre Amarela Silvestre e etc, não é, no tempo da Febre Amarela, aí já, já saiu de lá, já foi...era mais aqui, eram caçadores, pessoas que iam... Aí houve a descoberta de outros transmissores. Mas o...o..., quanto ao trabalho dessas, dessas Fundações, isso sempre se passou no melhor da, no melhor das relações.

CF - Quer dizer então enquanto o sr. foi Delegado Federal de Saúde, essa cooperação com a Rockefeller foi basicamente em relação à malária? Foi restrito à malária, né?

AC - Sim, foi. Porque, porque houve...foi aí que houve uma...

CF - Por causa da... da é, sim, epidemia.

AC - ...uma epidemia. Saiu do *gambiae*, vinha do *gambiae*. (tosse)

CF - Dr. Almir, outra coisa, é... em alguns, alguns trabalhos que a gente leu, relatórios, uma série de coisas, aparece uma preocupação muito grande, é no trabalho das Delegacias Federais de Saúde, em levantar índices sanitários pra... pra se elaborar tabelas e gráficos, né, pra se ter uma série de índices sobre nascimento, mortalidade, uma série de coisas. Como é que funcionava esse trabalho?

AC - Não isso aí... isso aí era Serviço de Bio-estatística.

CF - Mas havia esse tipo de trabalho dentro das Delegacias Federais de Saúde?

AC - Não. Isso não era feito. Nós dávamos assistência para que os Serviços de Bio-estatística, que eu já no país já mostrei até Cursos de Bio-estatística que nós demos e tudo. Aí quando eu comecei a falar alguma coisa, vocês pararam. Ir, é... tem aqui uma, uma referência...

CF - Hum hum. Ha sim, foi isso na época que o sr. era do Serviço do Distrito Federal, né?

AC - É...é... é. Olha aqui... a comissionado para organizar o Serviço de Bio-estatística nos Departamentos de Saúde dos estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará.

Fita 4 - Lado A

AC - ... isto era uma cooperação que nós dávamos, como por exemplo, neste... é em 1936, antes de, de eu ser Delegado de Saúde, essa coisa toda, eu fui comissionado...sim, isso era a pedido dos estados, né, para organizar os Serviços de Bio-estatística dos Departamentos de Saúde nos estados do Amazonas, Pará, Maranhão e Ceará. (ruídos) Foi a primeira vez que eu tomei contato com isso, eu ficava no, no Serviço de, de Bio-estatística, que às vezes era curioso, aquilo...que era uma pessoa que mal sabia a coisa, né? E aí davam, davam um curso completo à pessoa sobre causas de morte, sobre isso, sobre aquilo, pra se fizesse aquilo de acordo com os padrões, com os padrões internacionais. E então foi um trabalho interessante que eu...que eu...

CF - Agora, na...a Delegacia Federal de Saúde tinha um serviço específico, ou era um serviço dos estados?

WH - Um Serviço...

AC - Não, isso em primeiro lugar, isso não...não é... não tem Delegacia ainda.

CF - Não havia, mas.... Não. Eu sei, eu sei. Mas na, na época que o sr. tava na Delegacia Federal já havia esse tipo de serviço ou era, o sr. só dava uma assessoria para os estados, Dr. Almir?

AC - Não...não... não porque...não porque eu dava, dávamos assessoria pros estados, se pedissem. Mas nós tínhamos um, um representante em cada estado, que era o encarregado de fazer isso. Não. é?

CF - Fazia isso, não é?

AC - Agora, este não, eu fui porque eram vários vínculos e etc. Às vezes nem tinha médico pra fazer, era uma moça que fazia, etc. E eu ia ensinar como é que se classifica, porque tem os...as causas mortis etc, ... mostrava. E aí víamos uma porção de barbaridades, evidentemente num caso desses você, você vê uma porção de barbaridades de classificação. Não é? E aí ...

WH - Por exemplo?

AC - Hem?

WH - Por exemplo, que barbaridades?

AC - Não...barbaridades...de pessoas colocando causas de morte...não aplicáveis ao caso, tá entendendo? Coisas de...erros fundamentais, às vezes até porque não, não conheciam a... propriamente o vocabulário de, daquilo. Então eu dava, praticamente, um, um Curso de como fazer a bio-estatística.

WH - Quer dizer, começou do zero a bio-estatística nos estados, praticamente, né?

AC - Sim, do zero. É, do zero. Agora, eram pessoas que estavam fazendo, podiam não estar fazendo bem e outras fazendo medianamente. Mas aí então, nós evidentemente só, só..., vamos dizer, desenvolvíamos mais esta parte que nós julgávamos mais, mais fraca. E então, os quatro...os quatro, às vezes eram pessoas mais idosas, que não tavam muito, não eram muito interessadas. Entende? Então, nós também..., vamos dizer, ...estimulávamos a que tivessem assim, um assistente, um assistente mais moço que poderia endireitar, etc. Então eu me lembro muito de um trabalho, que eu fiz nessas quatro... nessas quatro, nesses quatro lugares. (pigarro)

CF - E esses cursos que o sr. dava, eram cursos práticos mesmo?

AC - Isto não era...isto não era um curso, era uma...era uma...era uma, vamos dizer, era uma... um trabalho de... feito na repartição com as pessoas que trabalhavam com aquilo. Não era um curso.

CF - (??) e WH - Assessoria. (as duas ao mesmo tempo)

AC - Uma assessoria de, vamos dizer, de...de fazer um trabalho com eles pra que eles aprendessem.

WH - Quer dizer, o sr. vai organizar cursos depois, né? Anos depois?

AC - É... cursos...cursos..., depende do que sejam.

CF - Naquela época que o sr. foi Delegado Federal de Saúde, o sr. organizou uma série de cursos lá, não foi?

AC - Bom, eu organizei cursos, em primeiro lugar, pra recrutar o pessoal. Esses que eu já me referi, que tinha até estrangeiros e tudo isso, que foram recrutados... pelos resultados dos cursos.

CF - Não foram só médicos, são só médicos que fizeram esses cursos?

AC - Só médicos, só médicos.

CF - Só médicos. Engenheiros, enfermeiros, não?

AC - Não, não. Isso era médico para o Serviço de Peste. Era peste que se ensinava e com...com... até com professores estrangeiros. Eu fiz três cursos desses e nomeamos as pessoas independentemente de...de política, de todas essas coisas, porque nós tínhamos relação com os, com os governadores. O governador de...de Pernambuco era Agamenom Magalhães, que era nosso amicíssimo, da família inteira e tal (?). E era irmão, tinha um irmão médico que foi, que nós conhecíamos desde que eu era, ainda era menino, porque estudava aqui e almoçava em casa. E essas coisas todas de gente do mesmo, do mesmo plano. Então, ...nós tínhamos total liberdade de, de conversar coisas com ele e tínhamos a coisa porque ... para, para o governador, ele, ele pode é querer... nomear uma pessoa, etc etc, e sem saber que não...se nomearia, né? E... eles só podem receber bem, não é? Então não tinha, não tinha nenhuma, nenhuma...nenhum atrito, nenhuma...motivo pra isso, né? E...o... os governadores... (ri) desses estados..., meu avô foi governador do Rio Grande do Norte. O...o... governador do Estado Rio Grande do Norte, era o Fernandes, eu não me lembro se era ..., eu não me lembro, mas eram, eram pessoas assim que, que ...políticos do, do lugar e etc, que nos recebiam admiravelmente bem, eles achavam que eram autoridades federais. Então éramos muito bem recebidos, a gente ia..., tinha coisas... (ri), eu me lembro de festa de carnaval com, com essas pessoas, etc. Compreende?

CF - Como chamava seu avô, Dr. Almir? O sr. não...

AC - O meu avô chamava-se Miguel Joaquim de Almeida e Castro. O mesmo nome do meu pai.

CF - Ele foi governador do Rio Grande do Norte?

AC - Ele foi governador do Rio Grande do Norte. Ele como não aceitou a República, foi, foi despejado e aí foi pro, pro Piauí, onde (ri) se elegeu..., naquele tempo não era governador, era presidente, onde se elegeu presidente da Paraíba. E foi Constituinte de 91. Tá no quadro que tem aqui. Né? Na, na coisa. Né? Era um velho muito bom.

CF - Dr. Almir, ainda na Delegacia Federal de Saúde, quer dizer, o sr. organizou cursos pra enfermeiras..., pra engenheiros sanitários também, não?

AC - Pra engenheiros sanitários nunca. Nunca.

CF - E pra as enfermeiras, havia algum curso de atualização, alguma pra seleção ... também de enfermeiras... para os quadros da, ...?

AC - Nós tínhamos uma enfermeira chefe, que ela fazia esse serviço com as enfermeiras de lá. Entendeu? Ela fazia não uma coisa sistemática. Porque lá tinha Curso de Enfermagem, não é? Então ela, ela é... como chefe, tivemos umas duas ou três, ... no tempo que eu fui..., talvez duas. Bom. Eram pessoas ...assim... que também topavam, tem pessoas que gostam de ficar no Rio, né? Que topavam ir pra um lugar desses etc, por experiência e então elas dirigiam as en... as coisas e davam pequenos cursos etc, mas não curso de formação porque lá tinha Escola de Enfermagem.

CF - E essas enfermeiras, elas trabalhavam nos Serviços de Saúde dos estados?

AC - Não, elas trabalhavam..., elas trabalhavam na Delegacia Federal de Saúde.

CF - O que que elas faziam, Dr. Almir?

AC - Isso, que eu tô dizendo.

CF - Não, não, mas...enquanto enfermeira das Delegacias Federais de Saúde, o que que elas faziam?

AC - É... ..ela...ela a... o trabalho dela era junto às enfermeiras do estado.

CF - Sim, essas enfermeiras que trabalhavam nos Serviços de Saúde dos Estados?

AC - Isso, isso, é... dos estados.

CF - Hum hum. E, Dr. Almir, mais uma coisa, quer dizer, de um modo geral, a atuação da Delegacia Federal nos Estados, estava voltada então, pra essa assessoria, né, na área de formação e especialização de pessoal e na assessoria pra combate à determinadas doenças como à peste, à malária... o que mais...a tuberculose...lepra...

AC - É... que era... pois é... exatamente isso. Que depois, que depois se transformaram, que depois se transformaram em serviços efetivos. E que depois acabou e fizeram até um Serviço de Grandes Endemias, depois com, com outros nomes que...

WH - (??)

CF - Que será o DNERU. Departamento Nacional de Endemias Rurais.

AC - De Endemias. Endemias Rurais. É.

CF - Mas na época então...

WH - Só endemias.

CF - É. Só em 56(?).

WH - Só no final de 50.

AC - É.

CF - Mas na época então, havia essa separação, esse...o serviço tava organizado em função de determinadas doenças, não é isso?

AC - Sim, porque eram as doenças que afligiam mi...

CF - Aquela região?

AC - Não...não se ia cuidar de doenças corriqueiras, e que tem médico e coisa pra, pra... tomar conta. Eram epidemias. Não é? Eram doenças epidêmicas que, que causavam é..., vamos dizer, perdas e ... atingiam o, com certa...com gravidade, grupos grandes da população.

CF - Hum hum. O sr., eu queria que o sr. falasse só um pouquinho, Dr. Almir, pra gente tentar fechar um pouquinho esse período. É... como é que o sr. vê... Eu perguntei isso ao sr., mas o sr. falou muito rápido. Como é que o sr. é..., queria que o sr. falasse um pouco mais, um pouquinho mais de detalhes sobre o Capanema enquanto Ministro da Saúde. Quer dizer, como é que o sr. vê a atuação do Capanema à frente do Ministério durante tantos anos..., o sr. consegue identificar, quer dizer, na área da Saúde Pública, ele teve determinadas prioridades, o sr. acha que ele priorizou determinadas coisas, ele deu muito autonomia...? (a fita já começa a dar sinais de defeito, fica um pouco mais rápida)

AC - Não, não é... (vozes ao fundo) Não, ele...ele dava autonomia e o Capanema foi uma, uma pessoa de uma atuação ímpar. Ele era um homem de...ele era um intelectual. Não é? E foi um homem, afinal de contas, que...que lançou tudo isso, que fez o prédio da...co da..., agora que botou o Oscar Niemeyer e todo aquele grupo trabalhando com ele. Que...que, vamos dizer, (ri) ...tinha o Carlos Drumond de Andrade era...era...o chefe de Gabinete. Primeiro teve, tinha outro e etc. O, o Capanema, é o... "Tempo de Capanema", tem...tem um livro...

CF - Hum, hum, Simon Schartzman que...

AC - É...é... que é... que é bom...não ler. Era uma pessoa de, de trato muito bom. Não é? ...Eu tive...

CF - Com relação à Saúde Pública, especificamente, como é que o, sr. vê o... a atuação do Capanema, hem? O sr. consegue identificar alguma prioridade? O sr. acha que ele priorizava alguma área específica pra área...pra a Saúde Pública?

AC - Ele cuidava menos da Saúde Pública. Porque tinha gente competente fazendo, fazendo o

trabalho. Não...não, não era, não era uma coisa..., você normalmente, você faz aquilo que é o seu interesse na vida. E o Capanema era um outro tipo de intelectual, ele não...(ri) se interessava, sabe como é coisa de médico.

CF - E quem era, quem era o responsável, quem pensava mais na Saúde Pública então, em relação..., nessa época?

CF - Den...dentro do Ministério, não tinha ninguém que pensasse não. Dentro do Ministério eram, eram as pessoas, as pessoas, do, era, vamos dizer, o Barros Barreto, pessoas assim que eram o... Diretores do Departamento Nacional de Saúde, né? E outros que vieram depois do...Barreto.

CF - É, mas durante grande período do, do, enquanto o Capanema foi Ministro de Educação e Saúde, uma grande parte desse período, o Barros Barreto foi Diretor do Departamento Nacional de Saúde, né?

AC - Foi, foi.

CF - Então, a gente poderia dizer, que o Barros Barreto, que no caso teria sido o grande mentor, o grande elaborador de políticas pra esse período, quer dizer, ele teria sido a pessoa assim mais principal, responsável, pela ...(?) ?

AC - Sim...é... é. Não tem dúvida, ele era um homem muito consciente dos seus, dos seus, das suas atribuições e das suas obrigações. Não é? Agora, havia pessoas que cresciam, porque tinham serviços imensos...Pinotti, por exemplo. Mário Pinotti foi muito importante porque tinha muito dinheiro na mão, não é? Muita, muito trabalho. E... e, era um homem que não gostava de política, mas era uma pessoa muito querida, porque ele era uma pessoa que agradava todo mundo. Não é? De modo que não...essas coisas nunca se colocaram.

CF - E o sr. Acha, Dr. Almir, que...aquela idéia de Saúde Pública que o sr. diz que começa a surgir com, com o Carlos Chagas, uma preocupação com uma Saúde Pública mais sistemática, uma preocupação com a prevenção...é, a gente pode pensar que durante esse período isso foi fort... foi se fortalecendo essa idéia?

AC - Foi...é foi. Foi, foi. Foi porque esse período do Barros Barreto e tudo...a... os contingentes de Cursos de Saúde Pública, quer dizer, os sanitaristas é que... é que levaram a cabo esse trabalho. Quer dizer, nós éramos gerações de pessoas entusiasmadas com Saúde Pública, quer dizer, nós...nós acreditávamos naquilo. Era gente que não era interessada, ah..., não era interessada em clínica. Não é? Aliás, via-se logo, porque tinha alguns que, que continuavam interessados, que, que saindo (ri) do, do Centro de Saúde iam pro consultório e etc. Mas, de um modo geral, e... esses nossos eram pessoas que toda vida trabalharam em tempo integral.

CF - Na minha interpretação, Dr. Almir, também isso é uma coisa que eu gostaria que o sr. confirmasse ou não, é exatamente nesse período, a partir da década de 30, que se começa efetivamente a ter uma atuação...

AC - Sim, mal organizada.

CF - ...a nível nacional, né?

AC - Mal organizada. Isso aí que... eram coisas, eram coisas assim episódicas para atender surtos epidêmicos, ou epidemia (??), gripe espanhola, uma coisa assim ou pequenos surtos etc. Mas a Saúde Pública como atividade sistemática começou com essa aí.

CF - É a nível nacional, né?

AC - É.

CF - Eu acho que começa no Ministério...

AC - É, no Ministério é que...que...que, vamos dizer, que definiu direito essa, as...as obrigações do, do Governo Federal com, com os estados, né? E cada estado cuidou de fazer o melhor possível, né? E... e teve uma independência, hoje, hoje eu confesso que não sei exatamente bem como é, como as coisas estão funcionando.

CF - Hum hum. Mas antes da criação do Ministério havia alguma supervisão a nível nacional de Saúde...de Serviço de Saúde Pública nos estados?

AC - Não.

CF - Antes da criação do Ministério de Educação e Saúde?

AC - A... antes do Ministério, eu não sei que, que arma era...que seria.

CF - Não, porque havia o Departamento Nacional de Saúde Pública. Né? Antes de 30.

AC - É. É isso, Departamento Nacional de Saúde.

CF - Havia, mas havia efetivamente uma supervisão, uma atuação..., a nível nacional...? Ou era uma coisa mais restrita ao Rio de Janeiro?

AC - Não... porque não...não. Eu tenho, eu...eu tenho impressão que não. Que era no Rio de Janeiro só, né? Não tinham poderes assim para fora. A... a, os estados é que muitas vezes pediam auxílio ao Governo Federal.

CF - Hum hum. ... E é isso Wanda. Você não trouxe, você tem (??)? (persiste o defeito na fita)

WH - Não. Sobre esse período não. A gente poderia continuar com...com a John Hopkins, né? Se o sr. concorda. Que você acha?

AC - É com a John Hopkins não tem... não há o que contar. (ri) É é... foi...

WH - Como não há o que contar (ri), Dr. Almir?

AC - Não, não há o que contar...foi, foi uma experiência... no fim das contas(?) que tivemos de um...de uma, que era o custo, que era a coisa consagrada, né? E... e fora pessoas antes de, de nós dois irmos, foi com o Marcolino Candau. Bom, que já morreu, foi Diretor da Organização Mundial de Saúde durante vinte anos. Não é? E antes de nós, tinham ido, tinham ido, tinham ido o Lincoln de Freitas e o Aristides Paes de Almeida. E tinha ido depois o... o Alfredo Bica e um, e um outro que eu não, que eu não...Necker(?) Pinto. Não é? Bom, nós fomos a terceira fornada, que eram eu e o Candau, que era do Estado do Rio. E fomos, aquilo, era uma...uma escola célebre, né? Escola de Saúde Pública da Cidade de John Hopkins, né? A, a John Hopkins era, era a maior Faculdade de Medicina desse tempo. Em Baltimore, não sei se hoje continua sendo. Mas quando, quando se falava em John Hopkins era uma coisa de, (ri) de tirar o chapéu.

WH - E como apareceu essa oportunidade de ir pra lá?

AC - Ah, porque que eles(?), porque a Rockefeller...davam bolsas. E o Soper me conhecia muito, conhecia muito o Candau, por causa da..., do trabalho também pelo Estado do Rio, né? E então morava aqui, mas trabalhava no Estado do Rio. E aí, nos convidou, era um tempo em que eu nem estava na Saúde Pública, eu estava trabalhando com o Evandro Chagas no, em Manguinhos, num serviço, que...que...é, isso é uma coisa interessante. O... o Evandro Chagas, que era o irmão mais velho do Carlos Chagas Filho, é... era um homem, era um homem inteligentíssimo, muito simpático, muito agradável. ... E é... fez um, quando o Chagas morreu, ele fez um concurso, houve assim, três ou quatro ou cinco, ...houve uma porção de caridades ao, a... a Cadeira do Carlos Chagas.

CF - De Medicina Tropical?

AC - De Medicina Tropical. Evandro fez esse concurso e foi...é... indignamente...roubado no concurso, sabe? Porque ele fez, foi um concurso que caiu uma coisa, uma coisa mais abstrusa do mundo, né, (ri) na...na prova escrita que tudo indica talvez que fossem coisas armadas não sabe. Evandro era, era divorciado, gostava de, de tomar seu...seu whisky e foi casado com Gracinha Dutra que era comunista. Mas ele não tinha nada de comunista, nem coisa nenhuma dessas. Mas era, era um homem que (ri), que não seguia os, muito os padrões assim de os padrões...

WH - Normais?

AC - Não, é... os padrões assim brasi... E tinha entre os seis ou sete ou oito candidatos, tinha o Moreira da Fonseca. Que era uma pessoa, aqui pra nós, muito medíocre. E que..., mas que era santarrão, era pai de um rapaz de muito valor, o José Paulo Moreira da Fonseca, poeta e pintor, lá no Museu(?), pintor, pintor de porta, não se lembra? Fazia portas e etc, um rapaz de muito valor. É um homem assim da idade do Campos(?). E... e o Moreira da Fonseca (ri), caiu então, o sistema retículo endoptelial nas...nas zoonozes(?), uma na ...

WH - Nossa! (?)

AC - ...Não, nas... nas ..., o sistema retículo nas ... nas...nas doenças infecciosas, ...uma coisa..., uma coisa difícilíssima. Porque era uma coisa muito especializada assim. A... a coisa deixou mais ou menos todo mundo perplexo. E... eles fizeram o que, o que puderam da prova escrita. Depois na prova oral, o Evandro, evidentemente, brilhou muito. O Coisa era um, era um homem pouco brilhante, era um homem muito medíocre. E aí feito o arranjo(?)ele perdeu o concurso. E aí perdeu o concurso ele, ele disse: "Não...não quero não, vou, agora vou, vou fazer pesquisas no Nordeste". E aí criou lá em Manguinhos o Serviço de uma coisa assim, de Serviço de, de Estudos das Grandes Endemias.

CF - O SERJ?

AC - É. O SERJ. E aí foi, ele tinha alguns rapazes muito bons que trabalhavam com ele, que eram os irmãos Deane(?), que eram paraenses, o Leô ...

CF - Gladson (?) e Leônidas.

AC - Leônidas e...e... e o..., o outro, como é o nome do outro?

WH - Gladson(?).

AC - Gladson. Gladson e depois tinha, tinha a Maria Pancarten(?), que era...

WH - Quem? Esposa do Gladson?

AC - É(ri)...é... e um grupo foi no Nordeste, para passar no Ceará, estudar essas coisas todas etc, essas doenças e calas...(?) e... e fez esse serviço que tava muito bom. Tinha outras pessoas, tinha Haity Moussatché(?), tinha o... o Isnard...

WH - Dr. Lobato? Paraense?

AC - Lobato Paraense. Tinha, tinha um grupo muito bom, né? E, e nisto ele foi, quando eu estava nos Estados Unidos em 41, se não me engano, ou 40, ele morreu de um desastre de, de avião aqui. Bom, então acabou ... o sonho.

CF - Ele tinha recursos do, do Guinle, inclusive, né?

AC - Tinha. Eu...por exemplo, fui...(ri) eu trabalhei dois anos com recursos do Guinle no Centro Nacional de Leprologia. Que você já deve ter visto aqui.

WH - Que era uma idéia do Carlos Chagas.

AC - É. Era uma idéia do Carlos Chagas e o Guinle deu trezentos contos. Naquele tempo, trezentos contos, era algo como um conto e duzentos e era fantástico, era fantástico um conto e duzentos pra uma pessoa recém-formada. Entende? ...que não tinha nada...tinha mesada de casa...mesada de casa...(ri)fazendo curso de Saúde Pública, essas coisas. Então era...era uma... sempre...os... os Guinle sempre tiveram um grande mecenato, né?

CF - Eles eram amigos da família Chagas?

AC - Eram amigos sim. Eram...eram amigos. Os Guinle eram pessoas de muito...muito...muito na...na vida social do Rio de Janeiro. Tá entendendo? (pigarro) Me lembro o...o Guinle...o Guinle...não... sei que ele era um homem solteiro. Tinha uma casa lindíssima na Gávea. Que é hoje, eu acho, que é uma casa do Governo. Aquela casa da Gávea?

WH - Na Gávea?

AC - Na Gávea! Tem...tem...uma... uma casa que é do Governo.

WH - Ah, no Parque Guinle. É em Laranjeiras, né?

AC - Não, Parque Guinle é outra coisa. Na Gávea.

WH - Não. Na Gávea eu não conheço.

AC - Tem, tem uma coisa que é uma sede se quando, quando o Governador do Rio de Janeiro quer, pode (ri) ficar lá, passando o verão, uma coisa assim. Tá entendendo? Bom. E então ele larga (???) e... essas coisas e isso sempre fez e fez vários... e fiz trabalhos (gritos de criança) nesse Centro. Eu tava nesse tempo ...como era uma coisa de bio-química, que eu tava fazendo, eu fazia junto com o Gilberto Guimarães Vilela. Bom. E... os trabalhos, eu me lembro que eu fui, fui à Minas e colhia sangue. Fiquei lá, uma semana em Buenos Aires etc. Eu (ri) trabalhei todos os anos nesse...nesse...

CF - No Centro de Leprologia?

AC - No Centro. Depois esse Centro de, de Leprologia caiu, saiu das mãos dos, dos...de Manguinhos etc e passou pelo...para o... o professor...professor Rabello. Que era professor de professor de..., como é que se chama isso é de...de, de doenças, (ri) de doença da pele, era?

CF - Derma...derm...

AC - Dermatologista. Era dermatologia. E tinha, ele tinha uma, um serviço aí na..., acho que na Santa Casa, num anexo da Santa Casa. E ele... não, não teve meios de...

WH - Tocar pra fren...?

AC - ...continuar e aí...

WH - O Guinle também não dava mais verbas já, nessa época?

AC - Talvez. Eu...não sei como é que foi o fim, mas o fim eu já tava engajado em outras, outras coisas, não é?

WH - Mas o sr. tava dizendo, Dr. Almir, que antes de ir pra Rockefeller, o sr. trabalhava com o Evandro Chagas, é isso?

AC - Não. Eu trabalhei, esse tempo com (?)...

CF - O sr. já tinha voltado da Delegacia Federal de Saúde?

AC - Já tinha voltado da Delegacia...

CF - Aí, o sr. trabalhou com o Evandro e depois é que o sr. foi pra John Hopkins?

AC - Depois é que eu fui pra John Hopkins.

CF - Hum hum, sim. (??)

AC - Porque o, o Soper, que era quem arranjava as... as... as bolsas, né? Era da Rockefeller, e ele tinha contato ali com o Evandro por causa dessas coisas que ele também financiava, né? E aí, aí...que eu fui...fui fazer um...

WH - O sr. podia contar um pouquinho sobre esse Curso, como é que foi esse Curso? Era um Curso regular?

AC - Era um Curso regularíssimo, um Curso sério no mundo inteiro. Era um, um grande Curso de Saúde Pública.

WH - E o sr. podia contar quais eram as matérias, como se organizava o Curso?

AC - As matérias eram essas matérias. Eram bio-estatística,, enfim, era...era, o... o Curso só precisava do diploma e (??). As matérias que teriam ah... constado, né? E cada um fazia melhor ou pior. As... Tinha Curso de Epidemiologia..., tinha..., enfim, tinha todos... as coisas que tinham aqui também no nosso Curso de Saúde Pública.

WH - Era um Curso fechado ou o sr. podia escolher alguma área particular, (??)?

AC - Não, não, era um Curso todos faziam todas as matérias.

WH - Pronto. Já vinha pronto.

AC - É. Todas as matérias. Mas tinham exercícios, era um Curso puxadíssimo. E nós, perfeccionistas, é que era um trabalho danado, eu e o Candau, porque eu fazia tudo com o (?), o pessoal americano pegava a coisa...o roteiro do que tinha que fazer, do trabalho de casa, e escrevia aqui nas costas e entregava. (barulho de papel) Mas nós (ri), era papel quadriculado e tinha linhas e coisas, não sabe? E fazíamos uma coisa muito bonita, sempre. Então...

WH - Tinha muita estatística? A estatística era uma coisa muito forte?

AC - Muito. Muito. Tinham professores esplêndidos de estatística. Tinha a... a Sra. Mariel ... que tinha ..., o catedrático era o..., o catedrático está me escapando o nome..., que ele dava determinadas coisas e ela dava o... a cozinha, sabe? Ela era uma mulher fabulosa, de...de...

WH - Ela dava cozinha? Como assim?

AC - Cozinha da... da..., o outro dava o... a parte mais conceitual e ela dava a cozinha, quer dizer...

WH - A parte prática?

AC - ...a parte prática, a parte de fazer, etc, mas era uma expositora fabulosa sabia dizer as coisas. É... foi..., eu acho que foi o Curso que eu mais lucrei. Nesse tempo eu gostava muito disso e, e foi, foi muito bom...

WH - E o sr. que vinha de uma prática no Brasil, o sr. chegou a trabalhar em alguns, preparando o pessoal na área de estatística, né? Havia uma diferença entre o que se fazia no Brasil e nos Estados Unidos?

AC - Não...não...não havia. Havia apenas que um era uma coisa mais extensa, mais aprofundada, né, e com pessoas altamente capacitadas, não digo que as daqui não fossem, mas as de lá eram muito capacitadas. (pigarro)

WH - Quer dizer, esse Curso foi importante até pro sr. quando retornou, para aplicar...?

AC - Mas é claro. Esse Curso era uma coisa muito importante. Era um ano inteiro de curso.

WH - Era um ano só de Curso, né?

AC - É. Depois éramos mandados para o interior, pra estudar certas coisas no... em...em...em, vamos dizer, em estados do... Esse, esse coisa era em Maryland. O Curso, né? E... e ...e o estado que eu frequentava foi..., essas coisas a pessoa não se...não...

WH - Baltimore?

AC - Não. Baltimore era, era a cidade onde, onde fica a...a...

WH - Onde fica a John Hopkins.

AC - É. Que é no estado de Maryland. Agora nós fomos fazer...

WH - Pra outro estado.

AC - ...os trabalhos de campo assim, nós fomos fazer com, em outros lugares e tinha carneiros e coisas e... e voltamos a fazer e..., mas o Curso todo era, era feito, era, eram exercícios que se fazia.

Todas as, todas as matérias eram dadas trabalhos pra fazer em casa. Não tínhamos um minuto de, de... descanso.

WH - De descanso.

AC - ...de descanso.

CF - E eram só médicos, Dr. Almir? Ou tinham também enfermeiras, tinham...?

AC - Me parece que tinham alguns que não eram médicos. Tinham umas senhoras assim que talvez não fossem médicas. Entendeu?

WH - Alunas, né?

AC - Sim, sim. É. Que eram enfermeiras chefes talvez, não..., isso aí não, não tô me lembrando muito bem, mas tenho quase certeza que tinha duas ou três.

WH - Já que estamos falando de alunos, tinha gente, muita gente da América Latina, África...

AC - Tinha um...

WH - ...na sua turma?

AC - ...tinha dois...dois mexicanos, tinha um colombiano, tinha um venezuelano, tinha..., mexicanos dois, venezuelano, colombiano, tinha um do Equador, tinha...Chile já falei, né? Chile, Chile, Venezuela, Colômbia, ham... México, ham...Co...Costa Rica, tinha outro, outro que era de Porto Rico...

WH - Da Argentina não tinha...gente?

AC - Argentina. Peraí... .. Argentina eu acho que não tinha da Argentina não. Não me lembro da Argentina ... no Curso não. (só agora a fita normaliza)

CF - Agora, era só pra estrangeiros, Dr. Almir? Não tinham americanos também fazendo esse mesmo Curso? Pensei que ele era ...(??).

AC - Não. Não, um monte de americanos. Não.

CF - A sua turma não era só de estrangeiros não?

AC - Não...não...não...não. Não tinha isso não.

CF - Não havia uma separação?

AC - Não, era um Curso de lá, que haviam pessoas mandadas, inclusive algumas pelos seus próprios

estados, que moravam etc. Nós até depois, até passamos e..., em passeios e coisas nas casas de colegas nossos depois. E... ...

WH - A turma era grande?

AC - A turma era umas cinquenta pessoas. No máximo, cinquenta, quarenta.

WH - Outra coisa que eu ia lhe perguntar, Dr. Almir, é o seguinte, é... o sr. acha que esse Curso tinha uma orientação... pra parte de... mais administração de Saúde ou era mais pesquisa biológica, mais laboratório...?

AC - Não...não...não... Não era pesquisa nem laboratório. Era, era um Curso de, sobre Saúde Pública com todos os aspectos, mas não...era...era... Isso é que é objeto de Saúde Pública, epidemiologia, doenças transmissíveis, é... esse tipo de coisas, organização sanitária, administração sanitária, não é?

WH - Educação sanitária?

AC - É. Isso tudo. Isso tudo.

WH - Quer dizer, nessa época o sr. teve Curso sobre doença mental, por exemplo...?

AC - Não. Sobre doença mental não.

WH - ...é saúde infantil...?

AC - Não, não. Puericultura sim, a parte de...de...de, vamos dizer, de puericultura né? Mas de, sobre..., essa outra parte não. Porque não é bem um problema de Saúde Pública, né?

WH - Hum hum. E ...é faziam pesquisas em laboratório ou era mais um trabalho de campo, de ir pra...?

AC - Não... não... não..., não era uma coisa de laboratório.

WH - Não era de laboratório. Era um Curso mais teórico e de campo?

AC - De campo sim. De campo sim. Depois fazia-se coisas de essas coisas de campo que eu estou dizendo que nós...fomos mandados.

WH - Visitavam a região, trabalhavam com a parte de estatística..., que tipo de trabalho faziam?

AC - É...é... Não, nós tínhamos e víamos como era a organização, não é? Tínhamos contato com as enfermeiras etc. E fazíamos um pequeno relatório sobre, sobre o trabalho feito fora.

WH - Quer dizer, os srs. não chegaram a trabalhar, os srs. eram mais observadores?

AC - Não, não, não...não...nós fomos fazer o Curso, não tinha nada que trabalhar. Não é? (ri)

WH - É que alguns cursos tem uns estágios, né?

AC - Não...não.

WH - O aluno trabalha junto, né?

AC - Não...esse curso não era assim.

WH - Era mais observação mesmo.

AC - Não, era... era um Curso. Não...não tinha..., não tava ligado a trabalho de Saúde Pública. Tinha, estudava-se a coisa, mas né... e era muito puxado, porque tinha muito exercício, muita coisa que fazer e que estudar.

WH - E ... ou, ou seja, voltar pra o Brasil com esse título de, de "*Master in Public Health*" era uma coisa importante, dava status?

AC - Não. Não dava nenhum.

WH - Não dava nenhum? (ri)

AC - Dava pra nós, porque isso, isso era importante, tanto que as pessoas... é, em primeiro lugar as pessoas não gostavam muito de ir. Porque era um ano lá fora, era um curso em inglês, a pessoa tinha que saber inglês, mesmo que não, não soubesse muito, ah entendeu? Porque as... coisas eram escritas em inglês. Então...

WH - Claro. E o sr. sabia inglês ou teve problema com a língua?

AC - Não, eu...eu tive um certo aprendizado de línguas em casa. Não é? Porque (ri), *out off records*, é meu pai ... tinha asma. Bom, que é uma coisa que grassa na minha família, porque meu irmão teve e eu nunca tive. Mas, então quando ele tinha catorze anos...

Fita 4 - Lado B

AC - ...catorze anos, atualmente, é um rapazinho, né? Já tendo esgotado as mesinhas populares, pra ficar bom de asma, como por exemplo, pegar um peixe no açude e dar uma cusparada (ri) na boca do peixe, meu avô disse: "Não, você tem é que mudar de clima, tem de mudar de clima e é mais barato mandar pra Europa do que mandar pro Rio de Janeiro". Mandar não, porque ele morava no Rio de Janeiro, porque ele era Deputado, Deputado ou Senador. Né? Então meu pai foi para Europa (ri) e aí ficou lá...naquele tempo não tinha... aqui as pessoas vão estudar fora e depois vem...nas

férias ou no avião... Naquele tempo não tinha isso não. Então, meu pai foi. Naquele tempo a Alemanha tinha muito, muito nome. Então meu pai foi pra Osnabruck, que é uma cidade que fica na Ale..., entre a Alemanha e a... e a...e...e... e a Bélgica. Bom. E lá ficou sete anos. Não, não vinha pra cá, era um Colégio, como se fosse um Colégio Secundário, não é? E ficou...

WH - Interno, né?

AC - Interno. Morava no Colégio. Onde tinha, tinha pessoas... de todos...espanhóis e coisas, da América Central. Tinha um bando de gente de fora. Então, evidentemente, que ele aprendeu mais do que suficiente de alemão. E depois então, ficou mais dois anos na Inglaterra e dois anos na França para aprender a língua. Bom, então meu pai daí voltou pra... pra...

WH - Conseguiu curar a asma?

AC - Hein?

WH - Resolveu o problema de asma?

AC - Ele resolveu sim.

WH - Melhorou?

AC - Resolveu. Era uma questão talvez de clima, né? E resolveu. Aí veio Bom. Então, nós tivemos uma educação, aprendemos muita coisa de...de línguas, depois no nosso tempo, era muito diferente. Eu...nós, por exemplo, tínhamos no Colégio Santo Inácio, onde eu fui... quando viemos pro Rio de Janeiro, tinha quatro anos de francês. Bom. Os, todos os livros dos últimos anos de, de preparatório de, de Ginásio, todos eram... eram em francês. Era o... A Física de Ganaut, A Química de Trousse Pechart. O... História Natural, era o Albert. E na Faculdade até o terceiro ano, não tinha nenhum livro brasileiro. Todos eram estrangeiros. Ou americanos ou...franceses. Então eu tive um certo, um certo traquejo..., de francês eu não tinha dificuldade nenhuma. Uma coisa é você ler um livro, um romance que você quiser em francês, outra coisa é falar, né? Mas uma coisa puxa a outra e você estando no meio fala com facilidade. Inglês eu não tinha, mas tomei um Curso. Eu fiz um curso intensivo com professor particular, assim seis meses antes de ir pros Estados Unidos.

WH - Pros Estados Unidos... Ah bom.

AC - Então, aprendi muita coisa. Ainda hoje, meu inglês é pior do que o francês, mas...dava...

WH - Mas..., nessa época, pra entrar pra Rockefeller, perdão, pra John Hopkins, tinha a exigência do inglês?

AC - Não...não...não. Vamos dizer... é..., tudo era em inglês, (ri) mas ninguém tinha que provar que...

WH - Não fazia exames?...Não.

AC - Não, não, não.

WH - Quer dizer, a entrada era por indicação e bolsa..., quem conseguisse ... bolsa da Fundação Rockefeller.

AC - Era... Era...indicado. É...é... e eles queriam muito receber pessoas de todas as...de todas as partes das Américas. E eles achavam muito bom.

WH - O que...o que me estranha, Dr. Almir, no bom sentido é claro, era que não houvesse uma demanda maior de...por parte dos sanitaristas brasileiros, pra fazer esse curso.

AC - Não, porque eles tinham feito o daqui. O daqui já bastava pra ter um emprego, pra fazer coisa, pra talvez ter um consultório também, um laboratório. De modo que não...

WH - Não tinha tanta demanda?

AC - ...ninguém quer coisa trabalhosa não, tá entendendo? Ninguém quer.

WH - Mas dava um certo status, né? Fazer o Curso na John Hopkins...

AC - Não, dá e não dá. A profissão de sanitarista não é uma profissão cotada.

WH - É. Isso é verdade.

AC - Não é? Não, não é... Não é uma coisa assim...

WH - Muito visada pela carreira.

AC - Não, não. Não é nada visada.

CF - E o sr. conseguiu identificar muitas semelhanças entre o Curso que o sr. fez na John Hopkins e o Curso daqui, em termos de estrutura, disciplina...?

AC - Tem, tem. É... é mais, mais ou menos a mesma coisa. A mesma coisa apenas, com outros professores aprofundando mais e etc, né? Os exercícios, por exemplo, os célebres exercícios. As pessoas que foram até, até chegar a nossa vez, todas, há dez anos faziam os mesmos (ri), os mesmos exercícios. Então todos, cada um daqui...passava (risos) pra o outro do outro...do Curso...por exemplo, o Aristides e o Lincoln receberam do, dos dois que tinham ido antes, os exercícios. Tinha um exercício de febre tifóide *Decatur in Nova Decatur(?)*, são cidades vizinhas. Eles todos chegavam lá e tinha todo o negócio pronto. Nós levamos também...tudo. Mas quando chegou lá, tinha mudado... mudaram todos os negócios...nós tivemos que desenhar o...as coisas todas, as coisas todas novas. Todas.

WH - E o sr. chegou a passar esses exercícios pra alguém?

AC - Não. Não passei não. Nem sei quem é que foi depois de mim, não tô lembrado quem é, quem é que foi. Não havia muita ânsia de ir não, né?

WH - Quer dizer, essa sua geração, o sr. citou Mário Magalhães, Ernani Braga...essas pessoas não...?

CF - Valério Conder...

AC - É... mas... Essas pessoas não quiseram ir não, não. Eu não me lembro se o Ernani foi. Não, não foi não. Ou teve emprego, tinha o negócio do SESP, aquela coisa do Serviço lá do... O Ernani sempre teve empregos com americanos e bons empregos. E então aí já, já interromper pra ficar dois anos e tal. Aí depois ele foi, ele foi funcionário da Organização Mundial de Saúde. O Bica ficou vinte anos na Organização Sanitária Panamericana, não é?

CF - É, eu sei.

AC - Que era o, que e..., que era... órgão importante.

WH - Mas o Bica fez o Curso na...na John Hopkins?

AC - O Bica fez...o Bica fez, fez na John Hopkins, antes...antes de nós. Bica e o... e o, como é que foi o outro? Não me lembro qual era.

WH - Pinto. Pinto, que o sr. falou.

AC - Necker Pinto. É, Necker Pinto. Fizeram antes de nós e nos deram muita dica boa pra... lugares etc. Nós tínhamos...

CF - O Alfredo Bica trabalhou com o sr., não trabalhou? Na... na...

AC - Na Peste.

CF - Na Peste.

AC - É. Ele já era do Serviço de Peste e (ri) o... e o... o Pinotti era, era o Diretor. Quando o Pinotti saiu pra ir pra outra coisa como malária, eu acho. Então tinha lá, tinha lá também Marcelo Silva Júnior, que já morreu...na Peste, e aí (ri) o Barreto me ... Normalmente, ele deveria convidar o Bica pra ser Diretor, mas ele achava que o Bica, que tinha sido Delegado de Saúde, não tinha jeito pra administração. Não gostava, não achava ... Isso evidentemente aborrecia muito o Bica, porque achava que tinha, né?

CF - Ele foi Delegado de Saúde no Amazonas, não foi no Amazonas? (??)

AC - Não, o Bica foi..., isso o Necker é que foi pra esses lugares. O Bica foi em Pernambuco. Foi a mesma minha.

CF - Pernambuco, ah...foi na mesma do sr.?

AC - É. Eu substituí o Bica quando ele foi embora. (pigarro)

CF - Ah sim.

AC - E... e o Bica... Mas era muito meu amigo, porque o Bica foi meu colega...não de ano, mas de Colégio, Colégio Aldridge interno. De modo, que eu tinha muita relação com ele e eu fui nomeado, evidentemente, a... O Marcelo... dizia muito a ele que era um absurdo que eu estava, (ri) que eu tinha tomado o lugar dele.

WH - E ele brigou com o sr. por causa disso, o Alfredo Bica?

AC - Não, nada. Melhores...melhores relações até hoje. Em todos os anos(?).

WH - Mas ele deve ter ficado chateado com o Barros Barreto, né?

AC - Ficou, ficou chateado com o Barros Barreto. Mas ele já sabia que o Barros Barreto não, não..., não ia...não tinha, achava que ele não era um homem que gostasse de administração.

WH - De administração.

AC - De administração.

WH - Quer dizer, é, não sei se a minha pergunta estrapola um pouco, mas ... ou seja o sanitarista ele tinha que ter necessariamente é... tino pra administração?

AC - Tinha. Isso não tem dúvida que tinha.

WH - Quer dizer, não tinha outra, outro caminho...

AC - Quer dizer, essas coisas todas que nós estamos conversando, não vão todas sair, né?

WH - ...São gravadas com... (??)

AC - São gravadas, mas você corta tudo. Porque esse tipo de coisa, recordações familiares, etc etc, não...não pode entrar no... nesse tipo de, (ri) nesse tipo de entrevista.

WH - Mas, me diga, o sanitarista tinha, podia ter outra, outra aplicação a...?

AC - Não. O... o Sanitarista é sempre um administrador, deve sempre ser um administrador. Quem não gosta de administrar, não deve ser sanitarista. (pigarro)

WH - E o Bica, era uma pessoa que segundo o Barros Barreto, não tinha o dom... a capacidade de...

AC - Ele achava que o Bica era um estudioso. Ninguém sabia nada melhor do que o Bica. Ele foi um *expert*, há vinte anos da Organização Mundial de, da Organização Sanitária...ah...

WH - Panamericana. Né?

AC - *Panamerican Sanitary Bureau*(?).

WH - OBS.

AC - É. E ele foi vinte anos...nesse lugar. Ele tem uma aposentadoria de lá.

WH - A gente vai entrevistar ele também.

AC - Ele é, ele é um alto, um..., altamente competente nessas coisas. Agora, mais do que todos nós, fez inúmeros trabalhos e etc. Agora, n... não...não é um homem dado, voltado pra administração. Isso vai, eu acho que ele acha chato. Mas não, não..., mas ele não acha que não é não.

WH - Ele acha que era?

AC - É. É sim.

CF - Ele foi pra onde, quando o sr. substituiu, quando substituiu lá na Delegacia Federal de Saúde, ele foi pra onde?

AC - Estados Unidos.

WH - Aí que ele foi pra John Hopkins?

AC - É, é. (pigarro)

CF - Ah sei.

WH - Aí, o sr. voltou da John Hopkins já pra ser... chamado pra...pro Serviço Nacional de Peste, não é isso?

AC - Não. Logo não. Demorei...custei a aceitar, etc, essa coisa toda. Não é?

CF - O sr. chegou a ir, voltar pro Serviço de Saúde do Distrito Federal, não é isso? O sr. voltou a trabalhar com o Fontenelle, depois que voltou da John Hopkins.

AC - Eu...eu...eu...eu voltei, mas por muito, muito pouco tempo. E eu tive um tempo com o Evandro, que é isso que tá marcado aqui: Assistente do Serviço de Estudo das Grandes Endemias...

WH - Mas isso foi antes de ir pra John Hopkins, né? Foi um pouco antes, né? Ou foi...

AC - Não. Foi...foi depois.

CF - Porque o Evandro, o Evandro não morreu enquanto o sr. estava nos Estados Unidos?

AC - Morreu enquanto eu estava lá. É, eu já estava nisso quando fui. Porque foi o Evandro que me arranhou a bolsa com...com... o (?). Talvez aqui esteja...tinha que...

WH - Quer dizer, o sr. tava trabalhando com o Evandro Chagas, que lhe conseguiu a bolsa pra ir pra John Hopkins?

AC - É. É. Foi através do, através do...do...

WH - Fred Soper?

AC - Do Fred Soper, que era Diretor da, da Rockefeller e me deu a bolsa. Agora, na...aí, por isso que tá aqui, eu...eu primeiro na minha, é mas, isso devia estar antes do, do...devia ser em vez de ser treze devia ser doze e o doze treze.

WH - Quer dizer, o item doze do seu currículo devia ser o treze e o item treze do seu currículo devia ser o doze?

AC - É. É o treze. É porque quarenta, quarenta e um, né?

CF - É, mas é tudo mais ou menos a mesma época, né, Dr. Almir?

AC - É, é, é.

WH - Quer dizer, o sr. nesse momento o sr. fez muita coisa, né? Era uma época assim muito ativa na sua carreira, né? Foi pra John Hopkins, foi Delegado Federal de Saúde... na IV Região, trabalhou com o Dr. Evandro. Aí o sr. volta, e é chamado pra ser Diretor do Serviço Nacional de Febre Amarela, né?

CF e AC - De Peste.

WH - De Peste, perdão.

AC - É. Foi setembro de 42 a janeiro a...

CF - De 54.

AC - Janeiro de 54, foi. Foram doze anos que eu tive. Aí começou muito também o trabalho externo de, de Organização Mundial de Saúde, (?)...

WH - Isso...

AC - Foi a primeira vez que eu fui ... fora do país, foi é..., fomos eu, Paula Souza e o Maneco Ferreira, pra a, para a... inauguração...pra o, da Organização Mundial de Saúde. Não existia ainda.

CF - Foi nessa época já, que o sr. já tava no Serviço Nacional da Peste. Né?

AC - Isto.

CF - Hum hum. (??)

WH - Queria ver se a gente podia...

CF - A gente agora na próxima vez, Dr. Almir, aí a gente vai com... (INTERRUPÇÃO DA FITA)

Fita 5 – Lado A

WH - Dia três de fevereiro, terceira entrevista com Dr. Almir de Castro. Dr. Almir, a gente tinha, até nas entrevistas passadas, até falado um pouco do...do Sr. ocupou o cargo de diretor do Serviço Nacional da Peste...

AC - De Peste.

WH - Isto, perdão. Desde 1942 até 1954, né? Nós queríamos lhe perguntar se esse Serviço é criado em 1941...

AC - Esse Serviço, como vocês se lembram, eu tive fazendo o mestrado na Johns Hopkins e...e após ter sido Delegado Federal de Saúde. Foi quando o país era dividido em delegacias de saúde, eram áreas que teriam três, quatro, cinco estados e onde se fazia todo, todo o trabalho de qualquer coisa... é... em todos os problemas, no cais, inclusive doenças epidêmicas...doenças dessas que assim... que...que...mereciam um cuidado especial e que os estados não tinham muito, muita condição para...pra enfrentar. Isto então em...durou até...quer dizer, eu fui Delegado de Saúde de 38 a 40, então...é... nós trabalhávamos em peste pra atender, para auxiliar o Estado a fazer aquele trabalho. Não era que fosse da nossa obrigação, nós nos encarregávamos disso porque tínhamos (?) experiência, nos (?) experiência maior. Bom. Agora, como isso tudo é trabalho do Barros Barreto? Quando depois de eu voltar dos Estados Unidos, o Barros Barreto tinha conseguido fazer uma reforma e... é... criar Serviços Nacionais. Então, naquilo que havia um auxílio da febre amarela via Fundação Rockefeller, quando havia um serviço de malária, certo? E... e... eram coisas que o Governo Federal oferecia por intermédio das Delegacias de Saúde. Aí não. Passou a haver isto sistematicamente, então haviam o Serviço Nacional de Peste, Serviço Nacional de Malária, Serviço Nacional de...

WH - Lepra.

AC - De Tuberculose, de Lepra, de todas as coisas. E aí então, esses Serviços tinham sedes...havia...que...que foi um pouco as Delegacias de Saúde que...

WH - Isto que eu ia lhe perguntar.

AC - Que se transformaram nisto, nas sedes...

WH - Quer dizer, de cada delegacia nasceu praticamente um Serviço Nacional?

AC - Vários Serviços, né?

WH - Um ou vários?

AC - Vários sempre, porque aí a coisa tinha tomado uma...uma...um aspecto de abrangência muito maior e de um trabalho sistemático, então exigia mais espaço, etc., etc., que eu me lembro que nós, por exemplo, onde eu tinha sido Delegado de Saúde, aquela mesma sede foi a que serviu para o Serviço Nacional de Peste. E assim também a de Malária, de isso e daquilo.

WH - A de Malária correspondia a que região? O Sr. sabe?

AC - Não, mas...ah... a toda a região de malária, onde houvesse malária. E, e isso teve na...naquela ocasião teve, houve, houve epidemias imensas tinha o...a... ..febre amarela, houve toda aquela, aquela...epidemia...e... (?) (?)notas de câmbio(?) Então, isso aí então começou a ser feito pelos Serviços, pelos Serviços Nacionais. Aí eu, eu tive nesse Serviço durante mais ou menos uns, uns dez anos eu creio.

CF - O Sr. foi o primeiro diretor do Serviço Nacional de Peste?

AC - Fui, fui o primeiro diretor.

CF - Então o Sr. que implantou esse Serviço...?

AC - Sim, é... que implantou esse Serviço é...do qual eu já tinha uma certa prática pelos três anos de estado em... ..

CF - Como Delegado Federal de Saúde.

AC - Em Delegado naquela zona que era, vamos dizer, quase toda tinha, tinha peste. Mais assim...no Ceará...ah...Pernambuco, Paraíba, Alagoas pouco, Rio Grande do Norte pouco.

WH - Piauí?

AC - Não Piauí não era nosso. Piauí era outra Delegacia.

WH - Ah tá. Na época da Delegacia. Mas tinha peste no Piauí também?

AC - No Piauí... assim... não tinha...um...numa certa região...um pouco vizinha do Ceará...eh...um pouco do Maranhão, era um pouco, era um pouco a contiguidade, não era bem na ... no Piauí.

WH - Claro. Na área do Piauí. Eu ia lhe perguntar Dr. Almir, quer dizer, o Sr. assume um, o Serviço Nacional de Peste recém-criado, né? Então o Sr. implanta esse Serviço. Qual foi a primeira medida que o Sr. tomou, pra implantar esse Serviço?

AC - Ah, bem...não (risos) É... Eu não tinha propriamente, que que tomar medidas, era ir pro lugar e organizá-lo, montar uma sede, escolher as pessoas. Então a primeira medida foi a seguinte: organizar, é, formar um quadro especializado de pessoal, de médicos. Aí nós fizemos então, fizemos três ou quatro cursos, com um número regular de pessoas nas várias regiões. Primeiro para que cada pessoa trabalhasse na sua região e não houvesse isso de ser exilado pra outro, etc, etc. Nós procuramos pegar a prata da casa.

CF - Aproveitar as pessoas da própria região...

AC - Então nós fizemos, é... confesso que nesse momento não me lembro quantos cursos fizemos. Nós fizemos uns três cursos, vamos dizer, um no Ceará, outro em Recife, outro na Bahia para os médicos que iam servir naquelas circunscrições. Bom, então para esses cursos, nós trouxemos especialistas, até especialistas estrangeiros, para esta parte de...de rato...principalmente...

WH - E este curso foi financiado pelo Brasil ou tinha financiamento...?

AC - Não, não, esse curso era feito pelo Departamento...

WH - Pelo próprio Departamento. Não tinha financiamento da Rockefeller, nada disso?

AC - Não, não, nada disso. E então aí fizemos pela rigorosa classificação das pessoas, elas foram, elas foram sendo nomeadas. Nós dividíamos as (?) circunscrições...ah...eram três chefes...ah...chefes de circunscrições...ah... (risos). Agora estou bastante sem me lembrar bem como era... ..

WH - Região, setores e distritos.

AC - É... setores e distritos, é. Isso.

WH - Eram três setores e vários distritos.

AC - Não, não. Eram, eram, eram, variava muito conforme a área abrangida, né.

Agora eram três postos que os mais, os mais... é... que melhor saíram nos cursos e que já tinham experiência, etc. Essas ficaram, esses ficaram como chefes de circunscrição. Depois então tinha o chefe de setor e sete(?) chefes de posto(?), acho que era posto, né. E então uns subornados aos outros. Aí já houve um começo de dificuldades porque por mais que (?) e que já entrem sabendo

dessas, das condições, as pessoas pediam e (risos) pediam ao Governador...

WH - Ah, o Sr...é...as condições o Sr. falou em outra entrevista, mas acho que o Sr. não falou agora. Que eles tinham que aceitar o lugar que fosse decidido...

AC - Tinha, é. O certo é que era decidido por nós. Bom, agora e se fosse um lugar que, que facilitasse pra eles, ...é gente que tem família, as vezes fazenda e coisas assim, fazendeiro na família, não tinha importância nenhuma, contanto que se uma coisa fosse... Primeiro tinha a parte de, de vencimentos porque, claro que o chefe de posto era, ganhava menos que o de setor e o de circunscrição. Então nisso houve uns dois ou três casos de pedirem a, pedirem aos (risos) Governadores, etc pra intervir e, mas (risos) que felizmente ah...caíram em pessoas que não eram sensíveis a isso. Por exemplo, soube do, pelo, por um Governador da Bahia, anos depois, Oliveira Brito, soube ele disse “Olha eu tive muito trabalho com o Sr. pra lhe(?) pra lhe prestigiar.” Primeiro porque eram os moradores de zonas rurais, gente muito pobre, porque uma das coisas, assim uma das medidas mais assim óbvias e etc. Como o rato...é... acontece a peste porque o rato é um comensal do homem. Nas cidades em que as casas são impermeabilizadas não há perigo porque normalmente quando não são pessoas (?) não entra rato, claro.

WH - Claro.

AC - É tudo, é tudo...é ... vamos dizer... ..Não é, não é viável a entrada de ratos em prédios que nós moramos (?) etc, etc.

WH - E eles não ficam morando, se eles entram eles têm que sair, né.

AC - Agora, nas casas alí, as casas, normalmente, em volta das casas tem umas plantaçoezinhas, umas coisas, que é normal, né, porque alí as pessoas tiram também do chão o seu sustento. Agora aquilo é que fazia, a casa limpa em volta, se você tem vinte metros não, não é, o rato não vai, porque ele não, ele...Primeiro ele vai ver se tem comida lá dentro. Se as casas não tem, não tem propriamente (?). Então a...as pessoas reclamavam muito e iam muito reclamar ao governador de que nós fazíamos essa, essa limpeza em volta da... esse claro assim... em volta das casas. Eles, eles, e... ah...

CF - Não gostavam, não queriam que fizesse.

AC - Não gostavam e pediam ao governador, fazendeiros, fazendeiros que já pediam pelos mais humildes, fazendeiro grande não tem esses problemas. E ele me disse: “Olha eu prestigiei sempre e etc, etc.” E... e aí então...nós...nós fazíamos... fazíamos um trabalho. No tempo que não havia, no...no início dos inícios ahh essas verbas por exemplo da peste antes de haver Serviço Nacional e eu ehh assumir o Serviço, eram coisas que os guardas ficavam assim porque dependiam das Delegacias etc, ficavam assim até o mês de de abril, fim de março, abril sem fazer nada. Sentados de um lado, de um lado pro outro, porque as verbas eram verbas especiais que havia pra isso chamadas as verbas de obras. E essas verbas não saíam antes de março, abril. Então foi a primeira coisa que eu cuidei por quando cheguei a isso. Eu acho que eu fui...

CF - Essas verbas eram só federais? Não tinha nenhuma contribuição do Governo Estadual?

AC - Federais. Não, não, eram verbas federais. Mas essa verba de obras era uma verba que custava a sair e as pessoas também não se apressavam em fazer o pedido. Então ficava, ficavam aquelas turmas imensas sem ter o que fazer. Bom então uma das coisas que eu (risos) que eu fiz foi imediatamente fiz uma exposição de motivos assim longa e mandei pro DASP. O DASP foi uma coisa assim ah... uma coisa assim pra funcionalismo público, a redenção e o resgate do funcionário público, foi uma das maiores, foi, é da fase boa do Getúlio, né, da segunda fase, porque o Getúlio na primeira fase era meio, meio... (?) da Alemanha e etc, e depois virou completamente um homem, um homem de, de aspirações e atitudes que interessava ao povo. Então ah...a nomeação do Simões Lopes que era um rapaz assim, filho de um, filho de um deputado ou um senador e era uma pessoa tida assim como uma pessoa da sociedade, etc. Esse homem se dedicou loucamente a, a toda a organização do serviço público, a padronização do serviço público e foi uma coisa realmente é quem quem resgatou o funcionário público em nossa terra porque não havia absolutamente, ninguém entrava sem concurso, fosse pra que cargo fosse, por mais humilde que fosse. Então eu fiz uma exposição de motivos para o DASP mostrando que era uma um um ...gasto inútil, uma coisa de ficar e..e..e..depois era..era..não trabalhar durante dois três meses. Bom neste primeiro ano, já no fim de janeiro já saiu a (?). Nos outros anos chegava (risos) chegava n...na logo em janeiro mesmo chegava a bolsa(?). Agora, porque os, os orçamentos, as propostas orçamentárias pra cada ano eram feitas pelos diretores de cada Serviço. E isto era defendido, era uma espécie de uma cerimônia uma coisa assim... porque lá no DASP tinha pessoas de alto valor, pessoas de muito boa qualidade. Então eu me lembro, d'eu que fazia tudo assim, fazia mapinhas, fazia automoveizinhos (?) (?) (risos) E levava aquele negócio com estatísticas, com coisas e etc e uma exposição. E, e era uma coisa pomposa, porque nós chegávamos no DASP que era naqueles, alí aonde era o Ministério da Fazenda, não sabe alí na...

WH - Avenida Antônio Carlos.

AC - Na Avenida Antônio Carlos, né. E chegávamos lá e aí e estávamos lá e aí entravam cinco pessoas (?) (cita vários nomes que não dá para entender) pessoas de muito, de alta qualidade do funcionalismo e aí discutia as coisas, mostrava, etc, etc. Tudo que eu pedi sempre foi dado. Porque eles gostavam viam que eram pessoas interessadas etc, e nunca houve mais dificuldade...

WH - E olha só Dr. Almir, eu ia até lhe perguntar, quer dizer, a impressão que eu tenho é que esse Serviço como tinha muito trabalho dentro dos municípios, o Sr. tinha que ter carro, tinha que ter pessoal pra visitar. Era um Serviço que consumia muitos recursos?

AC - Consumia, mas dentro das, dentro das, das ah...do total de verbas que nós tínhamos. Isso eu realmente já não me lembro mais. Houve, houv, tinha o (?) o dinheiro deles não dava nem pra um lanche(risos) O dinheiro de todo o Serviço de Peste. Era uma coisa assim como como por exemplo dez mil contos, sabe, mas eram outros níveis de pagamento, etc etc.

WH - Acredito. Não tinha a inflação que tem hoje...

AC - Bom. E outra coisa também, logo, antes de eu ir pra lá assumir, eu mandei um telegrama pra cada um dos, dos, das pessoas que eram de Delegacias de Saúde, e eram encarregadas, antes de abrir

um Serviço eram encarregadas disso pelos estados mesmo etc, pelas Delegacias. Aí eu mandei dizer que dissessem, que mandassem a lista dos carros que tinham e o estado em que estavam e o que precisava pra, para consertá-los. Antes de, de obter alguma coisa nova e... e isso provocou um uma eh..eh..eh..(risos) foi uma coisa que as pessoas não acreditavam, e depois mesmo me disseram: “Ah, quando recebemos aquele telegrama... ah isso nós respondemos coisas do tipo várias vezes.” Bom, mas dessa vez é pra valer e foi e...

WH - O Sr. conseguiu recuperar os carros...?

AC - Conseguimos recuperar e depois fomos comprando também alguns novos, né. Era carro que agüentava, agüentava a estrada de catabi (?) que tinha por lá, de buracos...

WH - Catabico?

AC - Catabi.

WH - Catabi.

AC - É, tinha um termo catabi. Catabi...(risos). Bom, era...não sei...

CF - Dr. Almir é ... só pra entender uma coisa que eu fiquei com uma dúvida, quer dizer, o seu orçamento... o Sr., o Sr. pedia uma determinada verba, justificava essa solicitação e recebia. Esse orçamento não era definido na...na...pelo Governo Federal?

AC - Não, eles tinham a verb... depois vinha.

CF - Mas o Sr. que dizia quanto o Sr. precisava?

AC - Sim, mas é pra ...porque eu tô contando essa coisa pomposa lá com os diretores...

CF - Que o Sr. ia levar o orçamento que o Sr. queria...

AC - É mas era pro outro ano.

CF - E o Sr. que pedia?

AC - Sim eu que pedia.

WH - Não era o chefe do Departamento Nacional de Saúde?

AC - Não.

WH - Quer dizer, era cada diretor de serviço ia diretamente ao DASP...

AC - Cada, cada, malária, tuberculose, doenças...como é que se chamava...

WH - Doenças mentais.

AC - Mentais. É etc, tudo isso...

CF - Tinha Serviço Nacional do Câncer, Tuberculose, tinham várias.

AC - Câncer, tudo. Era o Mário (?). Depois tinha também de ...era...Adauto, era Adauto?

WH - Adauto Botelho.

AC - Botelho, que era de...da parte neurológica, não é ele?

WH - É, de doenças mentais.

AC - O Sr. sabe dizer é... o Sr. lembraria se os outros serviços também de um modo geral eram atendidos no orçamento ou havia reclamações, as pessoas de um modo geral recebiam o o que pediam, ou o Sr. acha que o Serviço Nacional da Peste tinha uma...uma situação diferente em relação aos outros Serviços Nacionais?

AC - Não, ele não tinha, ele teria que ter porque eu era o mais moço, né. O Samuel Libânio que era uma pessoa...

WH - Quem?

AC - Samuel Libânio.

WH - Samuel Libânio.

AC - Que foi diretor do Departamento, né. Vem...vem de Minas e era um homem assim... muito bem educado, (?), dizia assim “O Benjamim” quando eu chegava ele dizia “O Benjamim entre” e tal (risos). Eu conhecia muito a família dele porque eles eram, ele era é...eu fui muito amigo da família Vilela. Eurico Vilela que era um...um que trabalhou com Carlos Chagas sempre, Eurico Vilela, médico. E tinha...era casado com uma Libânio e esse Libânio que era seu sogro era muito nosso conhecido (?) E assim eu acredito que tivessem verbas, não tanto ah... as... as doenças assim epidêmicas ou endêmicas como malária, peste, febre amarela, evidentemente eram...eram favorecidas...

WH - Mais aquinhoadas.

AC - Mais aquinhoadas porque precisavam de um trabalho sistemático, né.

WH - Claro. Mas aí tinha recursos fora também, quer dizer, a malária contou com recursos da Fundação Rockefeller...

AC - Sim para o caso especial do...do...

WH - Da campanha do *gambiae*.

AC - É da campanha do *gambiae*. E veio o Soper, o Wilson, eram homens com os quais nós aprendemos muito e (risos) inclusive a tomar chope. Soper não...

WH - Mário Pinotti já era diretor do Serviço de Malária?

AC - Malária, eu acho que ele foi o primeiro diretor sim.

WH - E ficou até a mesma época que o Sr., né, 54?

AC - Mais até, mais, ele continuou.

WH - Ele continuou.

AC - Ele continuou. Quando eu... quando eu tive a surpresa de ser demitido sem saber, eu estava em viagem, todo ano eu fazia duas viagens pra percorrer toda a área, toda área de peste do nordeste e ficava assim um mês e meio mais ou menos.

WH - Quer dizer, o seu quartel general era no Rio e o Sr. ia duas vezes por ano...

AC - O quartel general era no Rio, mas lá é que era a doença, né. Então todo ano, todo ano eu ia e ficava assim um mês e meio percorrendo toda ah... as circunscrições, né. Nesses..nesses..nessas viagens quando você sai por mais de um mês você pode botar um substituto eventual, então a pessoa que está logo depois de você no Serviço fica porque naquele mês ganha como.. como.. e eu sempre botava o Limaverde que era o meu assessor lá...

CF - O Celso?

AC - Aristides Celso Corrêa Limaverde.

WH - A gente quer entrevistar ele também.

AC - Ele...é ele que ficava. Então eu acabava de chegar de uma viagem e de repente entra uma moça esbaforida, né, e..e “Dr. Almir o Sr. foi demitido”. Eu digo “NNNã isso é aquele negócio quando eu saio etc”. Mas não era não, era mesmo, eu tinha sido demitido. Nisto já tinha assumido, Barreto estava fora e tinha assumido um débil mental que era mais ou menos como esse...como esse Itamar, que era o Miguel Couto Filho.

WH - Ahhh depois vamos falar muito mais dele.

AC - Esse era um tolo, um tanso. Então me convidou pra jantar, conversa, etc etc e me disse que queria fazer uma reunião de todos os Serviços. Eu disse que isso competia a ele pensar, mas eu por

exemplo não era favorável a isso porque as pessoas não eram polivalentes, as pessoas sabiam lidar com aquelas armas que eram contra a peste ou diversas coisas de (?) disso e daquilo. Eles estavam aptos àquilo, pra consertar e fazer etc, e a malária era um outro tipo de coisa.

WH - Quer dizer o Sr. quer dizer que cada serviço tinha sua especialização?

AC - Tinha, cada serviço trabalha com um material que é daquele serviço, por exemplo um (?) (?), um homem que dirige um tanque é a mesma coisa. Então...

WH - É e o pessoal era especializado...

AC - ...primeiro as ondas não eram...não haviam todas as moléstias em todas as ondas, então eu ..eu me eu disse “O Sr. é quem sabe, agora eu não faria isso”.

WH - Ele queria reunir os Serviços no que seria depois o DNERU, né Dr. Almir, o Departamento Nacional de Endemias Rurais.

AC - Sim, sim...m..., mas era ele queria, talvez o DNERU n... não tenha criado especializações que tivesse a turma da malária, a turma da ...

WH - Isso. O DNERU tinha...continuavam os setores, né, só tinham uma coordenação geral.

AC - Eu sei que eu acho que ele tomou isso como uma, uma oposição e aí com (risos) eu menos imaginava que estava nomeado o Limaverde mesmo eee aí é um fato consumado, pra mim foi assim um ...um...uma bomba em cima de mim porque eu tinha amor àquele Serviço...

CF - Tantos anos, né Dr. Almir.

AC - É, é foram dez anos, um pouquinho mais, né. E e você aquilo que você organiza é uma coisa meio como um filho, você que fez e etc, e etc. Bom, sobre isto correm muitos...muitos boatos. Eu como princípio era amigo do Limaverde, ele era meu substituto eventual, essa coisa toda e eu então excluí completamente a hipótese dele ter trabalhado pra isso. Bom agora o Limaverde era muito jeitoso, ele era pequenino e assim e tal, meio manhoso e então ele tem sua lábia e tem muitas amizades, ele é ao mesmo tempo do Ceará e do Amazonas. E ele tinha algumas pegadas muito boas políticas como tem até hoje. Bom me garantiram que ele se pegou para ser nomeado etc. Eu não tomei conhecimento disso. Desde a mesma ele chegou, eu tratei com se fosse...fingi que absolutamente nem... nem me teria chegado aos ouvidos coisa nenhuma sobre isso, sou amigo até hoje, ele ele nós temos inclusive um...um tipo de reuniões que nós fazemos, são uns almoços nas primeiras quintas-feiras...

CF - Ah dos sanitaristas...

AC - De sanitaristas, que já foi em muitos lugares, nunca eu tive a menor restrição a ele, ele sabe que, ele n.. nem pode passar pela cabeça dele que eu posso achar que foi ele que teceu a coisa, eu tenho minhas dúvidas.

WH - Ou que se ele não teceu, pelo menos aproveitou a indisposição do Miguel Couto Filho para com o Sr.

AC - M... mas ele não sabia direito disso não.

WH - Ele não sabia dessa... desse desentendimento?

AC - Não. Ele devia ter contado(?) porque ele era meu...

WH - Assessor, né?

AC - Logo depois de mim. Então eu devo ter contado... eu não fiz disso uma polêmica, foi um jantar, de modo que era uma coisa assim social etc, né. Agora o Miguel Couto era uma pessoa muito pouco inteligente, tanto que o pai tinha de inteligente, de alto...de grande médico, grande sentido de medicina, um tino pra diagnóstico etc, enquanto ele era um...era um s... *simpleton*. Um sujeito meio...abobado(?).

WH - Simplório. Eu queria lhe perguntar, Dr. Almir, o Sr. falou da formação de médicos, né. E eu queria lhe perguntar porque, quer dizer, o Serviço Nacional de Peste contava com não só com o staff de médicos, mas com o pessoal que trabalhava no campo, eram o que? Assistentes?

AC - Não. As pessoas (?) que trabalhavam no campo eram médicos. Mais abaixo dos médicos tinham os guardas chefes e os guardas, né.

WH - Isso. E o Sr. chegou também a formar uma turma de guardas?

AC - Ahh...meu Deus..., mas com esse tempo todo, dez anos, muitos, vinham, você tinha um treinamento se dava no couro ficava, se não dava ahh... porque tinha aquele...precisava trabalhar com lança chamas, com aqueles aparelhos que serviam pra matar, pra... colocar no buraco do rato. Essas coisas todas.

WH - Quer dizer, o Serviço da Peste fazia não só matava o rato, fazia a desratização como a anti-ratização, né, pra o rato não... ..voltar.

AC - Sim...nós...Isso não é uma tarefa muito fácil em casa de mocambos, toda rachada etc etc, né. Pois é a nossa, a nossa o.. o fito...o alvo...num...numa região (?) é que todas as casas ficam sem impermeabilizante não entra rato, mas ali não pode, não pode aspirar uma coisa desse tipo...

WH - E o que que os Srs. faziam, já que não podiam...

AC - Não, fazíamos isso de isolar a casa fazendo esse pedaço branco entre a casa e o começo de...de...

CF - Plantação? De jardins?

AC - É, é.... Daquelas marcazinhas e tal. São esses jardins. No interior é uma coisa ...ah...(risos) naquele tempo pelo menos era muito, era muito primitiva, era no campo(?), no campo(?).

WH - E o pessoal respeitava isso, porque o Sr. disse, o Sr. voltava todo ano, fazia...

AC - Não, duas vezes por ano eu ia nos lugares. Eu não ia, eu...eu

WH - A população não deixava crescer mato realmente ou o Sr. teve que...

AC - Não, deixava, mas isso era do papel do guarda. E os guardas eram muito mais próximos deles do que eu. Então é...as coisas sempre se passaram muito bem porque sabiam que ...e... e... gente pobre tem medo de autoridade. Nnnão é como nós (risos) que mata ...(?) (?) (?)... ..

CF - E o Sr. tinha enfermeiros trabalhando também no Serviço?

AC - Dde Peste não tinha enfermeiros. Mas eu tinha enfermeiras (pigarro) quando era delegado de saúde, aí nós levávamos umas enfermeiras assim cem por cento e que chegando lá elas procuravam que se fizesse cursos permanentes de enfermagem. Então todas essas é... desses estados mais adiantados é... nós fizemos todos nós ...delegados e seus...seus...eu, por exemplo, tinha duas pessoas de alto scol (?) que eram meus assistentes, que eram Mário Magalhães da Silveira, Marize Dinis (?) doutora dos (?) e Valério Régis Conder.

CF - O Sr. que levou-os para o Serviço, não foi? O Sr. que chamou.

WH - Pro Serviço ou pra Delegacia?

AC - Não, pra Delegacia.

WH - Eles não trabalhavam com o Sr. no Serviço Nacional de Peste?

AC - Não. Nunca trabalharam, não. Na Delegacia. E o Valério, ambos voltavam...Mário nunca foi pra prisão, Líseo (?) é que foi. Mas Valério voltava de um tempo enorme na prisão e tava reconstituindo a vida dele, eles foram trabalhar na...como era...UNGRA, UNGRA (?) não tinha essa...uma coisa estrangeira que era na na África e em outros lugares. Eles então quando saíram dessa história de...

WH - Dá licença, Dr. Almir.

Fita 5 – Lado B

AC - Quando quando tinha acabado isso era acho que era URRA(?) a organização, e eles então o Valério de volta disso então, como ele era muito meu amigo, eu convidei, e ele era um líder, né. Eu

convidei pra lá, então ele ficou no Rio Grande do Norte, delegado de saúde.

WH - Ele tinha sido preso, Dr. Valério?

AC - Ué, passou anos n... na cadeia (risos).

WH - O que é que ele tinha...?

AC - Comunistas.

WH - Ah...tá...

AC - Ele e a Dra. Nísia(?), a Dra. dos gatos teve na prisão um tempo muito grande e até...enfim...não sei até se já não figurou em algum filme, ou alguma peça de teatro, mas ela ficou. Mário nunca foi incomodado. E então o Mário foi pra Alagoas, que é a terra deles, dele e da Nísia. O Valério foi pra o Rio Grande do Norte, quando ele fez todo um trabalho muito brilhante.

WH - E o Sr. não teve problema na época, de (?) pessoas que tinham sido presas?

AC - Não, não, porque elas já não estavam mais lá. Tinham sido, elas tinham sido anistiadas (risos). E o Valério era um líder mesmo de modo que fez um trabalho belíssimo, e de vez em quando nos encontrávamos em Recife.

WH - O que que ele fez? Que trabalho ele fez?

AC - Trabalho no Rio Grande do Norte, de saúde pública em geral. Ele fez...dessem a ele um pingo de poder, ele fazia alguma coisa, muito bem, sempre.

WH - Mas ele o quê? Formou pessoal ou trabalhou com controle de doenças?

AC - Não ele era, vamos dizer, um super assessor aos Departamentos de Saúde do estado.

WH - Ah sim, então ele assessorava as Secretarias de Estado.

AC - É, e o Mário a mesma coisa em Alagoas, onde era uma família conhecidíssima, não sei quantas irmãs e irmãos, tinham a Gazeta, tinham, tinham um jornal, né. E ele fez a mesma coisa lá.

CF - Quando o Sr. foi para o Serviço Nacional de Peste, eles já não ficaram mais com o Sr., eles já não trabalhavam mais lá. Eles foram pra onde, o Sr. lembra?

AC - Não e nem estavam interessados em peste. Então...eles vieram pra aqui e Valério foi eleito deputado ou senador, né. Aí já estava a coisa diferente, a pessoa podia ser... não era mais crime ser do Partido (risos) Comunista.

WH - Se bem que o Partido em 46 foi fechado, né.

AC - Sim, mas o Valério foi deputado ou senador, acho até que foi senador. Pelo Partido.

WH - Pelo PCB.

AC - É. E o Mário nunca fez, nunca fez política de profissional assim...

WH - Mas o Mário também era comunista? Também era do Partido?

AC - O Mário não era do Partido, quer dizer, conseguiu...era um homem de esquerda c... como eu sou um homem de esquerda e... e... sempre fui e o Mário depois foi trabalhar creio que na ...na bioestatística. Ele trabalhou na bioestatística.

WH - No Serviço Nacional de Bioestatística?

AC - Sim, na bioestatística.

WH - E o Sr. trabalhava junto com esses Serviços, Dr. Almir, porque eu...é uma curiosidade que eu tinha, uma pergunta que eu tinha pra fazer, quer dizer, o Sr. tinha que sondar toda uma área pra ver se havia incidência de peste, enfim, trabalhava com o setor de portos, né, porque a entrada da doença pelos navios...

AC - A Saúde dos Portos já era uma outra coisa, era outro, era outro Serviço.

WH - Então o Sr. tinha colaboração do Serviço de Saúde dos Portos e do Serviço de Bioestatística pra montar uma rede de controle de...

AC - M.. m.. mas eu não precisava de nada do Serviço de Bioestatística, não.

WH - Ah não. O Sr. tinha um serviço de bioestatística pra isso.

AC - N.. não, nós não tínhamos um setor de bioestatística. Nós tínhamos dados à minha disposição e não eram assim tão importantes, né.

WH - Não eram assim importantes como? A peste não era uma doença que tivesse uma incidência muito alta?

AC - Sim, mas isso tudo era comunicado e o Serviço de Bioestatística que era dirigido na ocasião, se eu não me engano, pelo Jansen de Melo, era um serviço que tinha suas redes, suas coisas por todos os estados e correspondência e troca de informações e tudo, né, de modo que...

CF - Então havia uma relação, o Sr....

AC - Sim, mas eu não tinha nada que me meter, lá, nem pedir dados porque todo ano tinha anuários, tinha coisas e etc, né. E eu era, no início eu era estatístico. Eu gostava de matemáticas e

então era, era um pouco estatístico. Acho, acho até que ainda cheguei a trabalhar algum tempo em bioestatística. Isso era no tempo do Fontenele, como Fontenele gostava muito disso eu fazia muita coisa de bioestatística, quantos(?) estavam no Serviço de Bioestatística do Distrito Federal. E aí...

CF - Mas havia, Dr. Almir, quer dizer, além do Serviço de Bioestatística e do Serviço de Saúde dos Portos de um modo geral os outros serviços, o Serviço Nacional de Malária, o Serviço Nacional de Tuberculose, havia uma colaboração, por exemplo, do Serviço Nacional de Peste com o Serviço Nacional de Malária. Se o Sr. precisasse, se o Sr. tivesse trabalhando numa determinada área e que houvesse uma incidência grande também de malária, havia colaboração entre esses Serviços ou não? Cada um faz o seu trabalho isolado?

AC - N... não. Cada um fazia o seu trabalho e... e ...toda colaboração(?). Mas quando chegou o Miguel Couto ele inventou de fazer tudo com as mesmas pessoas, quer dizer,...

CF - Sim, mas antes do Miguel Couto, nessa época que o Sr. era diretor do Serviço Nacional de Peste?

AC - N..n..não e..era. Nós tínhamos relação, porque éramos pessoas todas muito íntimas, muito companheiras de trabalho, etc. Então não havia necessidade, se algum precisava de alguma coisa que tivesse ao nosso alcance fazer ou vice-versa haviam, mas não, eeee.... os Serviços eram bem, eram bem aparelhados, né.

WH - Inclusive, Dr. Almir, eu tenho uma...é interessante porque, depois de 45, né, porque aí cai o Vargas e entra o Dutra, depois o Vargas é reeleito, passam três ou quatro Ministros da Saúde, né. Passa Simões Lopes, né, Simões Lopes? Não. Simões Filho.

AC - Simões Filho. Mas é porque era Educação e Saúde.

WH - O Clemente Mariani.

AC - Era Educação e Saúde.

WH - Pois é. E é interessante porque eles não mudam nenhuma, nenhuma Diretor de Serviço Nacional, né.

AC - Não.

WH - Permanece a mesma estrutura...

AC - É. Esse foi o risco (?) de tanto, de tanto...você sabe que tem uma mensagem da Presidência....no início de cada ano, a Presidência tem uma mensagem.

WH - Sim, eu lí.

AC - Essa mensagem (risos) é sempre escrita pelos diversos Ministros, né. E eu fiz (risos) durante

anos fiz a de Saúde.

CF - Ah é. O Sr. que fa....

AC - Fiz pra Mariani, é ...é (risos).

WH - A gente leu. A gente tem uma série de informações de lá também. Do Dutra, né?

AC - Dutra não, Dutra é um (risos) caso a parte porque era aquela carantonha(?) toda santinha...

WH - Era aquela o quê?

AC - Aquela carantonha, fechada assim, né. (risos) Então (?) santinha(?). Nós tínhamos uma pega no... no Dutra que era o Noveli. O Noveli que foi meu colega, meu colega, colega de Carlos Chagas etc, era Luiz Gonzaga Noveli Júnior, era um paulista e casou com uma filha do Dutra. Então nós se precisássemos teria alguém a quem recorrer, mas nunca precisou.

WH - Ele era deputado, né, o Noveli?

AC - É, depois foi, fez carreira política.

WH - Isso...

CF - Dr. Almir, outra pergunta...é...e o Serviço Nacional de Peste teve alguma relação também, alguma colaboração com a Fundação SESP?

AC - Não, não porque a zona deles não era de peste. O SESP era lá pra Amazônia, era mais malária, né.

CF - Mas depois, a partir da década de 50, a Fundação SESP começa a trabalhar na Bahia, Pernambuco, mas não havia nenhuma colaboração não, né?

AC - Bom, eu nesse tempo talvez já não estivesse mais nisso, né. Eu sei muita coisa do SESP por causa do Ernani Braga, que trabalhou comigo na Delegacia, né. E era muito amigo meu, a família toda etc e... depois foi...foi...diretor do SESP...teve posições muito, muito boas lá dentro.

CF - Foi...foi. E com os Serviços locais, Dr. Almir, com...com... Governador dos Estados, as Prefeituras..?

AC - A melhor relação sempre. Ah... havia. Em primeiro lugar isso antes, as pe... os políticos não se julgavam tão importantes quanto hoje. Bom, depois nós tínhamos relações com essas pessoas....uh....Por exemplo, em Recife era o Agamenon Magalhães que era gente íntima da minha família, os filhos e o irmão Ageu que era médico patologista, um grande patologista e que era uma pessoa que ia..ia quase todo domingo almoçar na minha casa logo que nós chegamos aqui no Rio de Janeiro, porque ele era de um hospital desses, esse hospital que eu não me lembro mais qual era,

mas aqui do Rio, desses hospitais que são longe da cidade, né. E muito amigo nosso ía muito lá conversávamos e etc, não...era...o Agamenon era... era...eram famílias íntimas da minha família lá no..no..no Recife, então nós conhecíamos...o...o...

WH - Quer dizer, isso facilitava as coisas, né?

AC - Claro que facilitava. E por exemplo Raul Fernandes, me lembro de ir assim a festa de carnaval com Raul Fernandes que era o... era o..o governador, meu avô tinha sido governador do Rio Grande do Norte e eles estavam...eram...eram... (risos) coisas assim que não são para registrar esse tipo de coisa, mas tinham festas de carnaval então (risos) eles aprenderam a cheirar lança-perfume. Bom era uma coisa assim muito calma sabe lá. Essa imagem de de nordeste de cabra cabra da peste e de de meter o facão etc nn... não me pega muito não. Eu, minha família inteira é do Nordeste, né, era do nordeste, meu pai era cearense de Guaratati(?), meu avô de Ipul(?), meu avô que não aceitou a República e aí (risos) foi exilado pro Piauí, aí no outro ano foi eleito Presidente...

WH - Presidente do Piauí (risos).

AC - É. (risos).

WH - Deixa eu ... ainda sobre o Serviço Nacional de Peste, queria lhe perguntar uma coisa, quer dizer, esse momento, esse período que o Sr. é diretor desse Serviço é um período que acontece muitas mudanças em termos de descobertas, é a época que entra o DDT, não é isso, no combate a...? Quer dizer, como é que foi trazer todas essas novas técnicas para o Serviço?

AC - Ehh...isso aí não...são coisas que é...é...essas fundações estrangeiras, Fundação Rockefeller etc, se eram novidades eram trazidas e depois as pessoas vão lendo, vão sabendo e... e se atualizam, né, não tem...

WH - Quer dizer, pro Sr. foi uma coisa natural, né? Por que como se fazia antes a desratização, antes do DDT, por exemplo?

AC - É. Olha o DDT não era pra rato, não.

WH - Não era pra rato.

AC - Não.

WH - É... porque... ah... tá bom. E a vacina, o Sr. usava vacina?

AC - De peste? Não, não tem vacina, não tem vacina...de caixa(?).

WH - Porque o IOC produzia, né. O Instituto Oswaldo Cruz produzia a vacina contra peste, quer dizer ele surgiu justamente pra produzir a vacina, né.

AC - Não, acho que contra peste não...

WH - Não era eficaz?

AC - Era febre amarela, isso sim, isso sim, contra peste não.

WH - Mas vocês não usavam no Serviço Nacional de Peste?

AC - Não, não.

WH - Quer dizer, o trabalho era mais em cima do da desratização mesmo?

AC - Era, era pra evitar o portador.

WH - E que produtos usavam? Além de manter longe o mato da casa...

AC - Não, nós usávamos o ... é... aquele dos.. eram...deixa eu ver... nós botávamos no buraco, no buraco nós fazíamos ...ah... jatos de um...de um... raticida, que nesse momento não estou me lembrando qual era, tinham bombas pra isso, né. A bomba para colocar o raticida dentro do coisa. E tinha bomba também de..de..era uma, era um gás, né.

WH - Aí já quando os ratos tavam pra ficar...

AC - Não os ratos que tinham iam embora nos seus buracos. Não tem buracos aí jogávamoso... esse gás e o...o... raticida. E o raticida também espalhava-se pela casa e tal ao alcance do rato que comia pensando que era comida e aí morria.

WH - E me diga uma coisa Dr. Almir, quer dizer, pelo que eu lí a extensão do controle do Serviço Nacional de Peste era um, cobria muitos municípios, pelo menos tem um relatório que diz que cobria duzentos municípios...

AC - Sim pois é, cobria todos, mas... é... isso não significa que em todos houvesse sempre peste. E depois havia grandes áreas sem... imunes entre cada foco. Os focos eram...eram... tão combatidos que acabavam sendo...sendo excluídos...sendo eliminados.

WH - Eliminados. Mas os Srs. sempre faziam uma checagem um tempo depois?

AC - Sim é, sim.

WH - Permanecia aquela vistoria, digamos assim.

AC - É, é.

WH - E a parte de portos, como é que era?

AC - Saúde dos Portos.

WH - O Sr. não trabalhava com a área de portos não?

AC - Não, não, isso era o Serviço de Saúde dos Portos.

WH - Que cuidava da peste nessa...

AC - Não cuidava da peste, ele cuidava de portos, fosse o que fosse. Agora quando havia uma coisa em relação à malária, febre amarela e... era com eles, mas por exemplo, o Serviço de Portos aqui era importante pra peste, porque a peste podia ser trazida de outros lugares, então a vida inteira nós...nos armazéns, os navios e tudo eram visitados por...por pessoas ligadas, quer dizer, que sabiam disso, mas não eram do Serviço de Peste.

WH - Mas o Serviço de Peste colaborava com o Serviço de Saúde dos Portos para qualquer...

AC - Sim, como não. É é. A vida inteira nos armazéns nós colocávamos iscas e ratoeiras para saber se tinha rato e se tinha rato infectado.

WH - Ah...tá. E chegou a haver controle de ratos infectados nos portos nesse período que o Sr. foi...?

AC - Possivelmente. Rato infectado não. Mas rato. E depois tínhamos, por exemplo Mário Magalhães da Silveira era do Serviço de Saúde dos Portos e... enfim, tinha em toda parte tinham pessoas que tinham um bom conhecimento disso, agora os portos eram aqui no Rio de Janeiro, eram aonde nós...nós ainda tínhamos que cuidar de ter um trabalho permanente.

WH - Claro. E tinham inclusive normas internacionais, né? Pra toda questão de saúde dos portos, de quarentena, não tinha...

AC - É...na verdade isso foram coisas assim que... que foram perdendo o interesse, né. A proporção que a coisa melhora...isso de quarentena...ah...são coisas um pouco do passado.

WH - Porque outra coisa que me chama atenção é que nesse período que o Sr. foi diretor do Serviço a incidência de peste caiu bastante, né.

AC - Caiu muito. Caiu muito.

WH - O Sr. se lembra mais ou menos números, quanto?

AC - Não, não me lembro de números não. Isso são coisas que só tem mesmo em estatística, mas mas nós deixamos em...em...como qualquer outro que tivesse feito um trabalho regular, deixaria em níveis, em níveis insignificantes, níveis perfeitamente toleráveis. A peste praticamente foi, foi varrida. Não é problema mais pro Brasil.

WH - Mas o Sr. acha que esse Serviço de qualquer forma necessitava se manter, né, pra controlar, pra...

AC - Sim, mas manter de uma maneira muito, vamos dizer, não uma coisa sistemática de ter um batalhão de pessoas trabalhando nisso...

WH - E o Sr. foi progressivamente diminuindo o número de pessoas que trabalhavam com o Sr... pessoal de campo por exemplo?

AC - Sim, a proporção que ia acabando aquele distrito, aquela coisa ia.. indo pra outros e.. e.. acabou diminuindo o número e aí foi o pedaço que fizeram os serviços únicos, né, serviços polivalentes e que aí eu já não tenho mais, vamos dizer, dados e coisas sobre isso. E aí também já começou o tempo em que eu passei de...passei pro setor de educação.

WH - É isso a gente vai tratar depois. Eu ainda sobre a peste, Dr. Almir, queria lhe fazer algumas perguntinhas, que é o seguinte, é... o Sr. cuidava da parte de rato e a parte de doença propriamente dita, se havia algum caso de peste...por exemplo.

AC - A mesma coisa, ... eram os mesmos médicos.

WH - Aí os próprios médicos do Serviço...

AC - Sim, é.

WH - Cuidavam do doente em casa ou encaminhavam pra postos de saúde?

AC - Não, de...eh...de..de..várias maneiras. Passa a questão...a febre, a peste perigosa é a peste pneumônica, entendeu. A peste bubônica não tem muito perigo.

WH - Por que? Qual é a diferença entre as duas?

AC - Porque uma é no bubão e outra ataca o pulmão e mata mesmo, é uma coisa muito grave.

WH - Mas aí as pessoas eram tratadas em casa, Dr. Almir? Então os médicos do Serviço é... acompanhavam...

AC - Não. As pessoas seriam, vamo dizer, seriam postas em isolamento, coisas assim, mas mas é que eu não sei, (risos) houve muito poucos casos ne..nesses, nem estou me lembrando de casos de peste pneumônica durante a minha, minha estada no Serviço de, na direção do Serviço de Peste. A peste pneumônica era uma coisa de alta gravidade.

WH - Os Srs. usavam o quê pra tratamento da peste pneumônica?

AC - Não ah (risos) usava nada porque acho que não houve, não houve coisa nenhuma, nenhuma ocorrência.

WH - Usavam sulfas? Sulfas? Eram sulfas que usavam?

AC - Não, nesse tempo já começavam as sulfas, mas peste pneumônica eu acho que era um negócio...é... quase sempre era uma coisa fatal.

CF - Hum, hum. Mas e a peste bubônica que o Sr. disse que não é uma coisa grave, né...

AC - Não é uma coisa altamente grave, é o bubão, a pessoa esvazia aquele bubão e pronto.

CF - A pessoa não precisava ir para um hospital...?

AC - Se precisasse ir.

CF - Aí era o hospital...Quê hospital, era um hospital do Estado?

AC - Sim, era um hospital que não precisava ser um hospital de isolamento porque não há nenhum perigo de.. de passar de um doente pra outro...tem que ter o rato intermediário, entendeu.

CF - Mas aí então o Serviço, no caso os médicos do Serviço Nacional de Peste encaminhariam aquela pessoa para um hospital adequado.

AC - Sim, um hospital assim na capital do Estado.

CF - O Serviço propriamente dito não tinha nenhum local...nnnn...desenvolvia atividades...

AC - Não, não, não se justificaria com um número de casos de peste que havia não se justificaria ter um...(?).

WH - Montar uma estrutura pra cuidar...

AC - Não.

WH - E educação sanitária, o Sr. chegou a trabalhar com isso...com a população...enfim...

AC - Não, isso é uma coisa que é feita automaticamente e... ..acidentalmente como um complemento, por exemplo isso caberi...cabia às delegacias de saúde e sobretudo à enfermeira chefe, porque sempre tinha uma enfermeira chefe que era encarregada de reunir pessoas do Estado, se o Estado queria, né e..e.. fazer esse tipo de coisa da educação das moças, depois a coisa foi então melhorando porque todas, todos os Estados foram criando escolas de enfermagem, dantes eles mandavam aqui pra Ana Néri, né e depois, depois criaram essas escolas.

WH - Agora o Sr. chegou inclusive a fazer o anti-projeto de regulamentação da, de profilaxia da peste? É verdade?

AC - Não, nunca fiz.

WH - Tem, tem referência no relatório de 42. Não foi Cristina, que a gente esteve lendo? Sobre um anti-projeto de um regulamento de profilaxia da peste, que foi assinado inclusive pelo Mário Pinotti, pelo Fábio Carneiro de Mendonça...

AC - Que era diretor do Serviço de Saúde dos Portos.

WH - Isso. Sr. tem idéia do que era isso?

AC - Não (risos).

CF - Este projeto foi apresentado ao Barros Barreto.

AC - Eu acho que aqui não está. Que ano foi isso?

WH - Isso a gente tirou de um relatório que deve ter sido feito pelo Sr., de 42, 43.

AC - Um relatório do Serviço Nacional de Peste?

WH - É, do Serviço Nacional de Peste.

AC - Vocês têm isso?

CF - Temos copiado...

AC - Só se vocês me mostrarem (risos).

WH - Ah eu lhe trago, eu lhe trago semana que vem.... Vamo sair um pouco do, quer dizer, enquanto o Sr. é diretor do Serviço Nacional de Peste, Dr. Almir, acontecem muitas coisas, tem muitos acontecimentos na saúde pública, né, quer dizer, e um deles que eu queria falar particularmente com o Sr. é o ressurgimento da Sociedade Brasileira de Higiene, né, que o Sr. é sócio inclusive, né.

AC - Sou, todo mundo era...

WH - Todo mundo era? (risos)

AC - É. Sociedade Brasileira de Higiene.

WH - Eu acho que não está no seu currículo, não, mas eu tenho...

AC - Eu acho que a Sociedade Brasileira de Higiene não tem assim vida, vida...

WH - Nesse período, de 45,50? O Sr. acha que não tinha...

AC - Tem... existe..., mas...é um pouco...é...não tem muita vida. Sabe o que são essas sociedades,

né. Não ..ah.. realmente é uma coisa que existe, mas não tem...não se une.

WH - Hoje, porque na época a Sociedade organizou, tinha um congresso em cada ano...

CF - Vários congressos.

WH - Ou em cada dois anos, congressos brasileiros de higiene em Recife, Belo Horizonte, no Rio...

AC - Aqui...eu acho que já não estava mais nisso.

WH - Não, o Sr. era diretor do Serviço Nacional de Peste, porque a SBH, ela ressurgiu em 42, em 45 começa a organizar os..os congressos, o primeiro é de 1947, depois tem 47, tem 49, tem em 50, tem em 51. O Sr. chegou a participar desses congressos?

AC - Eu creio que eu não fui a nenhum.

WH - O Sr. não foi (risos).

AC - Não. Eu não sou muito disso não.

CF - Inclusive, Dr. Almir, todas essas pessoas mais próximas ao Sr. participaram da Sociedade também, né...

AC - Sim, mas aonde é que vocês viram isso?

CF - Ah...em artigos, na própria revista da Sociedade Brasileira de Higiene.

AC - Mas nunca viu meu nome lá.

CF - Tava, seu nome consta como um dos sócios fundadores da Sociedade, quando ela é refundada, né, porque a Sociedade é fundada em 23 e aí durante o primeiro Governo de Vargas ela não promove nenhum congresso, aí depois ela vai ser refundada em 42 e em 47 é que tem novamente o congresso.

AC - Não tô vendo aqui no meu currículo nada de reunião de...

WH - É, o Sr. realmente não tem no seu currículo. Isso nós, isso foram nossas pesquisas que...

AC - Não...(?) Conferência Sanitária Panamericana... ouviu. É... é... são coisas absolutamente...

WH - Quer dizer, o Sr. não dava muita importância a isso, né?

AC - É, porque ninguém dava. Sabe que...

WH - Olha que em 53 o presidente da Sociedade Brasileira era o Mário Pinotti.

AC - E daí? O Mário Pinotti, aqui pra nós, era um medalhão, entendeu. Era um homem muito simpático, muito...enfim acessível, etc, mas era mais um político, entendeu.

WH - Mas ele tinha carreira política, não, ele não era deputado, não era senador...

AC - Não, mas ele era (risos) político sim. Era uma família de São Paulo, né. Ele era, não era bem um homem de ciência disso, dessa coisa toda, era um, era um pouco assim, um pouco, aqui pra nós, um pouco medalhão...

CF - Hum...sei...

AC - Todo mundo gostava muito porque ele tava sempre a disposição de, de todo mundo, tinha verbas enormes, se alguma pessoa precisava de uma ajuda pra isso, pra uma viagem ou não sei quê, ia ao Pinotti e ele dava dinheiro. Era um homem muito cortês, muito bem, mas eu acho que ele tinha pretensões políticas, independentemente de ser, acho que não. Ele foi ministro.

WH - É, ele queria ser ministro no lugar do Miguel Couto, se eu não me engano.

AC - Mas ele não chegou a ser ministro, não?

WH - Depois.

AC - Então, chegou a ser ministro. E é isso que ele queria. Não era uma pessoa como eu, como o Valério Conder, como Mário Magalhães da Silveira, entende, que é... é o... do trabalho mesmo, quer dizer, que tá trabalhando, não é um...não é propriamente um...

WH - Um técnico que o Sr. quer dizer?

AC - Não, é... é um técnico que tá trabalhando com saúde pública diretamente, não...não está pairando em cima de ... de coisa nenhuma, entende.

WH - Mas o que o Sr. quer dizer que o Mário Pinotti ele pairava...fazia mais figura...

AC - Sim, era uma pessoa...É, ele não era propriamente um sanitarista, ele...ele era um homem mais político.

WH - Mas ele era diretor do Serviço Nacional de Malária.

AC - Sim, mas eu sei, mas, mas havia pessoas que faziam as coisas todas, ele não era (?).

WH - Ah...Quem eram essas pessoas, por curiosidade?

AC - O Serviço de Malária recrutou muita gente do Serviço de Febre Amarela. E o Serviço de Febre Amarela era um padrão, esses padrões americanos, etc, que tinha o Soper, o Wilson, a...a... aquela gente, e então quando vinha um Serviço novo eu mesmo convidei dois, duas pessoas que eram da

Febre Amarela para trabalhar na Peste, nenhuma das duas quiz, preferiram continuar no Serviço de Febre Amarela e...é...era mais ou menos isso que o Pinotti fazia. O Pinotti tinha assessores bons assessores e esses assessores levavam a cabo as coisas. Agora ele era...um...político.

WH - Quem eram os assessores do Pinotti, o Sr. sabe?

AC - Era um chefe de serviço dele da Malária, sabe.

WH - Como era o nome dele?

AC - Olha que eu nn.... era também gente recrutada na Febre Amarela, era gente que vinha de outros e se adaptava aqui, ... eu não tenho, eu não tenho memória bem das pessoas. Tinha, se eu fizer um esforço muito grande pode ser que eu me lembre de alguns... ... Tinha aí ... que eu conhecia bem o (?).

WH - O pessoal que trabalhou na campanha mesmo, os médicos que trabalharam na campanha de malária não eram os assessores dele, né. Tinha o Leônidas Deane...

AC - Leônidas Deane era, trabalhava com o Evandro. Ele era Leônidas e o outro Deane...

WH - Gladstone Deane(?).

AC - Gladstone e a moça (?) (?) vieram do Pará, quando Evandro resolveu fazer uma carreira solo, né, e saiu daqui quando perdeu o concurso e foi es(?)ado no concurso e entre(?) pra cadeira do pai e aí entrou pelo sertão eh... e pelos estados pra estudar Calazar(?), pra estudar doenças tropicais, né e aí fez um trabalho maravilhoso de dedicação, de interesse.

Data: 03/02/1994

Fita 6 - Lado A

WH - O sr. falava que o Dr. Maneco Ferreira tinha dois filhos...

AC - Tinha..., se não me engano, tinha dois filhos e uma filha. (barulho de porta) Tinha estudado nos Estados Unidos. É desse grupo que estudou nos Estados Unidos, que é o Jansen de Melo, ele, o Fontenelle, com quem eu trabalhei no Serviço de Saúde Pública do Rio de Janeiro, e outros. E ele, e ele...a... família da, da mulher é...do, daqui do Estado do Rio. E ele era um, um *bon-vivant* e um homem que gostava, gostava da vida, gostava... é, onde tava o Maneco estava a alegria, estava a ...

WH - Muito vital, né?

AC - É. É... era... uma, uma pessoa, topava as coisas e ...e... é aonde ele estivesse as pessoas estavam se divertindo, tomando uma cervejinha. O negócio era uma...(risos)

WH - Muita boemia nessa área da Saúde Pública, né Dr. Almir?

AC - É, porque as pessoas sozinhas nesses lugares assim...de...de... esses que aceitam de ir de pra esses lugares fora, tem um pouco de se expandir (ri). Então, por exemplo, é no Ceará, tinha um Clube, tinha um Clube, Jangada Clube, e aí todo mundo era amigo das pessoas do Jangada Clube. Que era, era de gente da, outro ramo de lá, gente rica, né, e que tinha aquilo, tinha o pessoal que gostava de beber, que gostava de dançar, ... Então, sempre, sempre o Maneco estava em, estava em todas. (ri)

WH - Ele também fez carreira nos estados, trabalhando...?

AC - Fez, principalmente no Ceará, no Pará também. Me lembro muito...

WH - Malária mesmo? Porque...

AC - Hem?

WH - Ele pegou malária e continuou na Malária?

AC - E... (tosse) ele podia fazer qualquer coisa, o Maneco. Porque era um homem polivalente, né? Eu me lembro muito dele...

WH - Ele era um administrador também, né?

AC - É, é, mas não era...não se interessava muito, demais por isso não. Ele é..., eu por exemplo acho, as primeiras recordações que eu tenho, uma das primeiras recordações é no Pará. O Maneco

no Pará, me conhecia as pessoas todas, eu fui à casa de, de, de pessoas que eram amigas dele e depois em outros estados e depois neste célebre Jangada Clube (ri) da, de, no Ceará, que era um lugar muito divertido. Também em Recife. Recife tinha clubes maravilhosos, né? E, e nós éramos rapazes da, rapazes que..., casáveis, inclusive. E então, passamos a frequentar todos. Eles tinham uns...é... umas qualidades de sócio, sócio viajante, sócio temporário, ...

WH - E tinha muita pretendente pra, muitas pretendentes pro sr. lá, Dr. Almir?

AC - Não (ri) é que tivesse muitas pretendentes, mas é... e eu..., mas nesses lugares, cer... certamente as pessoas todas sempre namoravam, não é? Porque...

WH - O sr. também namorou muito?

AC - Sim, namorei, não...não muito, posso dizer, mas, mas sempre tem, tem famílias assim, inteiras de moça bonita de coisa, tinha a..., tinha uma família célebre..., como era o nome da família? Agora não me passa o nome Enfim, nós lá...em Recife, nos divertíamos muito. Tinha...

WH - E o médico, vindo do Rio de Janeiro, devia fazer sucesso, não?

AC - Tinha. E tinha o Ernani que tocava violão...

WH - Ernani Braga?

AC - Ernani Braga que tocava violão admiravelmente bem, sabia todos...

WH - Tocava piano também.

AC - Sabia todos... ele era da... da, de música. Tocava todos...

WH - Seresteiro né?

AC - Hem?

WH - Gostava de seresta?

AC - Gostava de tudo isso. Era... como é que, eu tô, eu tô querendo me lembrar como é que nós chamávamos a... a sessão que se fazia. Vamos fazer um ... um

WH - Sarau?

AC - Não, não. Era uma coisa e cada um dava e tal juntava aquele negócio, então e fazia-se uma...molho.

WH - Molho? (ri)

CF - Molho? (ri)

AC - Um molho, em Recife era molho. E tinham vários rapazes assim que tocavam violão, gostavam de, gostavam de, de tocar. E aí fazia-se aquele negócio ... ou em algum Clube, na casa de um, na casa de outro, fazia-se o molho e era mais (ri) gostoso, não é? Porque era uma cantoria danada. (pigarro) Ernani, o Ernani, eu aprendi muito tango com ele. (risos) Ele era um especialista em tango.

WH - É, eu já ouvi. Eu conheci Dr. Ernani Braga.

AC - É, né?

WH - Eu fui na casa dele lá na... Ele morava na Gávea, né?

AC - É...no...na Gávea, propriamente, não. Ele morava no, na Barra, é... no caminho da Barra, né?

WH - Isso.

AC - É. Ah...isso, era uma pessoa esplêndida.

WH - São Conrado.

AC - São Conrado. É.

WH - Isso.

AC - Lucinda(?), estava lá noutra dia, eu telefonei pra ela até. Eu soube que ela esteve aí com, com um consultor nosso, desses assuntos, o Franco, e aí ela perguntou por mim e eu telefonei pra ela porque há muito tempo que eu, eu não a via. Porque era uma moça maravilhosa, né, teve um desgosto muito grande porque perdeu um filho, perdeu um filho do Ernani, num desastre de automóvel, que era, era o primeiro filho, era o filho predileto dele. Mas ele, Ernani era, era muito bom mesmo. Tocava bem, tocava também acordeão.

WH - E Ernani também foi de um Serviço desses? É... está dizendo(?), Fundação SESP.

AC - Não, depois ele foi pro SESP.

WH - Mas antes?

AC - Antes foi da, da, trabalhava comigo na Delegacia...

WH - Ah...!

AC - De Saúde. Daí a amizade toda nossa, não é?

WH - Quer dizer, era um grupo mesmo, né Dr. Almir?

AC - Ah era, um grupo muito bom.

WH - Era o Er... Dr. Ernani Braga, era o sr., era o Maneco... Quem mais fazia ..., o Mário Magalhães também era farrista, o Dr. Magalhães?

AC - O Mário não era farrista, o Mário era uma pessoa mais contida assim. Mas gostava, e tomava sua cervejinha, suas coisas e tudo isso, né? Funcionava bem conosco.

WH - Tito Leme Lopes também, ainda ou já não era mais da...?

AC - Tito Leme Lopes era amigo dileto, (voz embargada) que só de me lembrar fico com vontade de chorar. Ele foi meu colega assim máximo, de chegar no Rio de Janeiro com nove anos, eu fui pro Colégio Santo Inácio e Tito Leme Lopes era, era meu companheiro de classe. Tinha cabelo assim à inglesa... Meu Deus do céu! Tito era uma figura...

WH - Depois ele seguiu a Medicina, ele foi Sanitarista também? Ou o Tito não?

AC - Não, não, não. Ele era Físico.

WH - Ele era Físico. Ele foi trabalhar com o...

AC - Carlos Chagas.

WH - Com o Carlos Chagas.

AC - Foi trabalhar com o Carlos Chagas e depois fez dois concursos e tirou todos dois. Era brilhantíssimo, era o primeiro aluno da classe. Do Colégio Santo Inácio. Né?

WH - Quer dizer, o Dr. Carlos Chagas Filho e o Tito Leme Lopes eram amigos mais da infância seus, que o sr. sempre conservou, né?

AC - Não, não, não, não... O Carlos, Carlos Chagas não. O Carlos Chagas era...

WH - Foi depois, da Faculdade?

AC - Ele não era do nosso Colégio. Os colégios daqui, reputados mesmos, mesmo... Eram, Pedro II e Militar, mas Pedro II, era realmente o melhor colégio. Bom, mas era na Cidade, aquela coisa toda. E era o Colégio Santo Inácio, o Colégio Aldridge e o (ri) Carlinhos Chagas era do Colégio Rezende. E nós debicávamos um pouco, do Colégio Rezende, porque era da... da professora Sílvia. (risos) Era colégio dirigido por mulher. Nós achávamos que ... colégio dirigido por mulher não...não servia...

WH - Não podia ser bom.

AC - Né? Eu só conheci o Carlos Chagas ao entrar pra Faculdade de Medicina. O Tito não. Me lembro tanto, Pe. Alvarenga, berrava, dizia assim: "Aquele pequenito cabeludo". Porque tinha o cabelo inglês. Era, era o Tito. Não é? Agora, o Tito tirava todas as medalhas, tirava oito medalhas.

Porque no Santo Inácio tinha essa bobagem de padre. Tinha coroa de louros, não é? Coroa de louros, título de Duque. Era a pessoa que tivesse a medalha de ouro durante o ano inteiro.

CF - Ah é?

AC - Bom, e aí que nós conhecemos o Tito, ele tinha um outro irmão que já, que tinha já estudado lá, que era o, o Zezé, José Leme Lopes, psiquiatra, que foi também professor da Faculdade e... morreu...relativamente...

WH - Jovem?

AC - Não. Não morreu jovem. Morreu com filhos e filhas e tal. Mas morreu, tenho impressão que há dez anos, dez ou doze anos no máximo. (pigarro) E tinha outro irmão que foi o padre, padre Leme Lopes...

WH - Leme Lopes, claro.

AC - ... Chico. Chico...eram três...eram os três homens e duas mulheres, das quais só resta uma, porque uma morreu há dias, que é a Teresa Leme Lopes. Tito era um...uma pessoa queridíssima.

WH - O sr. era amigo da família toda, né?

AC - Não...era amigo por causa dele, né? Por causa do Tito, ele morava na Martins Ferreira, eu morava no Largo, no Largo dos Leões, ali aquele, aquele Largo das...

WH - Do Humaitá?

AC - É. Aquele... do Humaitá, mas que naquele tempo chamava-se Largo..., Largo do... Humaitá. E a disposição era a mesma de agora. De um lado tinha aqueles gramados e palmeiras e do outro lado eram árvores apenas e jogo (ri) desenfreado de futebol e essas coisas todas. E pra ali, nós fomos quando, quando chegamos aqui de Santos, pra... pro Rio. E aí pro Santo Inácio ia-se a pé. Na volta tinha fila com o padre, um padre tomando conta da fila. (risos)

CF - Ah é?

WH - Pra voltar a pé?

AC - É, a pé. Mas também lá tinha, por exemplo, um tempo que nós não tínhamos ainda, nós estávamos morando provisoriamente no, na Pensão Caxias, lá no Largo do Machado. Nós vínhamos num bonde do Colégio. Não é? Que era, que tinha um padre pra tomar conta, aquelas, aquelas coisas. E... e aí que eu conheci o Tito.

WH - Agora, Dr. Almir, eu ia lhe perguntar, quer dizer, o sr. fala de um grupo na Saúde Pública, que eram mais amigos, mais colegas, mais companheiros, né, gostavam de cantar juntos. Essa identificação também, também era em termos de..., qual era especificamente Saúde Pública, vocês

tinham idéias comuns dentro da área...

AC - Tínhamos.

WH - ...você tinham alguma é..., lutavam por ideais comuns...?

AC - Sim..., mas..., mas é que não...não há muito isso de ideais comuns. Nós naturalmente, lutávamos pela, pela..., pelo menos havia a... os...os... as potestades, que já...é...não iam sair antes, antes (ri) de muitos anos depois e quando morressem, não é? Quer dizer, nós não estávamos ali pra, pra querer ser Diretor do Departamento Nacional de Saúde, nem nada. Nós estávamos trabalhando e queríamos era, era ter, ter uma oportunidade de trabalho que nos, nos agradasse. E eu fiz uma carreira, uma carreira dupla, porque foi essa parte toda de, de Medicina, de, de Saúde Pública, quer dizer, Medicina Social, e depois fui passando insensivelmente pra Educação. Não é? E aí, me...me destaquei completamente de...de...de qualquer atividade médica.

WH - É isso a gente vai conversar ainda, um pouco. Porque o que eu queria lhe..., reconstituir um pouco também, nesse momento que o sr. é Diretor do Serviço Nacional de Peste, né, quer dizer, é o momento de redemocratização do país, né, quer dizer, cai o Vargas... E tem a Constituinte, né, quer dizer, é o sr. teve, acompanhou os debates na Constituinte, a queda de Vargas, como é que o sr. viveu esse período?

AC - A queda de Vargas, eu naquele tempo, era meio reacionário. E... e... e fiquei muito satisfeito com a queda de Vargas, embora eu tenha exatamente a mesma posição de Afonso, Afonso Arinos. Vargas teve um...um ...período péssimo, que era o de uma certa atração pelo nazismo, pela, pela Alemanha na Guerra, etc e depois ele virou, ele virou e aí tornou-se realmente o homem do povo, lutando pelas coisas dos pobres, fazendo as grandes, as grandes conquistas de, de povo e foi realmente um...um homem que, inclusive foi injustiçado. Não é? Porque no fim ele não era absolutamente, de modo nenhum, ele era um fascista, er...era um reacionário. Ele era ... tudo, tudo que...de mais democrático que havia. A volta do Getúlio, foi uma volta...

WH - Aí já é 5..., 51, né?

CF - 50.

AC - É, é. Uma volta triunfal.

WH - E o sr. votou no Dutra, nessa época, na...nas eleições?

AC - Eu?! Em hipótese alguma. (ri)

WH - Ham?

AC - Em hipótese alguma. (ri)

WH - O sr. votou em quem?

AC - Eu era Brigadeiro, né? Eu talvez tenha votado no Brigadeiro. Provavelmente, votei no Brigadeiro.

WH - Porque depois...

AC - Embora, não...não...tivesse a menor, a... achasse a menor graça no Brigadeiro, porque era, era uma pessoa *bornée* (?) assim. É... basta dizer, que houve um momento no Nordeste, que havia um perigo de vir, voltar o Gâmbia. Bom, então tinha que fazer, faz..., determinou-se que fizesse a dedetização, a formigação (?) de cada, cada avião que chegasse, de passageiro, etc etc. Bom, e então, não sei porque burrice, o... era a Panair naquele tempo etc, a Panair não queria fazer e nós fomos ao Brigadeiro e o Brigadeiro disse assim: "Se a Panair não quiser, não se faz". Eu digo: "Mas...", não fui eu quem disse, mas, quem tinha que dizer, disse: "Mas isso aqui há o perigo de voltar a Epidemia do Gâmbia, gasta-se (?) rios de dinheiro, né, e, e afinal de contas, são, foram os americanos que fizeram isso". E ele disse: "Se os americanos não quiserem, não dedetiza". Como os americanos eram mais inteligentes que ele, (ri) e reconheceram que era...

CF - Que era importante.

WH - (??)

AC - ...que era importante, passaram a... (pigarro)passaram a fazer. Isso era tudo que havia de mais retrógrado e, era, era um conservador.

WH - E nas eleições seguintes, o sr. votou no, no Getúlio, de novo, pra volta do Getúlio?

AC - Eu... olha, (ri) isso se apagou da minha memória.

WH - Porque eu queria lhe perguntar, Dr. Almir, quer dizer, nessa época, quando Getúlio cai, tem Assembléia Constituinte e aí começa a se falar novamente, em criação de um Ministério da Saúde, separar o Ministério da Saúde do Ministério da Educação...

AC - Nesse tempo, não estava separado ainda não.

CF - Ainda não.

WH - Não, nesse tempo era Ministério da Educação e Saúde.

AC - Saúde.

WH - O sr. acompanhou ou soube dos debates na Câmara, sobre todo esse processo de criação...?

AC - Sabia, certamente sabia, mas ... isso em que ano foi?

WH - Olha, isso começou em 46.

CF - 45,46.

WH - Quer dizer...

AC - 45, 46... Ah, ... quando, quer dizer, o Mariane(?) foi Ministro da... da Saúde, não foi da Educação?

WH - O Mariano era Ministro da Educação e Saúde.

CF - Ainda tava junto, pois é.

AC - Da Educação e Saúde. Quem foi o primeiro?

WH - Não. O que eu quero dizer é o seguinte, o... o... o debate pra a criação do Ministério da Saúde, começa em 46, mas o Ministério só é criado mesmo em 53. ... Quer dizer, tanto que o 1º Ministro é o Miguel Couto Filho em 54 já, né? Quer dizer, mas houve todo um processo, que começou com a Assembléia Constituinte na Câmara, né? Teve... Enfim...

AC - Nós evidentemente, nós, nós éramos pela criação de um Ministério da Saúde, né? Todos nós...

WH - Quer dizer, o pessoal do Departamento Nacional de Saúde..., dos Serviços...

AC - É, todos nós, porque era o Ministério era, não tinha o que misturar com Educação, portanto seria, seria mais à nossa é..., uma questão de nós podermos influir. Nós éramos partidários, né?

WH - Quer dizer, toda a área, todos os sanitaristas, na época eram a favor?

AC - Claro, claro... Agora a... a desgraça foi o Miguel Couto que era um idiota completo.

WH - Porque, Dr. Almir, nessa época, inclusive, tem um outro projeto, até eu queria lhe perguntar se o sr. sabe, tem idéia de onde surgiu, que é o projeto de se criar um, um Ministério da Previdência e Saúde Pública. Quer dizer, juntaria a Assistência Social da, da, da, que tava no Ministério do Trabalho e a Saúde Pública, pra formar um Ministério só. O sr. chegou a acompanhar essa proposta?

AC - Não, não. Não cheguei. Porque o Ministério... da Previdência já era um Ministério? Não?

CF - Não. Era...

WH - Não. O Ministério do Trabalho...

AC - ...Trabalho que tinha a Previdência.

WH - ...que tinha a Previdência. Bom. Houve uma reforma administrativa, houve já na época do Vargas, né? O Vargas propõe uma reforma administrativa...

AC - Não, e a questão da Previdência é toda do Vargas.

WH - É, pois é.

AC - Quem fez isso pro povo, foi Vargas. Vargas, a... a 2a. fase dele foi notável. (ri) Né?

WH - É verdade. Mas tinha um projeto de se criar um Ministério da Previdência e Saúde Pública. Seria Assistência e Saúde.

AC - É. É possível. Isso aí não...não me lembro, nem, nem creio que tenha sido muito viabilizável, então.

WH - Os políticos queriam, o Afonso Arinos, o Aramís de Athayde...

AC - Quem?

WH - Aramís de Athayde.

AC - Aramís? (ri) Eu tinha até esquecido desse. A... a idéia que eu tinha era Aramís de Matos.

WH - Não. Era Aramís de Athayde.

AC - É. Tem alguma coisa a ver com Austregésilo de Athayde, essas coisas?

WH - Não sei. ... Não sei. Mas ele foi Ministro também, em 55.

AC - Hum...

WH - Ministro da Saúde.

AC - Foi Ministro de que, da Saúde?

WH - Da Saúde.

AC - O Aramís?

WH - É.

AC - Esse nome não me é estranho não. Mas eu acho que eu já tava fora de...

WH - É o sr. já tava...

CF - É o sr. já tava, em 55 o sr. já tinha ido pra, pro Aplicação.

WH - Porque o debate que acontece na época, Dr. Almir, que uma..., eu queria até lhe perguntar..., enfim, ver como é que o sr. pensa essa questão, (ele ri) é a questão da Saúde ... Urbana, né. Por isso que eu falei da Previdência, né, quer dizer, os sanitaristas na época, achavam que a Saúde é... Urbana teria que ser feita pela Previdência Social, que fazia uma medicina curativa, que tinha uma rede de hospitais, que... E a Saúde Rural é que devia ser feita pelo Ministério da Saúde.

AC - Ah, mas acho que isso não tem..., i... isso pra mim não teria significação nenhuma. Porque é uma coisa que é, são os problemas urbanos, outras coisas os problemas rurais. E o Ministério da Saúde deve estar capacitado pra tratar dos dois. Não deve multiplicar Ministério, não se deve.

WH - Tá. É, mas é comum. Pois o Miguel Couto defendia essa idéia que a Saúde Pública tinha que trabalhar basi...

AC - Mas o Miguel Couto era débil-mental.

WH - Era débil-mental. (ri)

AC - É...é..., rival do..., rival do... Itamar. Rival do Itamar. (risos)

WH - Pra ver quem era o mais imbecil?

CF - (??)

AC - ...(??) o mais imbecil.

WH - Porque o sr. nessa época também, quer dizer, em 45, né? O sr. é membro da Comissão, que por designação do Ministro Capanema, elabora o Projeto de Códigos Sanitários?

AC - Sim. Fizemos isso.

WH - O que era, esse Código Sani...? O sr. podia falar um pouco sobre isso?

AC - Não..., olha aqui eu não posso falar porque de...nesse momento..., eu... em primeiro lugar eu, eu não tenho projeto. Entende? E... não tenho.

WH - Mas qual era a idéia de se, de se elaborar um Projeto de Código Sanitário? Porque o Chagas já tinha feito um, né, era reatualizar...?

AC - É. Era fazer uma coisa reatualizada. Né? Mas...eu... eu não sei se isso chegou... Me lembro de reuniões no Ministério aqui, mas não me lembro se isso chegou a...ao fim.

WH - Se foi aprovada? Porque ele passou na Câmara, eu acompanhei... vários anos...

AC - Então...então, então nós fizemos isso. (risos)

WH - ...O Código Sanitário.

AC - Eu, eu colaborei, colaborei nisso(ri). Agora, realmente, eu...

WH - E havia algum debate acirrado...em torno dessa questão do, do...Sanitária...?

AC - Não, não... eu não me lembro realmente disso, porque..., já tava fazendo outras coisas também, né? Qual... que ano era isso?

WH - Isso era 45, o sr. era do Serviço Nacional de Peste.

AC - Ainda, é.

WH - O sr. também nesse contexto, foi membro da Comissão designada pelo Ministro Antônio Balbino, pra regulamentar o Ministério da Saúde..., em 53... O sr. fez parte dessa Comissão. Também não teve problema nessa Comissão?

AC - Não. Não. Isso eram coisas que nós fazíamos, um pouco sabendo que eram, eram pra inglês ver. Então, tudo isso era o melhor que se podia(?).

WH - Como assim, pra inglês ver, Dr. Almir?

AC - Pra inglês ver, quer dizer, porque é uma coisa que não ia ser posta em...

WH - Não, mas a Regulamentação do Ministério da Saúde foi feita, porque...foi aprovado. O Ministério da Saúde foi aprovado em 5..., em julho de 53.

AC - Pois é, mas isso era uma coisa assim de fazer uma exposição mostrando a... o que caberia a esse Ministério. Não é? Uma vez que é separado. E Educação e Saúde, eu não sei porque que, se isso a... é, é coisa que se faça em outros países etc. Não sei bem porque começou assim. E...e num determinado momento teria que separar, não é?

WH - Quer dizer, a Saúde, a Saúde perdia verbas, perdia recursos, estando sozinha?

AC - Não...a... haveria uma coisa primeiro, um desdobramento, uma...uma, equitativo daquilo que já era. Porque tudo isso tá...tá...tá... Quando havia Educação e Saúde, havia verba da Saúde e a verba da Educação. Então já tinham uma coisa pra poder...continuando e aí cada um ia lutar pelas suas verbas. (pigarro)

WH - Claro. E o sr. acha que a criação do Ministério da Saúde, deu mais prestígio à Saúde realmente?

AC - É claro que deu. Não tenho a menor noção(?), não tenho a menor dúvida que sim.

WH - Porque o que é normal, também nessa época, Dr. Almir, é... é o sr. ver discursos de sanitaristas,

né, falando sobre a situação calamitosa da Saúde Pública no país, né? Em 50 já, né? Com as estatísticas de morbidade altíssimas, né, doenças... Eu sempre fico pensando, bom, foram anos, né, desde o Carlos Chagas, o... o Serviço de...

AC - Mas a questão é que as, as estatísticas de, daquilo que a Saúde Pública pode ... nos problemas em que ela pode agir eficazmente... Esses não, esses não...não..., esses todos diminuíram tremendamente. Todas essas doenças tem, a...a..., não só ao atingimento das pessoas pela doença como óbitos, diminuíram maciçamente, né? As doenças deixaram, passaram a ser en...endêmicas, assim mesmo, e... e muito pouco, muito pouco existentes. Não é? De modo que...

WH - Quer dizer, o avanço maior que o sr. vê nessa época, desde o..., a época do Carlos Chagas mesmo, né? Até a década de 50. Eu queria que o sr. pegasse e fizesse uma espécie de apanhado histórico da Saúde.

AC - Não...eu acho que, que essas coisas todas é são...os, as coisas de doenças infecciosas e etc, é uma coisa que o resultado se vê logo. E não tem dúvida que o estado, o país melhorou muito. Hoje a pessoa não, não tem medo de ir pra um lugar, porque aí vai...vai pegar febre amarela (ri) ou, ou malária, né? De modo que a...

WH - Quer dizer, as doenças endêmicas, epidêmicas foram mais ou menos, controladas?

AC - Sim, controladas. (??)

WH - E como era a idéia de Postos de Saúde..., de...

AC - Não, os Postos de Saúde não são só pra isso, essa medicina preventiva. É aonde vai a mãe gestante pra ter, ter instrução sobre o que deve fazer durante a coisa, até chegar a hora do parto, não é? O acompanhamento depois das crianças que vão pros Centros de...

WH - De Saúde Materno-Infantil, né?

AC - ...de Puericultura. É. É, tudo isso.

WH - E toda essa parte, o sr. acha que ...é..., não vou dizer que foi bem sucedida, mas teve, teve andamento nesses quinze anos?

AC - Eu acho... eu acho que tem, porque tudo também depende da tudo também depende da economia. O país não pode progredir loucamente, em...Globosat e tal, sem... sem que as coisas todas também, também melhorem, não é? De modo que, isso tudo contribuiu pra, pra um estado hoje que não... Há quanto tempo você não ouve falar na, na epidemia de uma coisa qualquer? (ri) Talvez nunca tenha ouvido.

WH - É, bom, agora tem o dengue, né?

AC - Bom, bom é porque agora a... a indignância e a... a incompetência é tal, que voltamos a ter doenças do século passado. É... o...

WH - Cólera.

AC - O cólera, né. Que é uma coisa de... mais loucas, né? E isso é que, isso é que é o ... a dificuldade.

CF - Mas o sr. acha, Dr. Almir, que, que houve efetivamente um progresso durante esse período na área da Saúde, voltado para a medicina preventiva? Dentro daqueles moldes, que até o sr. falou na outra entrevista que o Carlos Chagas foi um precursor, que com o Carlos Chagas se começou a mudar a visão da Saúde Pública voltada pra...

AC - Não...Sim... é... Não, eu acho que houve, que não tenho dúvida que houve, houve um...diminuiu(?) muito bem. A, vamos dizer, a classe média baixa hoje, já sabe que é importante ir pros Centros de Saúde e ter, e ter um aconselhamento e etc, etc, etc. Agora, tem gente que não pode, porque não...não...não pode sair de casa, porque tem que trabalhar em casa, fazer coisas e etc, etc. E... isso é que é a miséria do povo brasileiro, que, que hoje assume proporções terríveis, né? Nós temos o exemplo do Rio de Janeiro que, que é um lugar que é difícil de viver, né?

WH - É verdade. Inclusive nessa época o sr. foi membro, eu queria conversar sobre isso, membro da Comissão de Bem Estar Social...

AC - Social. Isso foi uma...no Trabalho.

WH - ...no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

AC - É, isso foi uma coisa criada..., quem foi que criou isso, meu Deus? ... Isso tem Gilson Amado no meio, eu acho.

WH - Gil...Gilson Amado?

AC - Gilson Amado, é. É (??)... (ri) Gilson...meu Deus do céu! Ele estremece no túmulo, (??) ...perguntando quem é Gilson Amado. Gilson Amado tinha programas célebres de, de rádio e de televisão e tudo. Era, era um homem muito inteligente, era...

CF - Ele morreu Diretor da TV Educativa, né? Ele era...

AC - É. Eles eram, eles eram todos da família Amado, que era uma família sergipana, que tinha assim, dez ou doze filhos e filhas e etc. E o Gilson era colega dessa turma brilhante toda do CAJU, do...do...do você já ouviu falar no CAJU? ... Então, olha aqui. Vocês compreem o livro de Mário Vieira de Melo...

WH - Mário Vieira de Melo?

AC - ...É, que é um filósofo, é um, é um rapaz da nossa... meu colega de colégio desde o Santo Inácio, chamado SS...é... "Nietsche, o Sócrates dos Nossos Tempos". Bom. Neste...(ri), nesta coisa ele me pediu pra fazer..., eu digo: "Introdução eu não vou fazer porque eu não... nem, nem Nietzch

é muito Santo da minha devoção, como também eu...não...não tenho..., não tenho maior interesse pra... pra fazer, nem...nem...nem poderia fazer uma coisa de introdução ao livro." E ele disse: "Não, eu queria que você dissesse, fizesse uma coisa sobre o que era o interesse da mocidade acadêmica, dos estudantes nesse tempo, nesse tempo em que nós todos nós formamos". Quer dizer, eu era muito amigo do pessoal da Escola de Direito, eu vivia ali no Catete e tal, eu, o Tito Leme Lopes, o Carlos Chagas, Álvaro Vieira Pinto, figura fabulosa, não é? E... e então eu fiz um negocinho, que já saiu até bom, mostrando o que era, o que eram os interesses da... da, da juventude acadêmica ... no nosso tempo. E ele gostou muito e, e aí você vai ver o que é a história do CAJU. O CAJU era um Grêmio, ...uma coisa... *sui generis* que havia na Faculdade de Direito, em que era uma espécie de academia em que as pessoas, ...era...era um período que tinha ases...de pessoas, tinha o Otávio de Faria, tinha o Santiago Dantas, tinha Gilson Amado, tinha ah...tinha Martim Moreira(?). Tinha, tinha um grupo de dez, quinze pessoas, assim de, de, de alta categoria, né? Hélio Viana e era, era uma espécie de academia, cujos rapazes nos primeiros anos, etc, faziam a tese e apresentavam e então era aprovada ou não. Aí ele ficava na..., tinha Vinícius, tinha... os três Vinícius, ah...Zarthur (?) Moreira, e que eram os três mosqueteiros e... e o Renato... Renato...Guimarães. Bom. Então essas pessoas a... eles apresentavam a tese, a tese era julgada em público, não é? E então a pessoa era admitida ou não era admitida. Isso chamava-se Centro Acadêmico Jurídico Universitário. Era CAJU. Chermont de Miranda também era. E, e isso aí e... era uma coisa muito séria mesmo porque, eram é... havia duas lideranças que era o Otávio de Faria e o Santiago Dantas que sempre foram assim um pouco rivais e...

Fita 6 - Lado B

WH - O sr. dizia que a idéia de formar essa Comissão no Ministério da Indústria e Comércio foi..., era do Gilberto Amado, né?

CF - Gilson Amado.

AC - Gilson. (pigarro)

WH - Gilson Amado, que foi desse ..., do CAJU.

AC - É, que foi do CAJU. Era dele, eu me lembro disso com ele, ele tinha qualquer posto, qualquer cargo muito importante.

WH - No Ministério do Trabalho?

AC - É, é.

WH - O Ministro na época era, era o João Goulart?

CF - O Ministro do Trabalho era, era o João Goulart.

WH - Quando vocês fize...?

AC - Nesse tempo?

WH - É.

AC - Era, era o João Goulart?

WH - Quando funcionou a Sub-Comissão, eram vocês, era o João Goulart?

AC - Não me lembro. Ministério do Trabalho.

WH - O sr. era coordenador, né, Dr. Almir, dessa Sub-Comissão de Saúde, né, da Comissão de Bem Estar Social? Se lembra dos trabalhos dessa Comissão?

AC - Me lembro muito do trabalho era no... aquele Ministério ali. Me lembro muito.

WH - Pode contar pra gente como é que era?

AC - Hum... Porque são coisas que já se vão esvaindo no tempo e também não...não é, não é uma coisa que tenha durado muito.

WH - Ah, mas a gente quer saber por isso, é que a gente dá pouca importância a esses pequenos fatos e eles são muito importantes.

AC - Pois é, mas isso são, são coisas um pouco que, que se apagam também. Você toma muita, você toma muita parte, participa muito naquele momento que está fazendo e depois as coisas vão, vão (ri) voltando pros seus lugares e acaba-se não..., e acaba não dando em nada. Entendeu?

WH - É porque essa era uma época também do desenvolvimentismo, né? Da euforia?

AC - Era, era, era. Também do desenvolvimentismo.

WH - E vocês enfocavam a questão da Saúde pelo lado de desenvolvimentismo, né? Quer dizer, (??)...

AC - Eu acho que todo mundo era desenvolvimentista naquele tempo, né? Porque nós queríamos sair (ri) de, de estado de colônia, de, de... um estado colonial pra ir, pra um estado mais..., vamos dizer, independente. E o Getúlio foi realmente uma possibilidade. O Jango, infelizmente, o Jango não, teve bons assessores, o Darcy, por exemplo, mas ele não tinha..., vamos dizer, intelecto e, e força mesmo pra levar uma coisa adiante. ... Ele era um, ele era um homem limitado.

WH - É, nessa época ele era Ministro do Trabalho do Getúlio, ainda.

AC - É. Ele era pupilo do Getúlio.

WH - Isso.

AC - Acho que era também de São Borja, né?

CF - É, é.

WH - Isso. Porque essa, essa Sub-Comissão tinha pessoas importantíssimas, né, Dr. Almir? Era o sr., era o Mário Pinotti, era o Manoel Ferreira, Tomás de Almeida, Glauco Pereira, Guerreiro Ramos, a Silvia Hasseman e o Mário Magalhães da Silveira.

AC - É, mas (ri), mas não iam, não iam todos não, era raro, era raro. (risos)

WH - E quem é que trabalhava mesmo?

AC - Olha aqui, é... vamos dizer, as pessoas que em geral é...tomam iniciativas, eh... até que se enjoem da coisa. Não é? Era o Guerreiro Ramos, que tinha muita, muito contato, ele gostava muito de mim e do Mário Magalhães. O Mário Magalhães porque ele era da Fundação Getúlio Vargas, o Guerreiro Ramos, era um homem muito inteligente, um simulacro(?) assim, muito inteligente. Era o Guerreiro Ramos, é...o... Mário Magalhães, eu, a Silvia Hasseman não tinha muitas idéias próprias, mas, mas era uma pessoa nossa, né? E... era esse, essas pessoas que tomavam iniciativas... ..

CF - Me desculpe, dá licença.

AC - Dessa Comissão de Bem Estar Social... isso não demorou muito.

WH - Nessa Comissão, das pessoas que...participavam, né?

AC - É, é. Não...não... Também não vingou.

WH - Mas, olha, eu vou lhe dizer a verdade, eu li um, um relatório que o sr. fez junto com esse grupo, né? E tinham ali coisas que eram inovadoras num certo sentido e que só depois na década de 60 é que foram...

AC - Como o que, por exemplo?

WH - Como o que, por exemplo? Vou lhe dizer, é... a questão do, de pensar a Saúde como um reflexo do padrão de vida, a crítica à falta de saneamento e importação de programas americanos..., né? Quer dizer, são coisas que depois, o próprio Mário Magalhães e Gentili (?) de Melo, vão...vão expressar com mais...

AC - Hum...hum.... É, isso, isso era um pouco...é... (ri)isso era do nosso programa de, de não aceitar tutelas de, de países que, que não se..., que ficam gastando dinheiro à toa. Sabe?

WH - Sei.

AC - Na verdade era um pouco isso.

WH - Porque era...

AC - Era um pouco a opinião desse grupo dada, da Fundação Getúlio Vargas. (pigarro)

WH - Sei.

AC - O Guerreiro, tudo isso. O Guerreiro era mui...

WH - Nacionalista mesmo?

AC - ...muito importante nacionalista. (barulho de trânsito)

WH - E o sr. também era nacionalista?

AC - Eu?! É claro que era. E sou. (ri) Sou nacionalista, anti-privatista, todo, todos esses tipos de coisas, assim.

CF - Como é que esse grupo, Dr. Almir, via na época, em função dessas críticas, né, via na época o trabalho da Fundação SESP. Que era um trabalho que seguia bem um modelo americano. Né? E...

AC - Não...não, o trabalho era bom. O trabalho era bom.

CF - Mas que foi criticado também por algumas pessoas...

AC - Não, porque...colonialismo e tal, né?

CF - E porque era a importação de um modelo, que era um modelo que foi, foi elaborado para ser aplicado nos Estados Unidos e estava sendo aplicado num país que tinha outra situação econômica...

AC - É..., mas não era no país todo. O SESP era Amazônia.

CF - É, mas depois ele vai se expandir, né? O próprio Mário Magalhães vai fazer uma série de críticas, que acha que o modelo do SESP não era um modelo adequado à realidade brasileira...

AC - Porque isso, o SESP era um pouco de imperialismo, né? No caso, né? Então, pra... como eles estavam dando dinheiro para a Amazônia, a coisa era tolerável. Pra...pro resto não, porque significaria a... .., pouco a pouco vai tomando conta das coisas, não é? E...e... você sabe como é, não é?

CF - Hum hum.

WH - E os srs. eram, eram, eram, de esquerda, né? O sr. mesmo falou, né?...

AC - Sim, sim, sim...é.

WH - ...Que era um grupo de esquerda, nacionalista, né? Os srs. eram vistos como, como comunistas, já nessa época?

AC - Ham?

WH - Os Srs. eram vistos como se fossem comunistas, nessa época?

AC - Não...não propriamente. Bom, os que tinham sido comunistas, evidentemente eram, né?

WH - É. Claro. (ri)

AC - Agora, as pessoas que não tinham sido comunistas. Que...eu acho que o perigo de ser comunista foi muito pouco, (ri) foi muito breve na minha vida. Né?

WH - O sr. chegou a ser filiado ao Partido?

AC - Não. Nunca, meu Deus do céu! E grande parte dessas pessoas não eram do Partido, que eram mesmo, se diziam comunistas, não eram do Partido. Partido foi Barrero(?) Conde... Não é?

WH - Alcedo(?) Coutinho, o sr. conheceu o Alcedo Coutinho?

AC - Alcedo Coutinho era um pernambucano, né? Um pernambucano. Esse, esse era também de esquerda, né?

WH - É. Do PC.

AC - É, mas também não foi pessoa que teve é..., saiu cedo do mapa.

WH - É, ele não teve...

AC - Não.

WH - Ele chegou a fazer um discurso na Câmara, na Constituinte, sobre a situação da Saúde no país, a calamidade que era...

AC - É... isso aí, eu tenho impressão que não, não são coisas muito importantes. Não é? Eram coisas assim ocasionais pra aproveitar um momento pra dizermos outras coisas.

WH - Claro. Mas o sr. não teve problema por ser de esquerda, não?

AC - Não. Nunca tive problema nenhum por ser de esquerda.

WH - Quer dizer, estar próximo de pessoas que teriam sido, ou...?

AC - Não...não...nunca, nunca notei, nunca deixaram de me convidar pra coisa, por causa disso, né?

WH - É, e eu acho que a gente podia...

CF - Dar uma pausa...

Data: 10/02/1994

Fita 7 - Lado A

WH - Bom, Dr. Almir, a gente tava aqui conversando sobre já o seu começo, o momento que o sr. começa a participar nos encontros internacionais, que o sr. começa a viajar como Sanitarista. O sr. tava nos dizendo que tinham duas entidades importantes..., né?

AC - Pois não. A primeira vez foi...ah...ah, eu fui um dos Delegados do Brasil, na criação da 1a. Assembléia do, a Organização Mundial de Saúde, O.M.S., em Genebra e eu fui um dos três representantes do Brasil.

WH - Quem eram os seus colegas?

AC - Meus colegas eram a..., é... ..., por ordem de, vamos dizer de importância e de...de..., vamos dizer, experiência, em 1º lugar tinha o Paula Souza, tinha o Paula Souza (ruídos) que era o Chefe da Delegação, tinha o Numeral(?) Ferreira e eu. Bom. Então foi a primeira vez que participei de uma, de uma...recém criada, que nem sede ainda tinha, funcionava na, no (??) que era em Genebra, o... a Sede das Nações Unidas. Esta então, foi a minha primeira, vamos dizer, participação em, em organismos, reuniões de organismos, é... de Saúde, vamos dizer, de caráter abrangente, quer dizer, tinha uma..., Organização Mundial, né? E... e em outros mais restritos como o...o... .. Como é o nome?

CF - Conferência Sanitária Panamericana, que o sr. tá querendo lembrar? Que é alguma, coisa que o sr. ...

AC - No Bureau Panamericano de Saúde, Panamerican Sanitary Bureau, que era em Washington. Que também, logo depois, eu fui, como é, eu comecei a, a ir como um repre..., um, um rep ..., um, um Delegado, um representante ou outros.

WH - E o sr. poderia nos dizer, Dr. Almir, qual era a participação dos brasileiros nessas reuniões? Ou seja, qual, qual era a especificidade, a coisa particular que os brasileiros e sanitaristas brasileiros levavam pra essas discussões?

AC - Bom. Havia uma agenda.

WH - Sim.

AC - Nesse programa não era uma coisa propriamente de se levar trabalhos. Eram discussões já preparadas pela própria Organização, de temas é a serem..., a serem..., vamos dizer, detalhados etc, de...ah, cri...criação de determinadas, determinadas coisas. Pedidos que, que os países faziam. Né? E... esse tipo de coisas. Eram, eram org..., eram reuniões que, por exemplo, a Organização Mundial de Saúde, como, por outro lado, o lado da Educação na Unesco(?), a...as primeiras reuniões duravam quarenta dias. (ri)

WH - Por que? Todo mundo pedia muitas coisas?

AC - Não. Porque tinha agenda assim. Depois então foram...

WH - Comprimindo.

AC - ...comprimindo um pouco e...no, no fim essas coisas se faziam assim (?).

WH - E o sr. se lembra quais eram os temas polêmicos, que causavam tanta discussão, na época...pra demorar quarenta dias?

AC - Não havia propriamente temas não. Ali era uma, era uma...um conjunto numa reunião, de pessoas da... da...do mesmo, do mesmo ofício. Quer dizer, eram...eram temas sobre as quais não havia, não havia divergências e tudo. E... eram coisas, é que se analisavam também é, pedidos de, de que, de auxílio e de ah..., vamos dizer, de aconselhamento técnico e etc. Que então eram julgados possíveis, não possíveis etc.

WH - Porque essa época, eu não sei se estou me confundindo, mas, essa época que o sr. participou, era...ah..., depois da II Guerra Mundial?

AC - 48?

WH - Pois é, logo depois da II Guerra Mundial.

AC - É, é.

WH - Não havia conflitos entre os países, não?

AC - Não...não...não. (ri) Esse ...(??), todo, pessoas...eram, estavam ali primeiro porque queriam, porque se não quisessem não...

WH - Não iriam.

AC - ...não iriam. Não é? Não.....não havia, esse tipo de coisa não, não havia não.

CF - E o Brasil reivindicava, o sr. lembra, a... ajudas pra que área especificamente, auxílio técnico?

AC - Não...não, mas...não, isso aí, não. Não eram propriamente reivindicações. Não é? Apresentava-se, apresentavam um projeto, uma coisa e ..., um pedido de..., isso, isso são pe... pe... pequenos detalhes que é muito difícil a... a pessoa sem material, etc, se lembrar. E... eram, eram coisas que se passavam, num clima muito agradável e demorava também, porque havia-se, havia...é... havia, tradução simultânea. Né? Essas traduções simultâneas, aliás era um capítulo interessante. Inicialmente, ah..., nas primeiras reuniões, a coisa se passava assim, uma pessoa chegava na tribuna, vamos dizer, um espanhol ou um italiano, e fazia uma e começava uma..., bem, dentro de quinze ou vinte minutos ele parava e aí um tradutor (ri) repetia aquilo de memória, que era uma coisa prodigiosa de se ver. Não é? Ele repetia, tinha um egípcio que repetia a coisa inteirinha,

perfeita. Depois começou a... a, nas reuniões posteriores e ma... mais adiante, já não se usava mais esse...esse, essa coisa, era tradução simultânea e com, com fones, (barulho de campainha) você ligava o fone se você queria francês ou inglês...

WH - Como é até hoje.

AC - E... e... e como é até hoje. Bom...

CF - Interessante.

AC - ...Então, essas reuniões, eu fui à duas ou três, de...de... da Mundial de Saúde. Bom, depois então, ah...a... das, dessa Panamerican Sanitary Bureau, eu também fui à várias. Não é? E...e...e..., depois eu fui de, eu fui peri...de Comissões de Peritos, que havia na Organização Mundial de Saúde, aí já era, tinha sua sede própria etc, etc. E então eu fiz parte (campainha) de vários desses, desses Comitês, ...de Peritos. *Experts Commites*(??) Bom. Então eram... .., tinha cinco ou seis pessoas que eram especialistas, no meu caso era em geral, em peste ou quarentena internacional ou esse tipo de problemas, de problemas transmissíveis que, que interessavam ao Brasil e no qual eu poderia ser considerado com um *expert*. Bom. N... nós muitas vezes levávamos, eu me lembro que levei uma vez um, pra... pra primeira especialista de...de, a primeira... *Experts Commites*. Isso, isso durava só assim oito, dez dias no máximo. Então iam pessoas de vários países etc. Eu me lembro muito que eu apresentei um trabalho sobre peste. Sobre classificação da... da peste, é... que devo até ter em casa esse trabalho. Eh...que era critérios, era uma coisa que eu tinha, que eu tinha concebido para, porque o diagnóstico, o... diagnóstico da peste em...em ...laboratório como num diagnóstico de tuberculose, por exemplo, ... nasciam(??)no estado, etc, não era assim em peste não, era muito mais difícil. Em peste você...você..., só mesmo a peste pneumônica assim que dá um escarro de, onde tem que é uma...uma...uma modalidade gravíssima, de que muito pouca gente escapa. Não é? E então eu fiz todo um esquema e, e me lembro de...desse trabalho que eu apresentei.

CF - É, pra facilitar sob o diagnóstico da peste ...(??)?

AC - Sim era um critério para fazer diagnóstico, às vezes era um diagnóstico de probabilidade. Não é? Não...não havia propriamente uma...uma...um... diagnóstico, vamos dizer, como de outros, de outras doenças em que você pode fazer com...com mais segurança.

CF - E aí o sr. apresentava esse trabalho é, pra um grupo de pessoas que também trabalhavam exatamente com a mesma coisa? Quer dizer, na área de peste...?

AC - Não...não apresentava o meu trabalho...É. Sim, era o Comitê de...eram..., era o *Expert Commites*, era um Comitê de peritos naquela doença. Eu fui dele.

CF - Pois é, esse...esses Comitês eram agrupados de acordo com a doença, com o tema, quer dizer...?

AC - Sim, eram, eram...eh..., tinha "n" Organização Mundial da Saúde, eu eh...tra... trabalhei e cooperei em várias dessas reuniões sobre peste, sobre quarentena internacional, ...deixa eu ver se tinha...alguma outra... .. Até...até foi uma também, no Uruguai sobre...sobre Estatísticas,

Estatísticas de...em Saúde Pública. Foi a última, foi logo que eu entrei pra aqui. Deve ser em 67 ou...

CF - Hum hum. É, porque o sr. tinha experiência também nisso, né?

AC - Não. Quem...quem tinha sido convidado...

CF - Estatística?

AC - ...quem tinha sido convidado, era o Cândido. O Cândido nem podia ir nem se interessava muito por esse, esse tipo de coisa, e... e... e... colocou..., pediu pra ir, e fez lá com que, com que me aceitassem como, como re..., como se em vez dele que não, que estava impedido...

CF - Como representante, né?

AC - É. Deixa eu ver... (baixinho)

CF - Dr. Almir, deixa eu lhe perguntar uma coisa, em 1946, o sr. participou de uma Conferência Sanitária Panamericana em Caracas. O sr. foi relator de um tema sobre a Organização dos Serviços Sanitários. O sr. lembra um pouco das discussões dessa época, o que se discutiu sobre os Serviços..., sobre a Organização dos Serviços nessa Conferência...? É muito difícil? (??)

AC - Não...não... (ri). I... isso já isso..., já é uma coisa saber. Não é? Quando foi aqui..., quando foi isso?

CF - Em 1946.

AC - Foi...foi uma das primeiras reuniões que eu...

CF - Foi.

AC - ...que eu, que eu fui. 46.

CF - O sr. foi relator ... de um tema.

AC - É, foi... Me lembro tanto... Foi...foi em Caracas. Eu acho que foi a primeira coisa assim... externo ... que eu, que eu fui. (ruídos de papel e do gravador) isso foi uma experiência muito interessante. Eu levei, eu levei um trabalho

CF - O sr. lembra um pouco como é que foi? O sr. foi ...

AC - O trabalho?

CF - Não. As pes...como é que foi a Conferência, as discussões?

AC - Não, não.

CF - O sr. era o único representante brasileiro ou tinham outras pessoas?

AC - Eu...não posso dizer isso.

CF - Faz muito tempo, né?

WH - Mas o sr. apresentou um trabalho lá, né? Que trabalho o sr. apresentou?

AC - Eu apresentei este trabalho.

WH - Organização dos Serviços...

AC - Mas eu fui relator de um tema.

CF - Isso.

AC - Isso é um trabalho escrito. Organização dos Serviços Sanitários. Não é?

WH - Mas o sr. condensou as discussões de um grupo, não era isso não? O sr. tá...

AC - Não! Eu levei esse trabalho pro...para, para a reunião. Entendeu?

WH - E as pessoas discutiram...

AC - Mas a pessoa já sabia de antemão, quem seria relator de um tema. Eu fui pra ser relator desse tema.

WH - Sei. E esse tema reunia outros ... sanitaristas que iam discutir...?

AC - Não. Não tinha ... não reunia outros sanitaristas. As pessoas que quisessem fazer comentários e discutir, etc, discutiriam na hora. Era uma coisa sobre a... a... a Organização dos Serviços Sanitários, então, naturalmente nessa ocasião, eu, eu apresentei várias modalidades, a... Organização dos Serviços aqui e etc. E aí havia comentários, havia...

WH - É, porque, normalmente, Dr. Almir, é aí é um...uma questão de interpretação, quando a gente fala hoje que uma pessoa é relatora é porque se reuniu um grupo, discutiu uma questão e ficou um encarregado de fazer um...

AC - Não, mas não é propriamente assim. Ne...nessas reuniões internacionais há temas.

WH - Sei.

AC - Bom. Então, um...um desses temas era esse. Esse tema..., cadê... ...? Um desses temas..., você convida um relator pra um tema e o sujeito aceita ou não aceita, etc etc. Então é isso. Eu fui convidado para, para falar...

WH - Sobre...Organização...

AC - ...apresentar um trabalho sobre isso. E apresentei então, um trabalho sobre isso que era discutido, visto, etc.

WH - E o sr. apresentou alguma proposta de Organização de Serviço nesse trabalho?

AC - Não, eu apresentei um...um trabalho sobre isto.

WH - Dr. Almir, preste atenção, nesse trabalho o sr. discutiu...

AC - Não...é, mas...olha, eu não me lembro exatamente...

WH - Ah, o sr. não se lembra. Ótimo(?).

AC - ...desse trabalho. Agora, o nome já diz, Organização dos Serviços Sanitários.

WH - Sei. Eu queria saber o conteúdo do trabalho. O que vocês discutiam no trabalho...

AC - Sim, era isto Organização...agora, cer... certamente eu discuti várias maneiras de fazer, de organizar os Serviços Sanitários. Entende?

WH - Sei.

AC - E... não... dependendo também do país, dependendo do país, se é um país interno, se é um país que tem portos, tem isso, tem aquilo, portanto tem tais e tais outros perigos. Isso era uma coisa óbvia. Agora, o tema era esse, isso é que eu defendi lá. Es...esse, apresentei esse tema que foi discutido e etc. E, e todas as coisas, por exemplo, as...as seções da Organização Mundial de Saúde, a... essa dos..., do Sani..., Panamerican Sanitary Bureau etc. Todas elas tinham uma, tinham uma agenda em que as pessoas podiam ou não ser relatoras e podiam simplesmente participar sem ser relator.

CF - É, deixa eu lhe perguntar uma coisa então, Dr. Almir. É... dentro desse...desse, dessa questão sobre Organização dos Serviços Sanitários, o sr. e... era a favor do, de um Serviço descentralizado, né? Na época que o sr. foi Diretor do Serviço Nacional de Peste, inclusive o sr. tinha, montou uma estrutura que funcionava de uma forma descentralizada, né? O sr. a...a...a...a...

AC - Sei, mas..., mas...isso...

CF - Eu queria que o sr. falasse um pouquinho sobre isso, quer dizer, ...

AC - Mas, mas isso...

CF - ...o sr. acha, o sr. acha que pra, na época pra, pra a situação em que, que se encontrava a Saúde Pública no Brasil, era importante se ter um Serviço descentralizado ou seria, teria funcionado...

AC - Mas o que que você chama de Serviço descentralizado?

CF - Um Serviço em que as... os...em, em vários municípios ou estado existe uma certa autonomia pra a execução daquele serviço.

AC - Não...não. Mas isso não é uma, um serviço descentralizado.

CF - O sr. diz uma centralização administrativa..., né?

AC - Não! Mas isso todo serviço é assim. Todo serviço...depende se é um serviço local, se é um serviço, é um serviço é... federal, serviço do...do país inteiro. E...é... aí evidentemente, tem que descentralizar. Isso, isso é uma coisa óbvia, isso não, isso não entra nunca...

CF - Mas as normas de funcionamento, a estrutura do serviço era...era...era dada pelo, pelo Governo Federal, né? Ela vinha de um nível central ...

AC - Mas porque o serviço todo era do Governo Federal.

CF - Hum hum.

AC - Eram os grandes serviços que no tempo, no tempo do Barros Barreto, ele estabeleceu. Agora, que depois, se depois é... havia uma idéia de passá-los para os estados e etc etc, isso é uma outra coisa. Até agora(?), em todas essas reuniões dessas Organizações estrangeiras, é... estrangeiras e, vamos dizer, das Américas ou Mundiais etc, etc, há...uma, há um grupo que faz a agenda toda e manda, você quando vai fazer, você já sabe o que é e se você foi solicitado a apresentar um tema...um trabalho sobre um tema, você leva aquele trabalho.

CF - Não, é porque eu queria aproveitar pra saber um pouco com é que, que que o sr. pensava sobre isso, independente dessa, desse tema, dessa...dessa participação dessa Conferência. Né? Porque essa é uma discussão, que até hoje, é uma discussão muito atual dentro da Saúde Pública, né? Ela, ela acompanha, né, ...

AC - A coisa..., mas eu não quero...eu não...não...

CF - ...as conjunturas políticas, tem gente que defende que o Serviço de Saúde Pública tem que ser descentralizado, que os municípios tem que ter autonomia, eu queria aproveitar a sua experiência nessa área pra saber o que o sr. pensa.

AC - Mas..., mas...isso...(ri). Não, mas aí depende isso aí, isso aí é uma coisa que não, que não é uma coisa técnica. Isso é um, é uma..., um problema que em cada lugar, se pode tomar uma boa decisão e completamente diferente de um lugar pra o outro. Dependendo dos recursos, dos lugares, etc. Se for uma pes...um...um..., vamos dizer, uma coisa mais ou menos homogênea como São Paulo, como Estado do Rio, você pode ter até serviços descentralizados. No...no..., é cada uma, cada um dentro, ...o município, que sem... sempre tem uma grande cidade em Campinas, né? Isso, isso aí é... independentes. Mas não é, isso não é uma, isso é uma coisa mais ou menos, mais ou menos lógica, e que depende do, do grau de adiantamento do lugar, país e etc. Em...em alguns, algumas

fases dessa, do meu trabalho, isso...isso...isso cabia até ao Governo Federal, em estados, os estados não tinham, não tinham ainda uma capacidade, uma organização suficiente pra isso e eles nos recebiam com muito, muito prazer, né, (barulho) ...essa parte.

CF - E o sr. acha que o Serviço Federal conseguia dar conta, acompanhar o Serviço num, num país inteiro, sendo o território brasileiro tão grande?

AC - Mas é que não...não...não, muito poucos, muito poucas doenças eram no país inteiro. O fato de ser nacional, preocupa, mas isso não, não importa em que ele, o Governo Federal, por exemplo, Serviço Nacional do Serviço de Tuberculose, ele não era responsável por nada...ninguém, consultórios e... e naquele tempo, pneumotórax fazer e... isso os estados é que faziam. Ele era suposto dar aportes, dar...dar aconselhamento, dar orientação a, a tudo que havia no Brasil sobre isso. Não é? Não é uma...um os, os estados eu acho que evidentemente sendo ciosos das suas prerrogativas, quando não têm meios ainda pra, pra organizar alguma coisa, ficam muito satisfeitos quando o Governo, o Governo Federal organiza, né?

WH - E nessas reuniões sobre... peste, a Comissão dos especialistas em peste, além de apresentar trabalho dos Srs. tinham..., grupo, né, até eu queria até que o sr. falasse das pessoas que participaram, quem eram os especialistas...

AC - (pigarro) Era uma espécie de, de, de...países...

WH - Que países tinham ...peste...na época?

AC - Países assim, evidentemente, a Índia, o Brasil, mas havia, eu me lembro muito, era, era o, o primeiro, o primeiro presidente dessas, de um, de um desses, era, eram coisas que duravam assim de oito a dez dias. Bom. Era um inglês, um inglês, até me... (ri), o que chocou um pouco, o inglês fazia assim e tinha uma tatuagem (risos) e era um médico, entende? Que, aqui, hoje, agora moças fazem e acham graça e etc, mas...

CF - Naquela época...

AC - Mas... Não. Parece que é uma coisa normal. Porque inglês ia muito fazer o Serviço Militar na Índia, nas Colônias, né? E parece que nesses lugares achavam graça em fazer isso (ri) e provavelmente iam, iam pra lugares assim é... menos, menos confessáveis. E tinha isso, eu tô citando isso como, como uma curiosidade, né?

WH - Mas os Srs. se reuniam e além de apresentar trabalhos tinham alguma..., por exemplo, criar um código internacional, Órgãos de Peste, coisas...

AC - Poderia, poderia se fosse o caso, mas não é. Poderia o que(?), evidentemente, nós tratarmos como toda doença infecciosa, toda doença, toda doença transmissível. Era, era... vamos dizer, a notificação dos casos, essa notificação dos casos que haviam de ser feitas pra todas autoridades. Não é? Inclusive, pra alertar a população no caso de uma doença epidêmica e também em..., provavelmente em...em... tipos de informações ou boletins que se mandava pra, pra a comunidade do, da Organização Mundial de Saúde.

WH – E, normalmente, a notificação era seguida pelos países, quer dizer, não havia reclamação em relação a isso?

AC - Nada. Não havia isso não.

WH - Porque o sr. também participou da... das reuniões sobre, da Comissão de Quarentena Internacional, né?

AC - É, sim. Mas essas duas, não sei, pelo menos essas duas.

WH - Também elaboravam normas dessa Comissão sobre a Quarentena, os tipos de doenças?

AC - Também. É... não...as pessoas em geral discutiam (pigarro) discutia-se o que se fazia no seu país. Não é? E então podiam ou não apresentar, apresentar trabalhos. Eu me lembro até que uma vez, eu estava em, eu estava nos Estados Unidos numa reunião, quando aí fui para essa Organização, e eu nem voltei ao Brasil. Fui direto da Europa, dos Estados Unidos para...Genebra pra essa...

WH - É, o sr. participou da primeira em 53..., a segunda reunião foi em 54, né? O sr. participou das duas, né?

AC - É, eu acho que foi, foram, foram várias.

WH - Teve várias outras?

AC - Ah sim, teve várias outras.

WH - O sr. participou de várias outras então?

AC - Sim, sim é..., mas...(ri) precisa ver isso aqui, evidentemente eu não. Segunda reunião.

WH - É, o sr. só cita duas, né? Mas...

AC - Não, se eu só cito duas, talvez não tenha havido outras.

WH - Agora, Dr. Almir, essas discussões sobre ..., ou seja, cada país, cada *expert* que ia apresentar o que se fazia no seu país em termos de quarentena era pra, visando é..., colocar um modelo mundial de quarentena?

AC - Não...não...era informar às pessoas.

WH - Não pretendia montar um esquema mundial de quarentena? Não tinha isso(?)?

AC - Não ...não...isso é uma coisa muito simples. (ri) Não tem muita matéria pra discussão. Não é? Ha...haveria matéria pra achar se uma doença devia ter quarentena ou não. Se uma doença não é

transmissível, não há condições de transmitir, não tem que haver. São mais ou menos óbvias(?).

WH - Agora, o sr. participou também, Dr. Almir, de um Seminário, esse eu queria conversar um pouco com o sr. que é o Seminário de Ensino de Medicina Preventiva...

AC - Onde é que está aqui?

WH - ...pra O. ... O.B.S....

AC - Onde é que está aqui?

WH - Não sei Dr. Almir.

AC - ...Foi um outro... todo esse, essas reuniões têm uma agenda, que você já vai sabendo qual é a agenda, se tem que levar trabalho leva e... pronto. Agora, é uma coisa muito difícil pra mim, me lembrar exatamente o que eu levei pra esse encontro e etc.

WH - Porque essa reunião, particularmente, Dr. Almir, é tida, a gente hoje estudando Saúde Pública, a história da Saúde Pública, a gente vê que essa reunião é tida como um marco importante pro ensino de Saúde Pública, não é? Quer dizer, onde os sanitaristas que estavam reunidos nessa reunião, questionaram muito o ensino que se fazia de Saúde Pública que se fazia na época e propuseram uma série de medidas que mudassem o ensino.

AC - E...eu me lembro muito que se fazia muitas coisas, de ir ver os serviços, como se faziam. Era...como ... começava a se usar DDT e outras, o...outras é...

WH - Técnicas novas, né?

AC - É... técnicas, etc. Enfim...

WH - Mas isso era sobre ensino de Medicina Preventiva, isso não era sobre técnicas e tecnologia e saúde? Né?... Isso era sobre ensino?

AC - É, eu tenho até impressão que levei um trabalho pra isso, mas não... ..

WH - Porque numa época inclusive que, é... a Medicina Social, a Medicina, né, começava a haver várias vertentes, era Medicina Social, era Medicina Preventiva...

AC - É, mas tudo isso é a mesma coisa.

WH - ...Saúde Pública...

AC - (ri) ...Tudo isso é a mesma coisa.

WH - O senhor acha?

AC - Claro que é! Medicina Preventiva é que tá vivo, é ver... não deixa de tomar...de ter as coisas. Como é que se faz isso? Mas que tem vacinas e coisas, você faz, tem que fazer uma educação, por mais que se dependa de acesso, de transmissores pras casas, você tem que ter casas blindadas, enfim... Uma coisa óbvia. N...num há propriamente discussão sobre...sobre...

WH - Porque a discussão, Dr. Almir, a gente lê nos relatórios, é uma discussão teórica, né? Quer dizer, era um momento em que a Saúde Pública começa a incorporar Ciências Sociais, então se discuti que não é só Saúde Pública, não é só curar o doente, mas é...é...saneamento geral, são as condições econômicas...

AC - ...Sim, mas é...é... exatamente isso, exatamente isso. Isso tudo é uma coisa, vamos dizer, que...que i... ia surgindo à proporção que se aceitava que, que as condições, as condições, vamos dizer, ...é... econômicas do país... Mas é uma coisa tão óbvia, mesmo naquele tempo...

WH - É, Dr. Almir, acho que é óbvio pro sr., mas na época que o sr. fez Saúde Pública, não era tão óbvio assim entre... os médicos... sanitaristas.

AC - Não. Não. Não. Era óbvio sim. Mas, então não seria óbvio pra todo mundo, que um país sem(?) recurso... Não tenha dúvida que era. Isso é uma coisa, um pouco de, de bater no molhado, sabe? Ba...bater no ..., pra repetir, fazer, etc. E também aqui, *out off records*, essas não um pouco de, de coisas que se fazem e que são do interesse das pessoas e...e... para haver intercâmbio e etc. Não, não... é... pode-se imaginar que muitas dessas reuniões tinham... não tinham maior utilidade pro progresso das coisas. Entende?

WH - É. O sr. chegou a conhecer Juansessa (?) Garcia, nessa reunião?

AC - Quem?

WH - Juansessa Garcia. É um médico, um médico americano. Não chegou a conhecer não?

AC - De que, que país?

WH - Juansessa Garcia...não me lembro se era chileno...

AC - Mas em que reunião foi isso aí?

WH - Nessa reunião de Medicina Preventiva, de Viña del Mar, no Chile. 1955.

AC - Não acho que eram... que foram, eram conhecidos sim, tinham sido colegas meus. Tinha Ernan Cursua(?).

WH - Ernan...

AC - Ernan Cursua.

WH - Cursua.

AC - Ernan Cursua era, era um nosso..., é foi meu colega em, em Baltimore, ... (??)...

WH - Na John Hopkins?

AC - É. Na John Hopkins. Era um rapaz... bem mais moço do que nós todos. (ri) Era até uma personagem folclórica muito bom.

WH - O sr. lembra dele e ri?

AC - Sem dúvida. Depois ele veio aqui. Houve, uma reunião que houve aqui, que a gente depois pode ver... quando foi, né? Ele veio (??) eu mexi (?) pra ele vir também. Veio o (?) um professor nosso muito importante também.

WH - Como?

AC - (??). Que era um dos nossos professores, muito inteligente. E...e...eu me refiro a isso, bota *out off records*. (ri) Tinha um negócio de um trabalho que nós tínhamos que apresentar, chamaremos de classe, em ...in loco(??). Eu, nós três, eu, o Candau, nós íamos a coisa, encapuchada(?) etc. Aí ele perguntou: "Você fez o trabalho?", eu digo: "Si, Si. Para (???????)"

Fita 7 - Lado B

(toda essa fita está com defeito, fazendo um zumbido e música ao fundo, vozes)

AC - Eu me lembro da Comissão de seleção dos filmes para efeito da, porque dadas as minhas relações, por exemplo... Ministério do Exterior. Não é? Então chamavam, sabiam que eu tinha sido ... pra isso. Felizmente aqui não está...(ri) que eu fui pessoa de cinema, antes, o meu primeiro interesse grande...foi cinema.

WH - Não diga? A gente não sabia.

AC - Foi cinema. Mas, então isso, fora da, fora da... dos *records*. E...eu, nós fomos um grupo de quatro pessoas, eu tinha dezessete anos, quer dizer, uma aventura de um garoto, né? Porque eu entrei pra Faculdade de Medicina, eu fiz quinze anos, entrei, dez dias depois entrei pra Faculdade. Bom. E então nós tínhamos mania de cinema, gostávamos muito de cinema, etc etc. Então, alguns anos, dois ou três anos depois, nós fizemos um Clube, quatro pessoas: Otávio de Faria, eu, Plínio Sussekind(?) Rocha, que nesse tempo era estudante de engenharia que depois foi professor eminente na Faculdade de Filosofia e Cláudio Vieira de Melo...Cláudio...Cláudio Melo...Cláudio Ferreira de Melo, que era um, um colega meu. Então, nós quatro, fizemos um Clube, que não era de...de Fã Clube, nem nada dessas coisas, era um Clube pra estudos de Cinema. O estudo de cinema, a origem do cinema, a coisa...a evolução do cinema, etc. E... e editamos uma revista que chamava-se "O Fã".

WH - "O Fã"?

AC - "O Fã". Saiu sete números.

WH - Olha só!

AC - Saíram sete números! Era primeiro, um jornalzinho desse feitio de jornal pequeno, assim, (ri)botava na banca e custava 800 réis.

WH - E vendia?

AC - Pouquíssimo! (risos) Vendia...talvez tenha vendido dez(?), porque, aí nós...eu me lembro...cheguei no jornaleiro e perguntei: "Tem, tem aí O Fã?", o sujeito pegou e disse assim: "*Questo noble jornale.*" (risos) Porque todos custavam 200 réis e o nosso era 800. *Questo noble jornale.* Depois fizemos em, em revistinha...muito bonitinha, era assim, desse tamanho. A irmã de Otávio Faria, Heloísa de Faria, era gravadora e então fazia guache, fazia...gravuras em madeira, e... era até bonitinho, bem editado a coisa, mas ...(??) esgotou-se, esgotou-se o interesse. Aí houve coisas, houve grandes discussões, houve o caso, o caso da ... o..., o nome do filme..., eu era muito...Bernal.

WH - Burnô?

AC - Não. Bernal.

WH - Bernal mesmo.

AC - E... .. (ri), então tinha o, tinha aquele filme,, era um filme que tinha George O'Brien(?), dirigido pelo Bernal, e eu era loucamente aberto(?) por isso. O filme "(?) não gostava". (??) era um (?) do cinema americano que em (?) etc. Então (ri) tivemos uma polêmica no Fã sobre isso. Era muito engraçado ... uma aventura de uma aventura de ...

CF - Quanto tempo durou, Dr. Almir, esse Clube?

AC - Durou uns...durou uns quatro anos.

CF - Hum hum. Até que...

AC - (ri)Eu me lembro que eu deixei, uma vez todos os exames pra 2a. época, o meu pai ficou furioso, ... ele atribuiu tudo ao...ao...

CF - Ao Clube.

AC - ...ao Fã. Ao (?) Clube.

WH - Mas o sr. não deixou de perder o interesse pelo cinema, né, porque depois já, anos depois o sr. é chamado pro Festival?

AC - Não perdi interesse nenhum não, porque isso aí era Comissão do Itamarati pra escolher o filme. Éramos, tínhamos eu e a Tati. Sabe quem é a Tati? (barulho de telefone)

WH - Não...Tati?

AC - Tati de Moraes era a primeira mulher de (?), viva(?) ainda, né? E nós éramos do...da escolha dos filmes brasileiros que seriam apresentados no Festival. E hoje, ainda gosto muito de cinema, não vou mais à cinema porque ... fica meio difícil, eu só tenho ido à cinema nos últimos, vamos dizer, dez anos, é nos últimos cinco, seis anos, só tenho ido ao cinema quando (?), aí eu vou ao cinema quatro dias. (ri) Porque, por exemplo, uma hora em Paris, que eu (?) evidentemente, (??) a mesma coisa entre o Boulevard e o Parnasse e o (?), que é onde tem o grande cemitério, Cemitério de (?), etc. Bom. É... nesse, nesse, nessa redondeza, lá muito pouco cinema tem uma sala grande, coisa assim. Eles dividem assim: tem quatro, cinco, seis até oito salas dentro do cinema. Então você tem em volta de você oitenta filmes. Então você sai de casa e ... vai ao cinema. Era muito fácil.

CF - É verdade.

AC - E tem a todas as horas, você escolhe: ou pro lado de lá ou pro lado de cá, etc (ri). E aqui não, aqui é aquele negócio, Estação Botafogo...é um lugar difícil ir, né? E tem, tem até uma placa de...com Estação Botafogo,uma plaquinha de prata dando essa, dando essa..., como eu era o único vivo do Shopping Club(??)...

CF - Ah sim. O sr. foi homenageado.

AC - ...fui o único que recebi, fui homenageado... Tem uma gente muito boa lá. Tem o Aderbal(?) (?), um pessoal muito bom. E eu para apresentar lá a plaquinha(??).

WH - O sr. gostava mesmo é de cinema europeu, né? Mais do que o cinema americano.

AC - Ah, não. Gostava muito de cinema americano também. Não acha? São certas, certas, certas preferências, né?

WH - Claro. ... O sr. nunca pensou em ser diretor de cinema, ator, trabalhar em cinema?

AC - Não, não pensei nisso não. Aí até...

WH - Só a parte de crítica...?

AC - ...tem uma, tem um artigo que eu escrevi sobre (???), foi um homem excepcional, marido no fim, (?) de Lígia Fagundes Teles. E... é, quando ele morreu, me pediram, o... o, (?) eu acho, uma colaboração com a revista do Ministério da Educação. Eu mandei, fiz um artigo sobre isso, onde eu mostrava a diferença de..., a diferença das gerações novas, por exemplo, do que eu vi em Brasília

em matéria de cinema. Eu dizia: "Nós queremos estudar cinema, ver como se fazia, um estudo comparativo, é..., estudar as origens, a coisa as, etc". E em Brasília os meninos arranjavam, arranjavam uma câmara velha, endireitavam, eles queriam era fazer cinema. Então...era, era uma...era uma coisa atitudinal, completamente diferente e eu achava que era muito bom mesmo aquilo tudo que os meninos estavam fazendo. Porque lá, lá eu acho que foi o primeiro curso de cinema que houve, foi na Universidade de Brasília. Então botamos o Nelson Pereira dos Santos, que era o chefe disso e o, e o, começou no primeiro ano, eram conferências, toda semana o Paulo(?) ia pra lá fazia conferências, apresentavam filmes, documentários, etc. E só tinha dois cinemas em Brasília. Depois então, ... passou, passamos a fazer também na própria, na própria Universidade.

WH - Mas o sr. Dr. Almir, é... já voltando um pouco, pegando a sua trajetória na área de Educação e Cultura, o que o sr. não nos contou ainda é por que que o sr. saiu da área de Saúde Pública, na hora que dividiu o Ministério da Saúde...?

AC - Eu saí da, da Saúde Pública, porque...porque(ri), eu fui demitido do Serviço de Peste. Quando houve, o negócio de revolução, a... aquelas coisas todas, me demitiram do Serviço.

WH - Revolução?

AC - Não quando houve...

CF - Foi Miguel Couto Filho, né?

AC - É, foi Miguel Couto Filho.

CF - Que assumiu o Ministério...

AC - Eu acho que eu já até contei a vocês que, que ele me convidou pra jantar na casa dele, conversou e etc. Me disse da idéia de fazer, de fazer ah... ... de...de...

WH - Departament...

AC - ...de juntar os serviços todos num só e que eu disse a ele que eu pessoalmente não era favorável porque eram zonas(?) diferentes e pessoas treinadas em técnicas completamente diferentes. Não...não acredito que tenha sido por isso, que ele tenha, que ele tenha me demitido, foi, foi mais (ri) pra botar uma outra, outra pessoa que era o meu lugar tenente na, na Peste. E...

CF - Que era de confiança dele, né? (??)

AC - Não..., ele nunca tinha visto na vida. E... e... essa, essas coisas são, são pequenos...pequenas...é..., pequenas coisas que foram publicadas(?)...

WH - Mas o Miguel Couto Filho ficou menos...menos de um ano no, no Ministério?

AC - Não...não...

WH - O sr. não pensou em voltar depois que ele saiu?

AC - Não, não. Eu não sei como é que ele saiu, ele morreu?

WH - Não, ele saiu no final do Governo Vargas, com o suicídio do Vargas, não é?

AC - Foi?

WH - Foi.

AC - Não sei...

WH - Ficou um ano. Ficou em 54.

AC - E...e... ele era um pardo completo(?), um idiota. Não tinha. Tanto o pai dele tinha de competente e inteligente, quanto ele de, de idiota. ...Nunca... Dizem que o substituto atual meu, cavou essa história, não é? E eu continuo a tratá-lo exatamente como trato até hoje. (ri) Gosto muito dele e tudo isso. Mas, enfim...foi um, pra mim foi um choque, grande, porque eu estimava esse Serviço, eu tava alí há...

CF - Doze anos. Doze anos.

AC - ...doze anos. Aí, aí fui cuidar de outras coisas. Aí foi, foi muito bom porque eu..., o Anízio(?) me chamou pra Caixa(?), né? Sempre essas coisas se dão por intermédio de amigos. Eu não, eu não conhecia o Anízio. Eu...é... não conhecia o Anízio, mas tinha amigos que eram amicíssimos dele. E então, aí ele me chamou e perguntou se eu queria trabalhar com ele, assim, assim, assim, e eu disse que queria. E aí ... (ri) aí...não é, como diz ele, não é pra me gambá não, mas, o Anízio era um homem...uma alta inteligência, de uma cultura fabulosa. O Anízio é um homem que foi educado entre padres e destinava-se a ser padre. E antes de ser padre, antes de ser, o pai dele ofereceu a ele uma viagem à Europa, e ele disse que aceitou essa viagem para ver os lugares, assim, onde o Santo Inácio tinha se flagelado, entendeu, pra...

WH - A (?) religiosa mesma?

AC - É. Bem, ele então, ele disse: "Ninguém me ensina a ter fé não. Fé eu tive loucamente, eu dormi aonde Santo Inácio de Loyola se flagelava, etc, etc, etc." Agora, o que eu sei é que ele voltou...

WH - Desistiu?

AC - ...praticamente agnóstico. Não é? Bom, agnóstico, e aí começou o negócio que, como veio...fez a Universidade no Distrito Federal, que foi uma coisa maravilhosa e etc. Aí começaram a achar que era comunista, porque tinha comunistas em volta, esse negócio, e então ele teve a pecha de, de comunista(ri). Agora, pa... para...para a Capi(?), quem foi na...na...no Simão Lopes. E quando eu cheguei lá, a Capi(?) já funcionava há dois anos e pouco. Mas não tinha (?), absolutamente, nada.

Nada de nada e esse meu amigo que já morreu, o Jaime Duarte(?), irmão de Nestor Duarte, um Deputado e Senador, altamente inteligente. Ele, ele já me levou, eu acho que por causa disso, ... pra eu fazer o negócio marchar. Porque não tinha nada, não tinham feito absolutamente nada, até aquele momento, tinha um negócio de estudar as indústrias...no Sul e não sei que. Enfim, então a primeira coisa, (ri)logo assim que eu cheguei, foi...dizer: "Bom, (?), vamos, vamos tentar escrever, dizer, contar o que que é isso ou aquilo...". Aí eu fiz um programa pra CAPI(?), uma, uma agência, esse negócio assim, criada pra isso. Ah ... Atividades da CAPI(?), metas da CAPI(?), modo de chegar a essas coisas. Então, aí..., fiz um esquema de organização...

WH - Era uma espécie de regulamento, né? Estatuto?

AC - Não...não era...regulamento. Não, e dizendo tem tal, tal Seção, tem isso, tem a pontualidade, tem a Seção de Estatística e coisa, tem a Seção de, de...o Programa, como é que nós chamávamos..., Programa Universitário, Programa de Quadros Técnicos e Científicos, um Programa de, de...Estatística e, e... Documentação... e todos aqueles obrigatórios, Tesouraria...esse tipo de coisa assim. E aí, essa coisa toda foi publicada, passamos a fazer um boletim, um boletim mensal. Saía rigorosamente, nunca houve um atraso de um dia. Saía rigorosamente até o dia dez de cada ... O editor principal, era o Edson Carneiro, que era um...um homem folclorista(?), irmão do irmão do...desse Deputado muito importante, que fez todas essas coisas de...casamento de mulher e...

WH e CF - Nelson Carneiro.

AC - Nelson Carneiro. Era um homem muito bom.

Fita 8 – Lado A

*(som de rádio durante quase toda entrevista)

WH - Que o Sr. foi pra Brasília?

AC - É.

CF - Não. O Sr. não chegou a contar pra gente não.

AC - Um pouco alto...(?) (?). Brasília, o Darcy quando se implantou mesmo na cidade, Darcy e eu naturalmente ía muito lá porque era da comissão de implantação (tosse). O Darcy foi, (tosse) foi era o presidente e... e... o Anísio Teixeira era o reitor, o Darci e ele era o vice-reitor, o Anísio (tosse). Bom, então eu ia lá quase todo mês...pra tratar...enfim pra tratar eu, porque eu tinha também um...uma certa função dentro da... da universidade. O que eu sei é que um dia o Darcy comete a maluquice de aceitar ser chefe de gabinete do Jango, aí me surge lá em casa de manhã, sem avisar e diz "Almir, eu vim te fazer um pedido, eu aceitei o coisa." Eu aceitei, disse foi erro fatal. (risos) Mas, mas aceitei esse encargo e você sabe, o Anísio é imobilista.

WH - Por que o Sr. disse que era um erro fatal, ele aceitar o cargo?

AC - Fatal porque foi, né. Estupriou-se (?) todo, né? (risos).

WH - O Sr. tinha, o Sr. já tinha essa idéia que o governo Jango tava complicado, tava problemático?

AC - Tinha, tinha, ninguém admitia. O Jango era uma pessoa que as pessoas não engoliam e era Vargas. E tavam ...os Castelos Brancos inteiros estavam aguardando, toda a reação estava aguardando, eu disse...Bom, eu disse...não, não, você, eu preciso que você vá porque se não o negócio pára, pára todo porque ele é imobilista e não tem nenhum, nenhum gosto pela universidade brasileira (risos). De fato, Anísio não tinha gosto nenhum. Eu pensei e disse vou, vou. Vou, porque eu já tinha tomado tanta parte naquilo que já... já achava que era um pouco meu também. E aí fui pra lá, fui pra lá e fiquei dois anos lá e achei...foi uma experiência esplêndida pra mim, uma experiência realmente muito boa, que assistí a coisas incríveis, assim essa... o Castelo Branco telefonar, aí já não era mais o Anísio, já era o Zeferino Vaz, que veio pra ser reitor. Então o Zeferino, nós oito horas da manhã no gabinete do reitor, o Zeferino Vaz e telefonava o Castelo Branco, ele próprio "...oooo... Reitor... Professor, então, eu ouvi falar que vai haver uma greve no refeitório."

CF - O próprio Presidente! (risos).

AC - O Presidente da República telefonar...veja que coisa paroquial, né. Telefonar pra saber se...ia haver...(risos). Eu disse, assim que eu saiba não, (risos) mas vou tomar alguma providência etc, etc. Bom e eu ainda me consegui agüentar por um, por um ... quase dois anos. O Zeferino era uma pessoa independente, não iria a extremos mas enfim era um homem independente, muito inteligente, e que tinha feito .. ah.. feito ah... a universidade, e tinha feito ah... Campinas. Ele fez um negócio realmente muito bom. Então eu fiquei lá nesse setor fiquei quase dois anos. Agora, as coisas esquentavam porque o começo de você, de ter certa abertura, não é, facilitava com que as pessoas viessem e trabalhassem pra regular as pessoas, pros alunos fazerem greve, aquela coisa comum nas universidades. Agora, ao mesmo tempo tinham pessoas que não tinham o que fazer. O pessoal todo da, da repressão, e seguranças e polícia e detetives em Brasília, eles não tinham nada o que fazer, então matriculavam-se nas Universidades e aí tudo o que ouviam o professor dizer, se dissesse uma graça, etc era imediatamente comunicado, houve vários que tiveram certas, certos aborrecimentos, etc. E...e...

CF - Era uma vigilância constante.

AC - É, era uma vigilância constante. E o negócio acabou quando, quando com a quebra do Jango, o Darcy, o Darcy foi embora pra não ser preso, né. E inventaram que ela tinha levado dinheiro, não sei quê, tudo. Tudo era mentira. O Anísio não estava, de modo que quem recebeu dezessete tanques com a... granadeiros, pessoas, coisas, etc. e um bobinho lá, fui...fui eu. Na rampa, eu (risos) recebendo essa gente, eu digo, como é que a gente chama..., não me lembro agora. Nem eu saberia dizer qual era o posto dele pela farda, eu digo "Mas Sr. Fulano, para que esse aparato todo?" "Ah, nós ouvimos falar que a faculdade ia reagir, que os estudantes iam reagir." (risos) "Reagir como?" "Ah, não sei quê e tal..." Aí tá, tá aí, os arquivos estão todos abertos, ... pra quem quiser. Eu acho até que já contei isso pra vocês, que no fim confiscaram dois livros e trouxeram-nos

em Triunfo, um era [“(?) Le Rouge(?)”], (barulho de chiado de alguém), de (?) o outro era o(?) de Sherlock Holmes: “Um Estudo Vermelho.” (risos) Isso não é piada, foi, realmente aconteceu isso.

WH - Mas não tem outra...outra pessoa que conta que confiscaram o livro “O Cubismo”? Por conta do cubismo de Picasso, pensou que era coisa de Cuba, dos comunistas. (risos).

AC - Não, isso não é verdade.

WH - Esses não confiscaram não.

AC - Não. (risos)Foram esses dois livros que trouxeram e...foi um momento meio difícil que andaram prendendo gente...

WH - Lá na Universidade de Brasília prenderam muita gente?

AC - Prenderam, prenderam assim, mas felizmente conseguimos soltar. Prenderam até um que tinha quebrado o braço e a perna, tava numa certa dificuldade. Nó...nós resolvemos a coisa, agora...

CF - E o Sr. pessoalmente, Dr. Almir, o Sr. sofreu alguma pressão direta...?

AC - Não, eu não sofri pressão, pressão nenhuma, mas...evidentemente eu não, não iria, ia ficar até a coisa cair, né. Bom, o Anísio tava no Rio, aí depois então nomearam um reitor novo, esse reitor novo era uma pessoa até que nós conhecíamos muito de São Paulo, Laerte, que era um camarada meio, era assim meio noturno, que parece que gostava um pouquinho da da Urca, sabe. O que eu sei é que aí, aí, aí...eles começam a fazer coisas, né. O sujeito vê n... ah.... tal, era dirigida por...tinha sete pessoas que era uma comissão que dirigia. Eu naturalmente pedi demissão...e... essa coisa e o Laerte disse que não, fazia questão que eu ficasse etc e... e... assim, bom, quando chegou uns três ou quatro dias depois de chegar (risos), uns estudantes botaram assim quinhentas garrafas em pé, vazias ou com água ou uma coisa assim, no itinerário, de modo que quando ele chegou foi vendo (risos) o itinerário do negócio, pinguço. E aí ele ficou uma fúria e aí foi, a coisa foi esquentando e esquentando e (?).

WH - É, ele virou inimigo dos alunos também, né.

AC - É, ficou impossível, depois iam pessoas um pouco pra agitar, né. Tinha esse Carlos Heitor Cony, se lembra desse camarada, não é do seu tempo não...

CF e WH - Ele escreve, é um cronista.

AC - Escreve, escreve, mas era muito de esquerda nessa ocasião etc, e ficava um pouco incitando, em vez de ficarem calados, né, ficava incitando e...eu sei que chegou um dia eu achei que era, que pra não ser mandado embora era melhor eu ir embora. E aí...

WH - Aí o Sr. voltou pro Rio de Janeiro.

AC - Voltei pro Rio de Janeiro. Teve uma coisa que eu fui e voltei de novo...até quando eu fiz discurso lá eu disse que se tivesse que voltar eu voltaria etc, e acabou a aventura.

CF - Dr. Almir, deixa eu só perguntar uma coisinha pro Sr., só voltando um pouquinho só no tempo. Em 1963 o Sr. foi coordenador de uma missão científica ao leste europeu, o Sr. podia falar um pouquinho? Dessa experiência...

AC - Podia. Esse negócio foi uma...como sempre idéia do Darcy com o Jango, o Darcy arranjou a... cem mil sacas de café, era uma coisa, dos números não estou certo. Bom, cem mil sacas de café que seriam trocados por material científico, então era uma coisa que nós... é... esses países nos deviam dinheiro. Então nós organizamos uma coisa com os embaixadores daqui etc etc, que eram, que era quatro países do leste europeu, que era a Polônia, a Tchecoslováquia, a Alemanha Oriental e a Rússia. Foi uma maravilha conhecer esses quatro, esses quatro países. Bom, o chefe geral da delegação seria o embaixador Paulo, Paulo Carneiro, que nesse momento era...era o embaixador do Brasil junto à UNESCO, ele não era embaixador de carreira, mas ele foi durante muitos anos da UNESCO, diretor da UNESCO, etc. E aí tinha sido nomeado embaixador do Brasil junto à UNESCO, as grandes organizações tinham, por exemplo na Organização Mundial de Saúde não tinha brasileiro, mas tinham vários...vários embaixadores e (?) em geral os países têm mais diplomatas do que precisam, então botam assim certas, em certos lugares. Então Paulo Carneiro era o chefe da delegação e eu era o ...o...um nome qualquer...sub-chefe...eu sei que eu substituo, substituí o Paulo quando ele não podia funcionar, porque tinha... na da Alemanha, por exemplo ele não podia ...ele não podia funcionar porque nós não tínhamos relações com a Alemanha Oriental. E aí fez-se uma, fez-se grupo de especialistas, então que eu me lembre de alguns deles, tinha o Salmo Eron, que era um grande físico brasileiro, tinha o Leite Lopes, tinha um camarada chamado Tom, que eu não me lembro o que ele era...

WH - Como, como era o nome dele?

AC - Tom, mas eu não me lembro o sobrenome. Era um especia... o Cordeiro, eram especialistas nos vários campos. Tinha o Jaques Danum, que era de física, tinha um de matemática que eu ... agora não tô lembrado, mas bem, eram assim, vamo dizer, dez pessoas.

WH - O Dr. Tito Cavalcanti, o Sr. se lembra se ele foi?

AC - Tito Cavalcanti me lembro, não, mas Tito não foi não.

WH - Por que teve outra...teve outras missões ao leste europeu ou essa foi a única?

AC - Não, essa foi a única. Por que, tem alguma referência a...?

WH - Não, a gente fez uma entrevista com o Dr. Tito Cavalcanti e ...

AC - Ele foi a essa...?

WH - Ele foi, me contou que foram, conheceram os campos de concentração...na Polônia.

AC - Então foi, então estava, mas eu não..., o Tito era uma pessoa meio retraída, de modo que (risos) talvez não tenha se salientado muito.

WH - É verdade.

AC - E foi uma coisa interessantíssima porque nós levamos quarenta dias, dez dias em cada país, no fim... o... o... café não veio...(risos)...não veio...e, mas nós trouxemos muito material desses lugares todos, né. Muita coisa de livro, muita coisa de...e também compramos coisa adoidado por lá, tapetes e o diabo (risos).

WH - Foi uma viagem científica e turística ao mesmo tempo, né?

AC - Não, porque evidentemente essas pessoas nesses lugares, em cada um tinha um embaixador que cuidava de nós, por exemplo chegamos logo na Polônia, na Polônia, se eu não me engano era o ... aquele que não tinha mão irmão... era ...ah... Jaime...Jaime...não sei que...era um embaixador muito bom, não tinha mão...

WH - Um embaixador brasileiro na Polônia, na época? Não tinha um braço?

AC - É, é. Não tinha um braço. Era uma pessoa muito conhecida. E que era casado com uma moça, que eu me lembro muito lá do Humaitá, uma moça muito feia e (risos) era namorado da Rosina de Rímine, Rosina da Rímine, você já ouviu falar?

WH - Não.

AC - Menina prodígio, sabe. Era uma menina assim que era de Alagoas e era dirigida por uma grande cantora que era professora dela. E aí essa menina era uma coisa assim, botava, ela tocava área, coisas é... óperas fantásticas, e era, era um...uma mocinha, uma menina assim de doze anos. Que eu me lembro muito de ter visto aqui no...no...Brasil. E depois na Tchecoslováquia quem era?... Não me lembro quem era o... Na Alemanha Oriental... na Alemanha Oriental...na Alemanha Oriental... tinha o..., na Alemanha Oriental o Paulo não podia aparecer, eu é que chefei porque nós não tínhamos relações... na Alemanha Oriental, naquele tempo.

WH - E não tiveram problemas pra entrar na Alemanha Oriental?

AC - Não, não, não tinha problema nenhum.

WH - Os Srs. sempre foram bem recebidos?

AC - Muito bem recebidos. Tudo.

WH - Os cientistas brasileiros?

AC - E nós já íamos já, já... essas pessoas conheciam bem os lugares e já sabiam as, os lugares que

devíamos visitar... Eram ...

WH - Os Srs. tinham contato, né.

AC - Eram fábricas de material científico e universidades. E aí fomos a isso e finalmente fomos à Rússia que era, que era uma...uma...ninguém tinha ido à Rússia, ninguém conhecia e foi uma oportunidade maravilhosa, né. Chegamos em todos os lugares e nos davam...

WH - O Sr. Gostou, chegou a conheceu...?

AC - Adorei, gostei muito, gostei muito. Nesse tempo estava indo pra lá ... eu acho até que nem estava indo... era o Vasco Leitão da Cunha, estava indo pra Rússia, mas eu acho que ele não tinha ainda tomado posse, tinha alguém substituindo, tinha uma senhora do Itamaraty que tomava conta, eu sei é que foi, foi uma coisa muito interessante e depois nós fomos a Stalingrado, Stalingrado que é uma, que é uma uma graça, que é onde tem o Ermitage, o célebre museu de arte da Rússia. E, e na própria Moscou tem muita coisa pra se ver, tem, tem toda a coisa do Kremlin, não é, que é um conjunto assim fabuloso...

WH - Praça Vermelha...

AC - ... em frente tem o, como é que se chama, (?) tem o maior shopping center do mundo naquela ocasião, uma coisa enorme...

WH - Shopping center na Rússia é uma coisa diferente.

AC - É, mas um shopping center fabuloso, como era o nome? ... Eu sei que era na mesma, na mesma praça que tinha o túmulo de... de Stálin. E que era, do lado de cá fica todo o conjunto do Kremlin...

WH - A Praça Vermelha, né, que se chama?

AC - Praça Vermelha e aí na frente a tal Zumbu lú (?). No momento era considerado o maior shopping center do mundo. E então ficamos lá os dias, os dias combinados. E essa visita a Stalingrado foi uma graça porque o trem, o trem era uma gracinha, trem noturno que se vai assim e tal e tem ... parece um trem de boneca, sabe, é uma coisa assim tão bonitinha e comida muito boa e tal e, naturalmente, caviar no caso, né. Nesse lugar nós descontamos, né. E lá nós, nós, não me lembro se passamos uma noite, acho que passamos uma noite e voltamos no dia seguinte.

WH - E sobre o modelo político econômico da Rússia...

AC - Hein?

WH - Sobre o modelo político e econômico da União Soviética? Os Srs. conversavam? O que os Srs. achavam disso?

AC - Não, não, não conversávamos, sobre isso nós não conversávamos não. Esse tipo de problema,

não. Tinha os...

WH - Não se falava de política, Dr. Almir?

AC - Não, não se falava de política. Não era de bom tom falar, né. Agora tinha uns, uns... gabarolas, umas coisas, tinha uns, uns intérpretes. Sempre tinham intérpretes, né. Esses intérpretes eram pessoas (risos) as vezes meio indiscretas. Então diziam assim: “Eu ganho mais do que o meu pai, meu pai é professor.” (risos) E, e, e todos se diziam muito satisfeitos com a , com a ... Agora, todas as coisas que têm nos outros países, moças, moças telefonavam de noite para o hotel perguntando se queria receber visitas. Ah...mesmas coisas que tem em toda parte. E foi uma experiência realmente muito interessante.

WH - E aí o Sr. tava contando que veio o golpe militar, o Sr. não se sentiu bem em Brasília e voltou para o Rio.

AC - Voltei para o Rio.

WH - Aí o Sr. foi trabalhar na, já na...

CF - No Museu de Arte Moderna.

WH - No Museu de Arte Moderna e na Sociedade...

AC - Aí não tinha o que fazer, então nós fomos pro Museu de Arte Moderna onde a Niomar tinha, que é essa...

WH - A Niomar?

AC - A Niomar Muniz Sodré, que era casada com o Paulo Bitancour, diretor do Correio da Manhã. Então a Niomar mandava e desmandava no Museu, o Museu foi feito por ela. Projeto do Afonso Eduardo Riggi que foi meu colega de colégio no Santo Inácio e então a ... ela elegeu essa diretoria nova, aqui até tem o cargo...

WH - (barulho de papel sendo mexido) Diretor executivo associado do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro de 1966 ...

AC - Fui diretor mesmo executivo, o diretor era o Maurício Roberto. Bom, eu era o... ..o (?) dele, quer dizer, eu que o substituiria nas eventualidades etc. E, agora, tinha um presidente, que em geral era um figurão assim da indústria, disso e daquilo que, durante a nossa passagem lá, houve uns três. Eu não me lembro quem era, em geral a coisa botava um grande empresário, achando que...

WH - Só pra dar aquela imagem, né?

AC - Não, e, e... e... dar dinheiro que não dava. Mas eu tenho a impressão que o primeiro foi o Magalhães Pinto. Foi o Magalhães Pinto.

WH - Bem na época do golpe militar, né. O Magalhães Pinto era ministro. Ministro das relações exteriores, não era ele?

AC - Magalhães Pinto foi ministro das relações exteriores?

WH - Foi. Até 66. Depois ele saiu, se desentendeu com os militares e saiu.

AC - É. Eu não me lembro muito exatamente se era ele, eu sei que ele esteve, ele esteve e também nunca lavou(?)...

WH - É, porque ele é dono do Banco Nacional...

CF - Hum, hum.

AC - Nacional não. Era Nacional? Ah é, era Nacional.

WH - Era Banco Nacional.

AC - Era sim. Mas não, não lavou dinheiro não (risos). Mas, aí é que nós, aí eu, eu tava mesmo no meu ambiente porque era, tratava-se de organizar uma coisa que era absolutamente caótica. Não tinha nada, não tinha um protocolo, um registro, não se sabia onde estava coisa nenhuma, então isso tudo nós fizemos, eu fiz um treinamento; na CAPES eu mandei uma pessoa maravilhosa que eu há muito tempo não vejo, tenho uma saudade muito grande, que é Mariinha Gonçalves Ferreira. Mariinha Gonçalves Ferreira é de uma família tradicional pernambucana, prima de Aloisio Sales, não o médico, Aloisio Sales *socialite*. E uma senhora assim muito bonita, cabelo quase branco, que era mulher do Antônio Maria, separada dele com dois filhos, uma filha e um filho. E ela então, o Aloisio pediu pra aproveitá-la lá, ele foi lá como secretária. Mas ela não sabia, nunca tinha pegado numa máquina de escrever. E eu então (risos), ela...todo dia ela chorava, eu aí peguei, mandei ela fazer um estágio na CAPES com a Tereza Venâncio, mulher do Alberto Venâncio, que é quem tomava conta do protocolo. Pra aprender a protocolar as coisas que chegavam, porque se não você não podia encontrar coisa nenhuma, né. Então ela aprendeu e depois deixou de chorar, né, (risos) muito minha amiga que era, e então passou a ter tudo, ter fichário, saber aonde estava. E eu então fizemos, criamos alguns...naquele tempo...tava muito americanizado e chamava de *pendell* (?). *Pendell* era uma espécie de painel ... é...um grupo, um grupo de trabalho. Então criei um grupo de trabalho pra aceitação de doações ou não, porque tem muita coisa que oferecem e não quer, né. A coisa de remessa para exposições fora, o que se deveria mandar e etc, enfim, nós mudamos aquilo de fundo a ponta (?). Realmente foi uma coisa muito boa, demos um apoio total à cinemateca que era muito, a cinemateca sempre teve uma certa má vontade no Museu de Arte Moderna porque eles tinham uns convênios com os cinemas e tinham uma verba direta que eles empregavam em comprar filmes, fazer essas coisas e etc; e isso causava uma certa raiva no tesoureiro. Mas de qualquer maneira era o Cosme que era um rapaz muito, muito hábil e, e incentivamos essa coisa toda e eu fiquei lá dois anos.

WH - Quer dizer, Dr. Almir, no fundo, no fundo eu tava pensando na sua história, na sua trajetória

que o Sr. tava nos contando. O Sr. entra pra medicina, faz especialização em saúde pública, mas para além de ser um homem de saúde pública, o Sr. era realmente uma pessoa que gostava de organizar, de organização...

AC - É, exatamente. A minha, a minha especialidade na vida era organizar coisas.

WH - Quer dizer, até na saúde pública o Sr. tem essa característica, né.

AC - Tenho, tenho, tenho. Mas aí é ao mesmo tempo organizava e exercia a ...a coisa, quer dizer, comungava os órgãos em que eu estive.

WH - Quer dizer, o Sr. acha que esse é o perfil de um sanitarista? Um homem de organização?

AC - Não, não, não, não sei se eu teria muita afinição pra isso, provavelmente não porque eu acho que (?) a saúde pública para não, porque não queria...oh...

WH - Fazer medicina.

AC - Fazer a clínica e fazer a medicina, né. De modo que na verdade, na verdade eu acho que eu sou um organizador das coisas.

WH - Que lhe permitiu trabalhar em outras áreas, né. Educação, cultura. E o senhor depois foi... (A fita foi interrompida)

AC - O Cândido(?)...

WH - Isso, a gente vai falar sobre a sua vinda pra cá. Aliás, o Sr. se aposentou primeiro, né, antes de vir pra cá?

AC - Aposentei, quando, quando eu saí da CAPES eu me aposentei.

WH - Do, do Departamento Nacional de Saúde, né?

AC - Não, não, eu me aposentei em 66.

WH - Isso. O Sr. ainda era do Departamento Nacional de Saúde?

AC - Não, eu era, eu me aposentei da, do Ministério da Saúde. Era...

CF - O Sr. estava cedido pro setor de educação, formalmente o Sr. continuava vinculado ao Departamento Nacional de Saúde?

AC - Claro, continuava, eu recebia por lá tudo. Não, quando eu estava na CAPES recebia pela CAPES.

CF - Mas o Sr. era cedo, né? Porque se o Sr. se aposentou por lá é porque o Sr. permaneceu nos quadros do Departamento Nacional de Saúde? Foi isso?

AC - Sim, sempre.

WH - E não chamaram o Sr., por exemplo, o Mário Pinotti, (?) (?)...?

AC - Não, mas... (?). Não, eram meus amigos. (?) (?) não, ..., mas o Mário Pinotti era amigo de todo mundo, de modo que não ia me chamar, sabia que eu tava trabalhando com o Aloísio...

WH - Que o Sr. tava bem.

AC - Que eu tava bem, não iria chamar. Agora, (tosse) eu me aposentei mesmo foi quando saí da CAPES. Mas é que a CAPES até que viesse a célebre Suzana Gonçalves, Suzana Gonçalves era, era cunhada do Castelo Branco. Então, até que ela viesse, ela demorou muito em vir, não sei lá se estava intimidada e eu fazia apelos para que ela viesse porque n...h... não era mais lá, eu não tava querendo ficar, né. No final, eu aí pedi a aposentadoria...em 66, né.

WH - Isso, quer dizer, o Sr. pediu a aposentadoria porque já era uma questão que o Sr. já tava na idade de pedir ou tava cansado de trabalhar pra...?

AC - Não, já estava na idade. Não, já tinha ...suficiente.

WH - Tava cansado também de trabalhar pro serviço público?

AC - 66 eu tinha 55 anos.

WH - O Sr. era novo ainda.

AC - Sim, mas pra que ficar numa coisa que eu não queria mais? Eu ia mexer em outras, outras áreas. Bom, agora, quando...

WH - O Sr. realmente não estava mais interessado em trabalhar em saúde pública? Em voltar pra saúde pública?

AC - Não, não. Eu em Brasília, o Cândido foi lá mais de uma vez. E o Cândido faz um sucesso muito grande, sempre, aonde está e etc e etc. E lá então ele começou a me convidar pra trabalhar aqui. E quando eu cheguei, quando eu cheguei, ele imediatamente me chamou, me procurou pra vir, pra vir pra cá. Eu aí... disse não quero aceitar nada agora, eu tô, eu tô, eu tava assim de muito mau humor com essas coisas todas e levei um certo tempo pra aceitar vir. E só vim mesmo, se eu não me engano, em 67. (Som de rádio no fundo).

WH - Isso.

AC - Em 67 e aí, daqui pra lá eu tenho... sempre trabalhei aqui com, com o Cândido, né.

WH - E o Sr., que tipo de trabalho o Sr. desenvolveu?

AC - Aqui eu era um assessor especial da Presidência, pra o que desse e viesse. Aí foi sendo, eu fui pra diretoria, né, pra diretoria, depois subi na diretoria... passando ser isso, ser isso, ser aquilo... Depois, e aí durante esse tempo todo, eu e (?) (?) fazíamos o planejamento das atividades, reuniões aqui e fora daqui e é... fui, fui sendo diretor e coisa e coisa.

Fita 8 – Lado B

AC - Não isso aí não precisa gravar.

WH - Vamos terminar a entrevista, Dr. Almir, quer dizer, o Sr. tava dizendo que o Sr. trabalha aqui na Sociedade Brasileira de Instrução, na Faculdade Cândido Mendes, tem um horário mais ou menos livre, flexível...

AC - Não, não, eu tenho um horário livre, mas eu tenho um horário livre, mas eu cumpro o horário.

WH - O Sr. é que construiu o seu horário de trabalho...

AC - Não, mas é o meu e o de todo mundo, de meio dia as seis.

WH - Isso. E aí o Sr. agora tá se dedicando ao estudo de gastos...

AC - O que eu faço é estudar, é... o que eu queira fazer é o estudo do funcionamento daqui (?). E é isto o que eu estou fazendo.

WH - O Sr. colaborou quando o IUPERJ foi criado, o Sr tava no...?

AC - Claro. Tava totalmente nisso.

WH - Novamente organizando, a parte de organização?

AC - Sim, o IUPERJ...o IUPERJ, deixa eu ver exatamente como foi criado, o IUPERJ começou aqui, lá num sotãozinho que tinha, antes de fazer o edifício novo (?), e era uma coisa relativamente pequena, com amigos do (?), Wanderley principalmente, Wanderley, o César,

WH - César Guimarães.

AC - César Guimarães, um... .. grupo de pessoas, depois foi crescendo, veio vindo o (?), Wanderley...

WH - Guilherme dos Santos.

AC - É, o dos Santos que é certamente o mais importante, mas agora não está mais.

WH - É, isso mesmo.

AC - E... e... pessoas, Regina, a Regina, foi até diretora durante algum tempo, enfim, um grupo muito grande e aí foi crescendo, depois nós pegamos... ..o Hélio Jaguaribe tinha uma...um negócio dele ali na rua da Matriz, numa casa muito boa, essa casa foi... foi englobada pelo IUPERJ, que é onde existe, depois de grandes reformas todas e etc e tá funcionando lá há muito tempo, né.

WH - E o Sr. participou de toda essa organização do IUPERJ?

AC - Sim. Porque sou...muito amigo das pessoas e...e... tudo isso, tivemos sempre relações muito, muito estreitas.

WH - Dr. Almir, pra terminar a entrevista eu queria lhe fazer uma pergunta, talvez o Sr....que é o seguinte, hoje né o Sr. saiu da saúde pública depois de tantos anos trabalhando. Como é que o Sr. vê a saúde pública hoje?

AC - Eu...eu...não...não penso nisso hoje.

WH - Quer dizer, o Sr. realmente largou...

AC - Não tô pensando...nã... não...é...é... é ...carta...

WH - Fora do baralho.

AC - Fora do baralho (risos). N... nem tenho nem vejo problemas.

WH - Quer dizer, o Sr. se desiludiu com a saúde pública ou simplesmente foi deixando...?

AC - Não, eu... não me desiludi, a pessoa não pode...não pode ficar com...com tudo aquilo...ir incorporando e não largar. Você tem que deixar de prestar atenção numa coisa e noutra...

WH - Ahhh...(?).

AC - É. Á mim...no meu ideal seria ficar em casa lendo, viajar e pronto, só... só mais nada, né. Eu tenho podido fazer isso até agora porque sou sozinho, não tenho ninguém, quer dizer, tenho sobrinhos, minha cunhada, meus sobrinhos, etc., amigos muito grandes e amigas, mas eu não tenho ninguém propriamente dependendo de mim. Então por isso fazendo uma série de...de...de pequenos sacrifícios que eu faço porque eu tenho um enorme prazer em viajar. Esse negócio de ir para fora é uma...respiração...é uma coisa muit...que...que eu gosto muito, não sei até quando poderei fazer porque isso é uma coisa que depende também de força física e de saúde, né, e...e... vou marchando...assim (risos).

WH - O Sr. vai agora esse ano viajar também?

AC - Eu estou pretendendo, se...se...eu vou ter ganho(?) em saúde pra ir eu não sei, já me livrei da catarata que eu tinha que fazer, deixando pra fazer na volta, né. Agora, se eu vou estar em saúde é... ..suficiente etc, etc pra isso, só na hora que eu sei, tudo está preparado, passagem comprada, eh...todas as etapas marcadas, vôos, horas, etc. E já as pessoas alertadas lá...

WH - Todo mundo esperando o Sr.?

AC - Depois eu confirmo, né, as reservas são sempre nos mesmos hotéis, as coisas, eh...sou uma pessoa mais ou menos rotineira, quando encontro um lugar que é conveniente e não é excessivamente caro nem nada, agora, está se tornando cada vez mais difícil, num país em que se chega a essa loucura de (?) (?) (?), lá não é assim, então...ah...fica difícil, você vai pra países em que, na França por exemplo a inflação é dois e meio por ano...

WH - É verdade, a gente perde a noção.

AC - Aqui é quarenta por mês.

CF - Pra gente tudo é muito mais difícil.

AC - É, muito difícil.

CF - Dr. Almir deixa eu só fazer uma perguntinha pro Sr., que o Sr. tá falando, quer dizer, que hoje em dia o Sr. não pensa mais em saúde pública, que o Sr. se voltou muito pra outra área, mas o Sr. até hoje, quer dizer, o Sr. fez amizades muito fortes, né, durante essa época que o Sr. trabalhou em saúde pública e até hoje o Sr. participa daqueles encontros de sanitaristas, né, uma vez por mês, não é isso?

AC - É, almoços, são almoço que nós fazemos.

CF - E nesses encontros, as pessoas conversam sobre saúde hoje em dia? É um encontro pessoal...? Não existe nada disso?

AC - Não, não, não. Só conversa sobre (?) e sobre as coisas que estão acontecendo em volta de nós. Mais propriamente é isso...e...de saúde e de (?)técnicas, isso não. Não interessa a mais ninguém, são todas pessoas aposentadas.

CF - Mas é um grupo de sanitaristas, não é? São só sanitaristas, né?

AC - Só, é, é.

WH - Quem são as pessoas que se encontram?

AC - Olha aqui tem Celso Arcoverde de Freitas, que foi meu companheiro da peste, tem um livro

sobre peste, né.

CF - Hum, hum, é nosso próximo entrevistado, vai ser ele.

AC - Tem o Aristides Celso Correa Limaverde, tem o Alfredo Norberto Bica, amigo antiquíssimo, tem o Romeiro, que é engenheiro sanitário, tem...

CF - Romeiro eu não conheço. Ele trabalhou aonde, Dr. Almir?

AC - Ele trabalhou muito tempo também nos Estados Unidos, na Organização Sanitária Panamericana, aonde o Bica também trabalhou vinte anos... tem a aposentadoria em dólar (risos)e...é um sujeito muito bom ...e...vamos dizer (?) tem pessoas que eu até as vezes nem sei direito o nome, né, mas a conversa é sobre...sobre aquilo que está acontecendo em volta de nós, ...sobre...a...esse esse jantar já foi, almoço já foi em uma porção de lugares, a fase áurea era quando era no Clube da Aeronáutica, que é ali perto da Saúde dos Portos, perto do mar, que era uma coisa da aeronáutica, eram mesas assim do tamanho dessa sala estreita naturalmente, mas carregadas de coisas das coisas mais deliciosas (risos). Tinha quatro ou cinco, era uma comilança, um negócio e era muito barato, mas depois de ficarmos assim quase um ano, aí disseram que não ia, que não davam mais pra, porque era amizade do (?) que era da Saúde dos Portos, que aí disseram que já não estava dando porque, vamos dizer, a mesa...que aí ia muita gente, né. A mesa que nós ocupávamos já estava sendo necessária pra eles próprios, etc. Aí andamos por uma porção de lugares, fizemos na Colombo, mas a Colombo tá numa decadência horrenda, mas depois fizemos numas outras que ficaram assim e agora estamos no Clube da Aeronáutica.

WH - Voltaram pro Clube da Aeronáutica?

CF - Não. Agora é aqui...

AC - Não, Clube Militar. Que também é bastante razoável, mas afinal vão muito poucas pessoas, vão sete, oito.

CF - Mas todo mês vocês se encontram, né?

AC - Todo mês. Primeira quinta-feira de cada mês.

WH - Você quer fazer mais alguma pergunta?

CF - Não.

WH - O Sr. quer dizer mais alguma coisa na nossa entrevista?

AC - Não (risos). Acho que tá tudo bem.

WH - Bom, então acabamos por aqui, queremos lhe agradecer, né.

